

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



MULHERES E HOMENS SERÃO MESMO DE PLANETAS DISTINTOS?  
CONCEPTUALIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS DE AMOR, AMIZADE, PAIXÃO E  
ATRACÇÃO

Ana Filipa C. Ramalho L. Santos

**Nº 11452**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

**2009**

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

MULHERES E HOMENS SERÃO MESMO DE PLANETAS DISTINTOS?  
CONCEPTUALIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS DE AMOR, AMIZADE, PAIXÃO E  
ATRACÇÃO

**Ana Filipa C. Ramalho L. Santos**

Dissertação orientada por Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Garcia-Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia**

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

**2009**

Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Garcia-Marques apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade em Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2<sup>a</sup> série de 26 de Setembro de 2006.

## Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Teresa Garcia-Marques por todo o apoio que me deu, por todas as críticas e sugestões feitas ao longo da realização da presente tese de dissertação de mestrado. Também ao Mestre David Rodrigues deixo aqui uma palavra de apreço por todas as sugestões e ideias que me impulsionaram na realização deste trabalho.

A todos os sujeitos que participaram neste estudo, um muito obrigada, pela disponibilidade sempre presente e pela paciência e simpatia com que se entregaram a questionários com horas de preenchimento.

Quero também agradecer ao Ricardo por toda a compreensão, por estar sempre presente e por me motivar quando achei que não era capaz. Aos meus pais por todo o suporte e por me proporcionarem o que de mais importante eu posso adquirir, conhecimento. Agradeço especialmente ao meu pai por acreditar sempre que consigo chegar mais longe.

Por último, agradeço aos meus amigos, Joana, Pimpão, Zé Pedro, André, Sónia, Ana Patrícia, Diana, Vítor e a todos os outros que ficam por referir, cuja contribuição e apoio foram fundamentais para a realização deste estudo.

Muito obrigada a todos.

Neste trabalho pretendemos aceder a constructos definidores das relações interpessoais como o Amor, Amizade, Paixão e Atracção. Esta questão é relevante, por exemplo, para saber se os instrumentos de medida utilizados para estes conceitos medem aquilo a que se propõem. Será que conseguem medir distintamente os sentimentos de Amor, Atracção, Paixão e Amizade? Ou será que na natureza humana estes sentimentos se sobrepõem de tal forma que é impossível separá-los objectivamente? Para o efeito, fizemos um levantamento exaustivo das formas avaliativas escritas utilizadas por diferentes instrumentos, de modo a aceder a cada um destes constructos, e realizámos um estudo correlacional que se propõe lançar uma nova perspectiva na interpretação da conceptualização dos sentimentos de atracção. Verificámos que os constructos se sobrepõem em diferentes graus, que homens e mulheres não percebem os constructos de forma semelhante, e que as mulheres respondem mais fielmente às escalas em estudo. Se os constructos são percebidos como conceptualmente diferentes para ambos os sexos, talvez se devam construir instrumentos que permitam esta dualidade conceptual. A replicação deste estudo é sugerida, a fim de se obter mais informação acerca deste tema.

Palavras-chave: amor, amizade, atracção, paixão, instrumentos, género.

In this study we attempt to assess defining constructs of interpersonal relationships like Love, Friendship, Passion, and Attraction. This is a relevant question to know, for instance, if the instruments used to measure these concepts are really measuring what they propose to. Do they really measure distinctly the feelings of Love, Friendship, Attraction, and Passion? Or is it that in the human nature they overlap in such way that it's impossible to apart them objectively? We proceeded to an exhausting survey of the written forms of evaluation in several instruments and made a correlational study with the intent of giving a new perspective to the interpretation of the attraction feelings conceptualization. We found that the constructs overlap in different degrees, that men and women don't perceive similarly the constructs, and that women respond more accurately to the scales in study. If the constructs are perceived as conceptually different for both sexes, then maybe the instruments should be elaborated in a way that enables this conceptual duality. We suggest the study replication in order to obtain further information on this theme.

Key-words: love, friendship, attraction, passion, instruments, gender.

## Índice

Introdução.....	1
Teorias da Atracção.....	1
Teoria da similaridade.....	2
Teoria evolucionista.....	3
Teoria das estratégias sexuais.....	3
Investimento parental obrigatório diferencial.....	5
Relações a curto e a longo prazo.....	5
Prioritização das características desejáveis.....	7
Escolha de parceiros feminina e masculina.....	8
Comparação entre teorias.....	8
Diferenças entre géneros nos comportamentos e atitudes românticas e sexuais.....	9
Características personalísticas desejáveis entre sexos.....	11
Pressão dos papéis sociais e estereótipos.....	12
Amizade.....	12
Amizade entre e intra-sexos.....	13
Amor.....	15
Atracção.....	16
Atractividade física.....	17
Paixão.....	18
Mensuração de conceitos amorosos/ Escalas utilizadas no presente estudo.....	19

Método.....	25
Delineamento e unidades amostrais.....	25
Itens e instrumentos.....	25
Procedimento.....	34
Resultados.....	37
Totais do sexo feminino e masculino.....	38
Consensualidade de itens.....	39
Não consensualidade de itens.....	41
Associação geral dos itens aos vários conceitos.....	51
Correspondência entre sexos dos itens exclusivos não consensuais.....	53
Adequabilidade de respostas dos sexos às escalas em estudo.....	55
Discussão.....	57
Referências.....	66
Anexos.....	73
Anexo A: Revisão da Literatura.....	74
Anexo B: Itens utilizados na primeira aplicação.....	109
Anexo C: Folha de respostas utilizada na primeira aplicação.....	118
Anexo D: Itens utilizados na segunda aplicação.....	119
Anexo E: Grupos formados pelos dois sexos e itens a eles associados.....	127

## Lista de Figuras

Figura 1: Associação geral dos itens aos conceitos para o sexo feminino.....	51
Figura 2: Associação geral dos itens aos conceitos para o sexo masculino.....	52

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Síntese das principais diferenças entre sexos revistas na literatura.....	23
Tabela 2: Estudos considerados na presente investigação.....	26
Tabela 3: Itens utilizados no estudo.....	30
Tabela 4: Exemplo de cotação de um item.....	36
Tabela 5: Itens excluídos na primeira fase.....	37
Tabela 6: Itens cotados como exclusivamente representativos dos conceitos em estudo...	38
Tabela 7: Itens consensuais.....	39
Tabela 8: Itens não consensuais relativos ao conceito Amor.....	42
Tabela 9: Itens não consensuais relativos ao conceito Amizade.....	44
Tabela 10: Itens não consensuais relativos ao conceito Paixão.....	47
Tabela 11: Itens não consensuais relativos ao conceito Atracção.....	49

## INTRODUÇÃO

Desde muito cedo que o Homem se questiona acerca da origem e significado dos sentimentos amorosos. Mas, o que é isto de Amor? Filósofos, poetas e cientistas, mais tarde, tentam há algumas centenas de anos dissecar o Amor. Contudo, alguns sentimentos surgem-lhe associados, como a Atracção, a Paixão, ou mesmo a Amizade.

É sabido que cada indivíduo, na sua unicidade, interpreta subjectivamente a realidade, mas será que consideramos de alguma forma características semelhantes para os mesmos sentimentos? Homens e mulheres agrupam os mesmos conceitos para os sentimentos? Ou por outro lado cada género sexual categoriza diferentemente conceitos referentes a sentimentos de Atracção?

Para verificar que homens e mulheres desejam em parte características semelhantes, e em parte características diferentes, adiantamos a literatura do artigo. Esta questão é relevante, por exemplo, para saber se os instrumentos de medida utilizados para estes conceitos medem aquilo a que se propõem. Será que conseguem medir distintamente os sentimentos de Amor, Atracção, Paixão e Amizade? Ou será que na natureza humana estes sentimentos se sobrepõem de tal forma que é impossível separá-los objectivamente? Depois de rever a literatura de campo e analisá-la, relativamente a esta questão, realizámos um estudo correlacional que se propõe lançar uma nova perspectiva na interpretação da conceptualização dos sentimentos de atracção.

### Teorias da Atracção

Tradicionalmente, existem duas perspectivas que têm dominado a investigação em psicologia no que diz respeito à atracção romântica. A primeira postula que as pessoas

encontram atributos percebidos que induzem, de forma inerente à atracção, nos estádios primários da formação de relações. Nesta perspectiva, atributos como a atractividade física, a proximidade geográfica, semelhança de atitudes e a complementaridade de personalidades, conduzem a uma maior atracção romântica entre indivíduos (Cattel & Nesselroade cit. por Schmitt & Buss, 1996).

A segunda perspectiva considera a atracção romântica mais dinâmica e estratégica. As teorias de equidade, equilíbrio e de trocas, propõem que as pessoas se sentem estrategicamente atraídas por aqueles com quem as trocas de recursos serão aproximadamente equilibradas (Bersheid & Walster cit. por Schmitt & Buss, 1996).

### *Teoria da similaridade*

Talvez a teoria melhor documentada seja a de que o semelhante atrai o semelhante, isto é, homens e mulheres tornam-se casais com aqueles que são similares a si próprios (Thiessen & Gregg cit. por Botwin, Buss & Shackelford, 1997). Esta noção recebeu um volumoso apoio em muitos estudos que demonstraram que as pessoas emparelham positivamente características como a idade, etnicidade, práticas religiosas, altura, peso, estatuto socioeconómico, valores, orientação política e ainda a largura do nariz ou até mesmo o comprimento do lóbulo da orelha.

A similaridade está intrinsecamente ligada com a compatibilidade de impressões e estas últimas são afectadas, não só pelo psiquismo e comportamentos dos outros, como também pela informação acerca das cognições e sentimentos (Huston & Levinger, 1978). Quanto mais compatibilidade aparentar, maior será a atracção sentida.

A atracção correlaciona-se positivamente com o grau de similaridade atribuída ao alvo (Byrne & Griffitt, cit. por Botwin, et al., 1997). Existem vários tipos de semelhanças que afectam a atracção, como por exemplo, a descrição semelhante de conceitos (similaridade descritiva), ou a existência de uma estrutura atitudinal semelhante (similaridade estrutural). Huston e Levinger (1978) acreditam que não existe um efeito único de similaridade, mas sim uma multiplicidade de efeitos que dependem do conteúdo e do contexto. Os autores, referem

ainda que a semelhança de atitudes interpessoais promove a atracção, enquanto a semelhança de atitudes intrapessoais tem o efeito oposto.

Existem várias justificações para o efeito similaridade-atracção: a semelhança com outro é em si mesma um reforço directo, como no condicionamento clássico (Huston & Levinger, 1978); respostas semelhantes reforçam a auto-estima e conferem sensação de conforto, isto é, a semelhança com o outro pode aumentar a auto-estima, particularmente em indivíduos com baixos níveis de auto-estima; respostas semelhantes indicam a futura benevolência ou compatibilidade do outro (Byrne & Griffitt, cit. por Botwin et al., 1997), e pode mesmo argumentar-se que este tipo de inferências interfere no quanto se gosta do outro.

Mas, como os mesmos autores revelam, Ajzen argumenta que o grau de similaridade percebida é confundido com o valor afectivo das suas respostas e não tem um efeito independente por si só, isto é, se a similaridade e o valor afectivo das características do outro pudessem variar independentemente, então o efeito de similaridade-atracção iria desaparecer.

### *Teoria evolucionista*

A psicologia evolutiva prediz (Botwin et al., 1997) que homens e mulheres serão similares em todos os domínios em que enfrentaram problemas adaptativos semelhantes ao longo da história evolutiva humana. Apenas se prevê diferenças sexuais nos pequenos aspectos em que ambos os sexos foram confrontados, recorrentemente, com desafios adaptativos diferentes.

### *Teoria das estratégias sexuais*

Apesar de muitos investigadores que não pertencem ao ramo da biologia equipararem a evolução à selecção natural, Darwin (cit. por Buss, 1995) desenvolveu aquela que acreditava ser uma segunda teoria evolutiva – a teoria da selecção sexual. A selecção sexual é o processo causal da evolução das características, tendo como base a vantagem reprodutiva, e não a vantagem sobrevivencial. A selecção sexual ocorre sob duas formas. Primeiro, a competição intra-sexual, na qual membros do mesmo sexo competem entre si. Sejam quais

forem as características que conduzam ao sucesso nesta competição dentro do mesmo sexo - maior tamanho, força, destreza ou capacidades sociais – podem desenvolver-se ou aumentar de frequência em virtude da vantagem reprodutiva acumulada pelos vencedores através de um incremento do acesso a parceiros mais numerosos ou mais desejáveis. Segundo, membros de um mesmo sexo podem desenvolver preferências por qualidades desejáveis em potenciais parceiros através do processo de selecção inter-sexual. Buss (1995) acrescenta ainda que se os membros de um sexo exibem algum consenso acerca das qualidades que são desejáveis no outro sexo, então os membros do outro sexo que possuem as qualidades desejáveis irão ganhar uma vantagem de acasalamento preferencial. Consequentemente, as qualidades desejáveis, sejam características morfológicas ou psicológicas, podem evoluir por virtude da vantagem reprodutiva atingida por aqueles que são preferencialmente escolhidos por possuírem as tais qualidades desejáveis. Nos humanos, ambos os processos causais – escolha preferencial de parceiro e competição dentro do mesmo sexo para aceder a parceiros – prevalecem em ambos os sexos, tendo provavelmente sido assim ao longo da história evolutiva humana (Kenrick, Sadalla, Groth & Trost, 1990).

Cada sexo possui mecanismos concebidos para lidar com os seus próprios desafios adaptativos – alguns semelhantes e outros diferentes – e assim, noções de superioridade ou inferioridade são logicamente incoerentes quando relacionadas com o conceito de vantagem em psicologia evolutiva (Buss, 1995).

De um ponto de vista evolutivo, o acasalamento humano requer a resolução de problemas adaptativos, problemas estes que estão historicamente relacionados com o sucesso da sobrevivência e da reprodução. No decurso da história evolutiva humana, os homens e mulheres que seleccionassem parceiros que os ajudassem a resolver os seus problemas adaptativos seriam reprodutivamente mais bem sucedidos do que aqueles que não o fizessem. Consequentemente, as pessoas desenvolveram preferências por parceiros que as ajudem a resolver os seus problemas adaptativos (Buss cit. por Schmitt & Buss, 1996), e atraem efectivamente potenciais parceiros dando pistas de que eles irão resolver os seus problemas adaptativos e os outros não.

### *Investimento parental obrigatório diferencial*

Um dos aspectos em que a diferenciação é notória concerne ao investimento parental obrigatório (Trivers cit. por Botwin et al., 1997). Ao longo da história evolutiva para produzir uma única criança, as mulheres incorrem num período de investimento de nove meses de fertilização interna, formação da placenta e gestação, bem como o investimento subsequente do aleitamento. Os homens, contrariamente, podem produzir uma criança sem estes custos, e em princípio, através de um único acto sexual. Além disso, os homens maximizam o sucesso reprodutivo por serem susceptíveis a um número maior de parceiras, por quem se sentem atraídos pela beleza e juventude, uma vez que são estas as pistas de saúde reprodutiva (Feingold, 1990; Kenrick et al., 1990).

Assim, e uma vez que o investimento parental mínimo obrigatório dos sexos tem diferido recorrentemente, os benefícios que o sexo que investe bastante (mulheres) obtém por ser altamente discriminante, e os custos que acarreta ser indiscriminante, serão sempre maiores para as mulheres (Botwin et al., 1997). Deste modo, as mulheres serão preferencialmente mais discriminantes sobre uma série de características personalísticas (Sadalla, Kenrick & Vershure, 1987). Mesmo tendo reconhecido que as mulheres estavam longe de ser passivas no jogo da selecção sexual, Darwin (cit. por Buss, 2009) focou-se na escolha feminina e na competição masculina. Contudo, hoje é possível afirmar que a escolha masculina e a competição feminina também prevalecem, especialmente na espécie humana (Buss, 2009).

Em suma e de um modo geral, a hipótese evolutiva postula que foi dada uma vantagem selectiva aos indivíduos que promulgaram uma preferência por parceiros que são capazes de investimento reprodutivo (Buss & Barnes, 1986).

### *Relações a curto e a longo prazo*

Quando existe um interesse romântico, por vezes os indivíduos alteram a sua forma de agir, num esforço para atrair outra pessoa (Schmitt & Buss, 1996). Podem, por exemplo, tentar minimizar a impressão dos seus atributos negativos, enquanto maximizam a percepção das suas qualidades positivas. Mudanças comportamentais estratégicas deste género são utilizadas de forma a aumentar a atracção romântica.

Estes autores sustentam que as estratégias de auto-promoção e as preferências de parceiro diferem de acordo com o objectivo temporal da mesma. Homens e mulheres diferem no que procuram e no que exacerbam em si mesmos quando procuram relações a curto ou a longo prazo. Buss (1995) acrescenta que homens e mulheres possuem estratégias de acasalamento a longo e a curto prazo, e as preferências de parceiros específicas para cada um dos contextos tem impacto na eficiência percebida de táticas de competição específicas. Mais ainda, quando homens e mulheres procuram relacionamentos a longo prazo, a teoria das estratégias sexuais hipotetiza que a sua psicologia relacional deva ser bastante semelhante, mas quando perseguem relacionamentos a curto prazo, a psicologia relacional masculina e feminina irá divergir em vários aspectos importantes (Schmitt, Shakelford & Buss, 2001).

Ao longo da história evolutiva humana, os homens que procuravam desenvolver uma estratégia sexual para uma relação a curto prazo depararam-se com o problema adaptativo de encontrarem mulheres sexualmente disponíveis (Schmitt & Buss, 1996). Como resultado, aparentam ter desenvolvido um mecanismo psicológico adaptativo que os leva a preferir a disponibilidade sexual quando procuram uma relação a curto prazo. Para relações a longo prazo o problema adaptativo prendeu-se com o assegurar a certeza da paternidade. Deste modo, os homens podem ter desenvolvido mecanismos de preferência a longo prazo que, uma vez iniciada a relação, conduzem à obtenção de acesso sexual exclusivo à capacidade reprodutiva de uma mulher.

Schmitt e Buss (1996), referem ainda que a sexualização da aparência é considerada uma das táticas mais eficientes que as mulheres podem utilizar para atrair parceiros a curto prazo, contudo, a mesma tática é considerada menos eficiente quando se trata de homens atraírem parceiros a curto prazo e é considerada excepcionalmente ineficaz para os homens que pretendem atrair relações a longo prazo. Mecanismos de domínio geral, ou seja, mecanismos que operam da mesma maneira em todos os contextos e em ambos os sexos não poderiam produzir estes efeitos. Assim, estes autores enfatizam a premissa de que as mentes humanas possuem um grande número de mecanismos psicológicos concebidos unicamente para resolver problemas adaptativos específicos.

Homens e mulheres possuem estratégias de acasalamento a longo e a curto prazo, e as preferências de parceiros específicas para cada um dos contextos tem impacto na eficiência percebida de táticas de competição específicas (Buss, 1995).

### *Prioritização das características desejáveis*

Li e Kenrick (2006) defendem a existência de três questões distintas no que diz respeito à escolha de parceiros: se, o quê e porquê. Revelam que os homens tendem a ser mais ansiosos do que as mulheres, na questão de “se” irão iniciar uma relação a curto prazo, o que se relaciona com o investimento parental mínimo obrigatório.

Estes autores especificam as preferências diferenciais de atributos por sexo, em necessidades e luxos, justificando que as preferências muitas vezes se gerem em torno de prioridades, justificando o “o quê”. Assim, uma necessidade é um item que é inicialmente desejável, mas uma vez obtido em quantidades suficientes, perde importância para outros itens. Em contraste, um luxo não é uma prioridade inicial, mas torna-se importante assim que os níveis suficientes de necessidades são atingidos.

Ao utilizarem métodos que forçam os participantes a definirem prioridades, os mesmos autores corroboram investigações prévias ao concluírem que os recursos e o estatuto social são considerados como necessidades pelas mulheres, enquanto a atractividade física é considerada como uma necessidade pelos homens. Estas qualidades são consideradas muito importantes inicialmente, mas tornam-se menos importantes quando se obtêm níveis suficientes (Li & Kenrick, 2006). Por outro lado, estes autores descobriram que traços como a criatividade são considerados mais como luxos, isto é, são importantes, mas apenas depois de existirem níveis suficientes das necessidades. De forma a examinar a prioritização da atractividade física para parceiros a curto prazo, os autores sugerem a análise do significado adaptativo da atractividade física e os benefícios e custos de relações a curto prazo, esclarecendo assim o “porquê”.

Se é dado adquirido que um determinado relacionamento vai existir, a questão muda para o que é de facto importante num parceiro, ou seja, surge um novo paradigma. Os dois sexos tendem a ser semelhantes quanto ao que procuram num parceiro a curto prazo, mas diferentes nos atributos desejáveis para parceiros a longo prazo. Para parceiros a curto prazo ambos os sexos privilegiam a atractividade física, embora mesmo nesta situação o sexo masculino continue a dar mais importância à atractividade física, do que o seu análogo. Para parceiros a longo prazo, as mulheres privilegiam o estatuto social e os recursos, enquanto os homens tendem a privilegiar, mais uma vez, a atractividade física. Contudo, Li e Kenrick (2006)

sublinham que existe um limite para o qual estas características são perseguidas, isto é, com alguma liberdade de escolha, ambos os sexos tendem a preferir parceiros que possuam estas características de forma equilibrada. Estes resultados são consistentes com a possibilidade de que uma variedade de qualidades pessoais podem beneficiar uma relação a longo prazo, no entanto, as mulheres podem sentir-se motivadas a verificar primeiro a suficiência de recursos, e os homens a verificar primariamente a suficiência na capacidade reprodutiva.

### *Escolha de parceiros feminina e masculina*

Segundo Buss (2009), existem padrões de beleza universais. As mulheres preferem homens com recursos económicos, tal como preferem homens que possuam as características que conduzem à aquisição desses mesmos recursos, como a ambição, o estatuto social, a confiança em si próprio e curiosamente homens ligeiramente mais velhos. Buss (2009) acrescenta ainda que as mulheres também têm preferências definidas para a face e simetria masculinas que funcionam como pistas de saudabilidade, e que privilegiam a bravura, a valentia atlética e um rácio ombro-anca elevado, que funcionam como indicadores de habilidade física para proteger a si e à sua descendência.

Os padrões de beleza universal que os homens preferem nas mulheres envolvem duas classes de variáveis: pistas para a juventude e pistas para saúde, sendo ambas em última instância pistas para a fertilidade. Um rácio cintura-anca baixo tem sido documentado, em estudo transculturais, como um critério chave de beleza corporal (Sugiyama cit. por Buss, 2009), uma vez que sinaliza juventude e saúde. Outros exemplos de padrões universais de beleza incluem pele clara, cabelo lustroso, lábios cheios, boa tonicidade muscular, ou ausência de ferimentos ou lesões, sendo mais uma vez todos indicadores de juventude, saúde e fertilidade.

### *Comparação entre teorias*

De acordo com Schmitt e Buss (1996), a teoria das estratégias sexuais integra estas duas tradições (evolucionista e sociocultural) através da associação explícita do conteúdo das

características que induzem à atracção com o contexto em que são avaliadas, comparadas e potencialmente trocadas. Enquanto as teorias de semelhança, complementaridade, equilíbrio e trocas não predizem satisfatoriamente a variações de eficiência dos vários actos de atracção – qualquer acto que sugira semelhança, complementaridade ou equidade deverá ser igualmente efectivo – a teoria das estratégias sexuais prediz que actos e tácticas de atracção são particularmente efectivos quando os seus conteúdos solucionam problemas adaptativos específicos de um determinado contexto. Mais ainda, as características que conduzem à felicidade marital, como por exemplo ser, compreensivo, amável, excitante ou tranquilo, podem ser precisamente aquelas que se correlacionam com o investimento reprodutivo, incluindo o investimento parental (Buss & Barnes, 1986).

Feingold (1990) também sublinha a importância destas duas linhas teóricas. Uma vez que as teorias evolucionistas conseguiram incorporar a existência de papéis socioculturais, estes dois tipos de explicações não são mutuamente exclusivos. Os papéis socioculturais podem ser a causa mais proximal e a evolução a causa mais distal num contínuo proximal-distal.

#### *Diferenças entre géneros nos comportamentos e atitudes românticas e sexuais*

Diversas investigações mostram que geralmente os homens são mais orientados para o comportamento sexual e as mulheres mais orientadas para o romance ou para os aspectos emocionais do sexo (Missildine, Feldstein, Punzalan & Parsons, 2005). Adicionalmente, é assumida a relação teórica entre o desejo e a procura de relações a curto prazo com a actividade sexual, e o desejo e a procura de relações a longo prazo, ou seja, relações orientadas para o compromisso com a motivação romântica.

Quer as investigações, quer os pressupostos culturais acerca das diferenças de género convergem, postulando que os homens se sentem mais motivados para o comportamento sexual e as mulheres se sentem mais motivadas para relações e compromissos românticos (Browning, Kessler, Hatfield & Choo, 1999). As investigações de Missildine et al. (2005), revelam que os homens tendem a procurar mais parceiros sexuais ao longo da sua vida do que as mulheres, mostram mais desejo em relação ao sexo casual e referem o desejo de libertação física e excitação como o motivo primário para o sexo.

Os homens estão mais dispostos a iniciar actividades sexuais, passado menor período temporal dispendido a conhecer a parceira, do que as mulheres o fazem em relação aos potenciais parceiros (Buss & Schmitt, 1993). Adicionalmente, Clark, Shaver e Abrahams (cit. por Schmitt et al., 2001), consideram que, uma vez atraídos, os homens são mais receptivos a utilizar técnicas, rápidas e directas, para dar início a encontros românticos, enquanto as mulheres são mais receptivas à utilização de técnicas passivas e prolongadas no mesmo tipo de situação. Mais ainda, os homens tendem a ser sexualmente mais objectivos acerca do que querem das relações, enquanto as mulheres estão mais dependentes da aprovação dos pares para iniciarem e manterem o comportamento sexual (Baumeister, 2000).

Nesta linha, Baumeister, Catanese e Vohs (2001) dão suporte à teoria comum de que as mulheres têm motivações externas para o sexo, enquanto os homens tendem a ter motivações intrínsecas. Por outras palavras, é argumentado que as mulheres tendem a desejar o comportamento sexual como expressão do amor e compromisso, onde a intimidade emocional e relações a longo prazo são enfatizadas nas relações sexuais. A sexualidade feminina é assim, caracterizada como bastante maleável e mutável, respondendo à cultura, à aprendizagem e às circunstâncias sociais (Baumeister, 2000). Já os homens desejam sexo por si só, de tal modo que o sexo passa a ser o objectivo da corte e presumivelmente de intimidade emocional.

Não obstante, apesar de os homens poderem desejar ter mais parceiros sexuais na sua vida, ambos os sexos indicam um desejo igualmente forte de “assentar”, em algum momento, com um parceiro para a vida, sugerindo que os homens eventualmente acabam por procurar relações a longo prazo (Missildine et al., 2005).

Interessantes são também os resultados de Sternberg, que no estudo publicado em 1986, revelou que os resultados mais salientes foram que os homens tendem a amar e a gostar mais do seu parceiro amoroso do que dos seus parentes mais próximos ou amigos. Já as mulheres amam o seu parceiro amoroso e o seu melhor amigo do mesmo sexo em quantidades iguais, mas gostam mais deste último do que do parceiro amoroso. O que pode ser justificado com a tendência masculina em preencher mais as suas necessidades emocionais e práticas nos seus relacionamentos amorosos, enquanto as mulheres possuem um círculo íntimo mais vasto (Hatfield & Rapson cit. por Choo, Levine & Hatfield, 1996). Mulheres e homens amam e gostam mais do seu parceiro amoroso e do seu melhor amigo do que dos familiares.

É por este motivo que Baumeister (2000) sugere que a plasticidade erótica (permeabilidade a factores externos) pode ser maior para as mulheres do que para os homens,

mas que a diferença é principalmente em termos de escolhas comportamentais e não de estados interiores, isto é, as diferenças revelam-se ao nível das atitudes e comportamentos não no desejo propriamente dito.

### *Características personalísticas desejáveis entre sexos*

As características personalísticas também figuram de forma bastante recorrentes nos atributos que os indivíduos desejam num parceiro (Langhorne & Secord cit. por Botwin et al., 1997), e também aqui ambos os sexos têm preferências coincidentes e distintas. Dentro das características que são comuns, ambos os sexos referem favorecer alguém que seja amigável, compreensivo, confiável, sociável, estável, inteligente, com abertura de intelecto (Botwin et al., 1997) e com elevado sentido de humor (McGee & Shevlin, 2009). Sobretudo, ambos os géneros sexuais desejam parceiros que sejam algo semelhantes a si, e no campo real a evidência é a que de facto escolhem indivíduos que incorporam as suas preferências, embora existam claramente diferenças individuais no grau de personificação.

De um modo geral, no que diz respeito às diferenças de géneros nos atributos personalísticos desejáveis (Botwin et al., 1997), as mulheres são, regra geral, mais precisas na definição das preferências personalísticas, preferindo uma variedade maior de características personalísticas sociais desejáveis em potenciais parceiros.

Curiosamente, e de acordo com as investigações de Simpson, Gangstad e Lerma (1990), todas estas susceptibilidades e preferências, de ordem física e psicológica, são minimizadas quando homens e mulheres se envolvem em relacionamentos a longo prazo, isto porque, de acordo com estes autores, na vez envolvidos num relacionamento, os indivíduos podem desenvolver uma espécie de “cegueira” perceptual, que efectivamente os isola de um engodo distractivo e sedutor, que são as pessoas altamente atraentes que possam eventualmente encontrar.

### *Pressão dos papéis sociais e estereótipos*

Apesar dos resultados que evidenciam as diferenças entre géneros, Alexander e Fisher (cit. por Missildine et al., 2005) alertam para o facto de os tabus em torno dos papéis sociais de homens e mulheres poderem ter como resultado a mulheres reportarem baixos níveis de desejo sexual e comportamentos e os homens exagerarem esses mesmos níveis. O que se pode generalizar a uma série de características não só de índole sexual. É possível que nos inquéritos de opinião sejam maioritariamente revelados comportamentos socialmente desejáveis.

Feingold (1990) notou que as diferenças de efeito são maiores no desejo declarado de atractividade, do que no efeito baseado no comportamento. O autor sugere que as diferenças de género na desejabilidade social da procura de um parceiro atractivo podem inflacionar as diferenças obtidas nos auto-relatos. Esta desejabilidade social é maior nos homens do que nas mulheres, daí a diferença de efeitos. Feingold (1990) adianta ainda uma segunda explicação para este efeito, que é a de que homens e mulheres diferem mais no quanto acham que valorizam a atractividade, do que no que realmente valorizam a aparência.

### Amizade

A amizade não é uma experiência homogénea, mas sim moldada pelas disposições de cada indivíduo (Zarbatany, Conley & Pepper, 2004).

Bakan (cit. por Zarbatany et al., 2004) argumenta que a amizade pode ser entendida como o suporte de duas necessidades humanas básicas: comunhão - afinidade - e agência - proeminência social. Consistentemente com a generalidade dos dados as mulheres expressam maior necessidade de comunhão. Já os homens dependem mais dos seus amigos masculinos

próximos para aumentar a sua proeminência social, do que as suas homólogas, mas curiosamente não o fazem à custa da proximidade.

Talvez a teoria que melhor explique a formação e o desenvolvimento da amizade seja a Teoria da Penetração Social e Altman e Taylor (cit.por Huston & Levinger, 1978). Embora também possa ser um contributo para a explanação das relações interpessoais de um modo geral, é particularmente eficaz quando associada à amizade, sobretudo a partir da investigação de Hays, em 1984. O modelo da Penetração Social de Altman e Taylor sugere que as relações evoluem numa sequência ordeira desde a interação superficial aumentando até à troca íntima. Estes autores demonstraram que o balanço entre os custos e recompensas de ambos os parceiros determina o aumento ou decréscimo do progresso (Huston & Levinger, 1978). A “depenetração” ocorre quando este balanço se torna negativo.

A grande maioria das teorias sobre o amor é baseada na concepção de que o amor comporta, pelo menos, dois aspectos, que são, a atracção sexual para com parceiros românticos, e a proximidade psicológica não sexual, sendo esta última caracterizada pelo respeito e preocupação para com o parceiro (Masuda, 2003), ou seja, pela amizade.

#### *Amizade entre e intra sexos*

Em termos de tendências centrais a amizade entre homens e mulheres varia de formas muito interessantes, que são consistentes com os papéis sexuais tradicionais e com os padrões de socialização (Mazur, 1989). No entanto, Wright (cit. por Zabatany et al., 2004) alertou para a ênfase das diferenças entre sexos na amizade, dado que as diferenças existem primariamente na proximidade emocional, e que homens e mulheres possuem valores e conceitos semelhantes de amizade.

Ambos os sexos descrevem os amigos como pessoas com quem se partilham interesses, experiencias e actividades (Weiss & Lowenthal cit. por Huston & Levinger, 1978). São também descritos como confiáveis, compreensivos e receptivos. Estes tipos de descrições são transversais a grupos etários. No entanto, também existem estudos que revelam algumas diferenças entre sexos.

Mazur (1989) revela que os homens possuem valores motivacionais e de afiliação menores do que as mulheres, isto porque, os laços masculinos não são, comumente, um meio de auto-exploração, crescimento pessoal, ou de desenvolvimento de intimidade tal como o são, nas amizades do mesmo sexo, para as mulheres. As interações masculinas enfatizam a actividade mútua, competição, e o exercício do poder e da influência, como forma de estabelecer hierarquias dominantes, tal como o riso e a brincadeira em detrimento da partilha de informações pessoais (Weiss & Lowenthal cit. por Huston & Levinger, 1978). Estas componentes do estilo relacional masculino, para com outros homens, podem ser interpretadas como estratégias para estabelecer e preservar barreiras entre indivíduos (Mazur, 1989). Tornando potenciais situações de intimidade, em situações de realização competitiva, ancoradas em regras, qualquer dedução possível acerca da intensidade de sentimentos entre homens pode ser difundida.

Chodorow (cit. por Mazur, 1989) sustenta que os homens se sentem mais confortáveis a partilharem laços que tenham por base expectativas associadas ao desempenho de papéis, particularmente em relação a outros homens. Parece que regras e papéis estruturam uma situação ameaçadora, de potencial intimidade, numa situação mais segura e menos pessoal, na qual os homens podem expressar as suas necessidades afiliativas.

Quando comparadas com os homens, as mulheres têm maior facilidade em colocar-se em situações de auto-revelação, em estar altamente envolvida nas suas amizades, e em participar com menos frequência em amizades de grupo (Mazur, 1989).

Diversos estudos concluíram que as mulheres utilizam mais características pessoais para descrever os seus melhores amigos, mostram ser mais atentas e mais sensíveis aos seus amigos, percebem a sua relação com o seu melhor amigo como mais íntima, partilham mais informação íntima com este e realçam a importância da confiança, da confidência e do apoio na amizade (Verkuyten & Masson, 1996; Weiss & Lowenthal cit. por Huston & Levinger, 1978).

No entanto, a descoberta de que o amor e o gostar tinham maior correlação entre homens do que entre mulheres foi inesperada, o que segundo Banta e Hetherington (cit. por Rubin, 1970) serve como suporte sugestivo para a noção de que as mulheres discerniam com mais exactidão estes dois sentimentos do que os homens.

## Amor

São de conhecimento geral, algumas das definições de amor, como por exemplo a Freudiana que vê o amor como a idealização e o enamoramento por outro, resultado da compensação de uma frustração provocada pelo desejo bloqueado de união sexual, ou a de Fromm que concebe este sentimento como um dispositivo utilizado para reduzir a noção de isolamento e solidão de um indivíduo (Fehr, 1988). As teorias são tantas, tão diversas e de campos de investigação tão distintos, como os próprios autores, o que enriquece mas também dispersa a informação.

Devido à sua importância, as concepções comuns de amor, isto é, a semântica natural do amor, têm de ser cuidadosamente analisadas no estudo científico das relações íntimas. Steck, Levitan, McLane e Kelley (1982) referem que as investigações sobre o fenómeno do amor sugerem que, na sua utilização mais comum, o amor é a designação de uma categoria natural que inclui uma grande variedade de diferentes eventos. Investigações recentes na área da categorização de linguagem natural mostram que os itens incluídos numa determinada categoria não representam necessariamente de igual forma essa mesma categoria. (Mervis & Rosch cit. por Steck et al., 1982). Isto sugere que alguns componentes do amor podem representar melhor o significado que geralmente lhe é atribuído.

Steck et al., em 1982, viram publicada a sua investigação que examinou a importância da expressão dos sentimentos de preocupação, necessidade e confiança nos julgamentos de amor, na qual concluíram que estes três sentimentos não são igualmente relevantes para a concepção que os indivíduos têm do amor. A preocupação é a mais relevante e a confiança a menos relevante, mas os autores não querem, com esta observação, sugerir que a necessidade e a confiança não são importantes. Apenas que têm pesos diferentes. Os itens relacionados com a preocupação descrevem um desejo de tomar em consideração os resultados do parceiro, o que de acordo com o ponto de vista de Kelley (cit. por Steck et al., 1982) é a forma fundamental de exhibir, não apenas o amor, mas todo um espectro de traços e atitudes interpessoais positivas.

Ainda o mesmo estudo revela que gostar é semelhante a amar, no sentido em que a preocupação é o componente mais saliente. Contudo, para o gostar, os componentes confiança e necessidade possuem pesos mais equivalentes do que para o amor. Aparentemente, a confiança é um factor mais significativo para a amizade, do que para qualquer outra disposição. Para a amizade a confiança é tão central como a preocupação e mais importante do que a necessidade. Quer para amar, quer para gostar, a amizade é caracterizada mais fortemente pela preocupação do que pela necessidade.

Sternberg (1987) observa que quando se olha para o Amor, especialmente na sua totalidade ou na sua quase totalidade, as teorias deixam de parecer tão divergentes como quando cada uma delas é considerada uma teoria do todo. O autor nota ainda que, se tem existido um problema em relação ao Amor, tem sido o erro de se tender a categorizar como teorias do todo, as teorias que apenas ilustram uma parte do fenómeno.

### Atracção

De forma a distinguir o amor da atracção Kelley (cit. por Steck et al., 1982) postula que o amor é um exemplo de uma disposição interpessoal que é mais facilmente demonstrada (pelo actor) e atribuída (pelo parceiro) através de transformações da situação, isto é, por o actor ter em consideração os resultados do parceiro quando escolhe um comportamento. Diferentes tipos de disposições interpessoais podem ser evidenciadas por transformações prossociais, onde um tenta maximizar os resultados do parceiro (por exemplo cooperação). Por outro lado, a atracção não é evidenciada por transformações. Aqui, os indivíduos estarão apenas preocupados em maximizar os seus próprios resultados através da interacção com outro indivíduo. O parceiro pode ficar lisonjeado ou surpreendido por perceber que ele, ou ela, é a fonte de tal prazer para o actor, mas qualquer prazer que o parceiro receba nesta situação é alheio às preocupações do actor.

As relações românticas em estados precoces de desenvolvimento têm de ser caracterizadas pela atracção (Levinger & Snoek cit. por Steck et al., 1982), porque, pelo menos na cultura ocidental, são voluntárias – sem atracção inicial não existiria razão para a sua continuação.

Os autores acrescentam ainda que, uma vez que a atracção é baseada, pelo menos em parte, na realização de necessidades pessoais, não é surpreendente componentes de elevada necessidade descrevam relacionamentos caracterizados pela atracção.

Existe uma ligeira tendência para os homens conceptualizarem uma associação mais forte entre necessidade e amor do que para as mulheres. Uma vez que a necessidade está altamente associada à atracção, estas diferenças corroboram os resultados que sugerem que os homens se apaixonam mais depressa do que as mulheres (Rubin, Peplau, & Hill, cit. por Steck et al., 1982), desde que se acredite que a atracção é o primeiro passo para se estar apaixonado. É quase como se os homens confundissem estarem atraídos, com estarem apaixonados, mais facilmente do que as mulheres.

### *Atractividade física*

As pessoas atraentes podem ser apreciadas por razões estéticas, mas para Huston e Levinger (1978) a justificação que reúne mais consenso é a de que a beleza física fornece uma base para se inferir qualidades internas.

Segundo Feingold (1990), a investigação acerca do valor que se atribui à aparência física começou na década de trinta por sociólogos que construíram questionários de selecção de parceiros, como Baber ou Strauss. Nestes estudos os sujeitos avaliavam a importância de diferentes características no seu par ideal, e já nestas investigações para os homens, mais do que para as mulheres, a boa aparência era basilar. Estes resultados foram corroborados por Huston e Levinger (1978) que verificaram este fenómeno com indivíduos a realizarem julgamentos de desejabilidade de parceiros para relacionamentos com níveis de intimidade a variarem desde encontros casuais até casamentos. Os autores acrescentam que para ambos os sexos indivíduos fisicamente atraentes são claramente considerados mais positivamente do que os seus pares fisicamente menos apelativos, chegando mesmo a receber tratamento preferencial. Referem ainda que esta evidência já foi constatada por diversos investigadores em amostras tão diversas como crianças, adolescentes, jovens adultos e adultos de meia-idade.

A investigação realizada no campo da formação de impressões descobriu que as pessoas atribuem características socialmente desejáveis a pessoas que considerem bem-parecidas (Bersheid & Walster cit. por Feingold, 1990). O que é suportado pelos resultados de Eagly, Ashmore, Makhijani e Kennedy (cit. por Feingold, 1990) que nas suas investigações sobre os componentes traço do estereótipo da atractividade física concluíram que as atribuições de sociabilidade, inteligência, competência social e saúde mental aos indivíduos fisicamente atraentes não variam com o sexo do alvo.

Dion, Bersheid e Walster (1972) estudaram o paradigma de “O que é belo é bom” e a partir do resultados obtidos concluíram a sua veracidade, isto é, que homens e mulheres consideram pessoas atraentes como sendo mais responsáveis, interessantes, sociáveis, gentis, fortes e extrovertidos do que as pessoas menos atraentes. Eram também vistas como mais possíveis de adquirir status ocupacional mais elevado, serem mais competentes como maridos e mulheres, e de ter casamentos mais felizes do que pessoas menos atraentes. Também aqui o sexo não teve qualquer efeito diferenciador.

Contudo, o estereótipo de atractividade nem sempre é favorável para as mulheres. Dermer e Thiel (cit. por Huston & Levinger, 1978) concluíram que as mulheres fisicamente atraentes eram vistas como mais fúteis e adúlteras do que as mulheres menos atractivas. Apesar de pouco frequentes, as diferenças entre géneros nos estereótipos de atractividade física sugerem que as mulheres atraentes são consideradas de forma mais favorável do que os homens atraentes (Maner, Kenrick, Becker, Delton, Hofer, Wilbur & Neuberg, 2003), mas que as mulheres mais modestas e simples podem ser mais denegridas do que os homens fisicamente pouco atraentes (Li, Kenrick, Bailey & Linsenmeier, 2002).

## Paixão

O amor romântico é essencialmente um fenómeno característico da adolescência (Faber, cit. por Hatfield & Sprecher, 1986). De facto, neuroanatomistas e neurofisiologistas são unânimes em assumir que o amor passional é fomentado pelas alterações hormonais que

ocorrem na adolescência e, assim sendo, aparece necessariamente após a puberdade (Hatfield & Sprecher, 1986).

Esta definição pode ser complementada com a de Rubin (1970), para quem o amor romântico inclui três componentes: uma necessidade afiliativa e dependente, uma predisposição para ajudar e uma orientação para a exclusividade e absorção.

Bersheid e Walster (cit. por Huston & Levinger, 1978), sugerem que as pessoas experienciam o “amor passional” quando dois fenômenos co-ocorrem: quando estão psicologicamente excitados e quando as pistas situacionais indicam que o “amor passional” é o termo indicado para o que estão a sentir. O que vai de encontro à posição tomada pelos investigadores da área das emoções, uma vez que, têm há muito concordado que mente e corpo interagem, moldando a experiência emocional (Hatfield & Sprecher, 1986).

Deste modo, as pessoas assumem que é apropriado utilizar o termo amor passional para rotular um desejo intenso para se unirem com outra pessoa, independentemente de esse desejo ser recíproco, e assim se tornar uma fonte de felicidade e completude, ou ser incerto ou indesejado, e tornar-se deste modo uma fonte de solidão, ansiedade, ou desespero (Hatfield & Sprecher, 1986).

Walster e Walster (cit. por Hendrick & Hendrick, 1986) acrescentam ainda que o amor passional dá quase sempre lugar a um outro tipo de amor, caracterizado por menor intensidade de emoções, o amor companheiro, no desenvolvimento de um relacionamento íntimo.

#### Mensuração de conceitos amorosos / Escalas utilizadas no presente estudo

Os instrumentos utilizados foram seleccionados por serem os mais referenciados nesta área de investigação, tornando-se, deste modo, basilares na metodologia utilizada. Assim, revela-se importante aceder a qualquer informação que seja facultada pelos autores que estudaram a validade de constructo - se os itens medem aquilo a que se propõe medir - e a validade discriminante - se medem apenas aquilo a que se propõem - de cada um dos

instrumentos utilizados, tentando adicionalmente perceber se foram reportadas diferenças entre sexos.

Este exercício foi realizado apenas para os itens pertencentes a escalas, em detrimento dos itens que constituem questões colocadas em estudos experimentais, uma vez que são potencialmente as únicas com validades de constructo e discriminante reportadas. Ainda assim, nem todos os autores abordam estas duas questões. Seguidamente irão ser apresentadas as informações disponibilizadas pelos autores das escalas em estudo, excepção feita às escalas de Byrne (1971) e de McCroskey e McCain (1974), que não reportam qualquer informação relativa às questões solicitadas.

Hatfield e Sprecher (1986) conceberam a Passionate Love scale, de forma a associar-se positivamente, mas não de forma idêntica, com outras medidas de amor e intimidade, sendo esta, segundo os próprios, a evidência da validade da escala. Os autores examinaram a associação entre o amor passional e outros constructos relacionados como a confiança, o compromisso, satisfação geral na relação, satisfação com o aspecto sexual da relação e várias medidas relativas ao desejo de se estar fisicamente próximo do parceiro e concluíram que se associa positivamente às mesmas. Revelam que a evidência da validade discriminante é o facto de a PLS se correlacionar mais com as variáveis que estão conceptualmente mais próximas do constructo de amor passional.

Na Love Attitudes scale, Hendrick e Hendrick (1986) também afirmam a validade de constructo das 6 subescalas concebidas, pela associação moderada entre elas, não revelando qualquer informação acerca da validade discriminante das subescalas. Quanto às diferenças entre sexos, apenas avançam que não existem diferenças por sexos nas cotações da subescala em estudo, *Eros*.

A estratégia utilizada por McCroskey, McCroskey e Richmond (2006) para assegurar a validade de constructo é semelhante à dos autores anteriores, e verifica-se de um modo geral para todos os autores de escalas com subescalas. Consideram claro que as três dimensões (*Atracção social; Atracção pela tarefa; Atracção física*) da sua Interpersonal Attraction scale podem ser consideradas de forma distinta umas das outras, mas não são de todo independentes. Assim sendo, presumem ser natural esperar níveis de co-variação variados, de acordo com os diferentes contextos de comunicação.

Para Rodrigues e Garcia-Marques (2006), os dados obtidos a partir da elaboração da escala Índice de Atracção inicial, sugerem que esta tem uma boa capacidade para discriminar o sentimento de atracção inicial em diferentes tipos de relacionamentos interpessoais, uma vez que, os valores médios do IAI foram significativamente mais elevados na condição Atracção inicial, em detrimento das condições Namoro, Amizade e Colega, que foram também experimentadas aquando da conceptualização da escala.

Rubin (1970), por seu lado garantiu, segundo o próprio, a validade discriminante das duas escalas construídas, Loving e Liking, uma vez que estas foram concebidas paralelamente (utilizando um método de demonstração de validade de constructo semelhante, mais uma vez, ao utilizado pelos autores que desenvolveram escalas com subescalas). O objectivo do autor foi desenvolver escalas de amar e de gostar consistentes internamente, que fossem conceptualmente distintas uma da outra e que na prática apenas se correlacionassem moderadamente, que reporta ter, de facto acontecido.

Um factor inesperado, aquando da verificação da validade da escala, foi a descoberta de que amar e gostar foram mais correlacionados pelos homens, do que pelas mulheres. Este dado sugere que as mulheres discriminam mais nitidamente os dois sentimentos, do que os homens. Rubin (1970) revela ainda que nas suas Loving scale e Liking scale, as mulheres tendem a amar mais as suas amigas, do que os homens os seus amigos, o que vem de encontro aos estereótipos culturais que dizem respeito às amizades entre sexos.

As verificações de validade realizadas por Sternberg (1997), para a Triangular Love scale, têm algumas limitações, que segundo o próprio autor estão relacionadas com o uso exclusivo de informações obtidas através de questionários, uma vez que, em última análise a validade de constructo da teoria do amor deveria ser completada com informação comportamental. Esta questão revela-se pertinente, uma vez que, as respostas a questionários nem sempre reflectem como as pessoas de facto se comportam no quotidiano. É, mais uma vez, reclamada a validade de constructo, mas não é facultada qualquer informação relativa à validade discriminante.

Este autor sugere a realização de testes de comparação directa entre teorias, conduzidos de forma imparcial, e de um modo que permitirá em última instância criar novas teorias baseadas no que as actuais têm de melhor. Este objectivo será talvez demasiado ambicioso para o presente estudo, mas ao tentar fornecer informação relativa à validade de constructo e

validade discriminante dos instrumentos seleccionados esperamos contribuir, de alguma forma, nesse sentido.

O potencial mais importante da ciência das relações é, sem dúvida, uma melhor compreensão do comportamento humano. Bersheid (1999) é peremptória ao afirmar que não poderia ser de outro modo, pois as relações com outras pessoas são a base da condição humana, uma vez que nascemos e vivemos em relações, e mesmo quando morremos, os efeitos dos laços que criámos sobrevivem nas vidas das outras pessoas. As relações aparecem deste modo como o contexto para a maior parte do comportamento humano, e assim, compreender e predizer este comportamento é difícil, senão impossível, se se ignorar este contexto.

Os psicólogos que participam activamente no esforço multidisciplinar para desenvolver a ciência dos relacionamentos, fazem-no porque acreditam que o contexto omnipresente das relações humanas influencia fortemente o comportamento de cada indivíduo, bem como o seu desenvolvimento ao longo da vida (Reis, Collins & Bersheid, 2000). Dentro desta esfera das relações, e de todas as formas, sob as quais homens e mulheres diferem psicologicamente, talvez as mais surpreendentes decorram nas esferas do desejo sexual e das relações românticas (Schmitt et al., 2001), possivelmente porque o sexo é a tipologia biológica mais óbvia nos humanos (Barnes & Buss, 1985).

Sem intento de minimizar as semelhanças, as diferenças entre sexos são salientes e foram evidenciadas nesta breve revisão literária. Resta procurar saber se a conceptualização dos sentimentos de Amor, Amizade, Paixão e Atração, recai sobre as diferenças ou semelhanças entre sexos, ou se como em inúmeros outros aspectos da natureza humana, algures no centro.

Tabela 1

*Síntese das principais diferenças entre sexos revistas na literatura*

	Homens	Mulheres
Investimento parental obrigatório	Baixo	Elevado
Escolha de Parceiros	Medianamente indiscriminante	Altamente discriminante
Preferência de parceiros	Procura de indicadores de fertilidade: juventude; ratio cintura-anca baixo; cabelo lustroso; lábios cheios; boa tonicidade muscular; mais novas	Procura de indicadores de aquisição de recursos: ambição; estatuto social; auto-confiança; mais velhos Procura de indicadores de habilidade física (protecção): face e simetria masculinizadas; bravura; valentia atlética; ratio ombro-anca elevado
Teoria da selecção sexual	Curto-prazo	Longo-prazo
Relacionamentos curto-prazo	Privilegiam bastante a atractividade física	Privilegiam medianamente a atractividade física
Relacionamentos longo-prazo	Privilegiam bastante a atractividade física até um nível de suficiência + variedade de qualidades pessoais	Privilegiam bastante recursos materiais e estatuto social até um nível de suficiência + variedade de qualidades pessoais
Comportamentos e atitudes românticas e sexuais	Mais orientados para comportamentos sexuais; procuram mais parceiros sexuais; mostram mais desejo em relação ao sexo casual; desejo e libertação física como motivo primário para o sexo; menos período temporal necessário para início de actividades sexuais; utilização de técnicas rápidas e directas que conduzem a encontros românticos; amam e gostam dos parceiros mais do que dos amigos ou familiares	Mais orientadas para o romance e para os aspectos emocionais do sexo; mais dependentes de aprovação dos pares; maior período temporal necessário para início de actividades sexuais; utilização de técnicas passivas e prolongadas que conduzem a encontros românticos; motivações externas para o sexo (o sexo é desejado como expressão do amor e compromisso)

Tabela 1 (continuação)

<b>Principais diferenças teóricas</b>		<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Comportamentos e atitudes românticas e sexuais		Tendência para preencher as necessidades emocionais nos relacionamentos amorosos; menor plasticidade erótica	Sexualidade maleável e mutável (dependente de circunstâncias socioculturais); amam o parceiro e o amigo do mesmo sexo em igual quantidade; gostam mais do amigo do mesmo sexo do que do parceiro; tendência para preencher as necessidades emocionais através do parceiro e de um círculo íntimo mais vasto que o masculino; maior plasticidade erótica
Características personalísticas desejadas entre sexos		Menos precisos na definição das características personalísticas desejáveis	Mais precisas na definição das características personalísticas desejáveis; preferência por maior variedade de características personalísticas
Rapéis sociais e estereótipos		Exacerbamento de níveis de desejo sexual e de comportamentos; níveis mais elevados de desejo declarado; maior desejabilidade social para a exibição de comportamentos sexuais	Minimização dos níveis de desejo sexual e de comportamentos; níveis mais baixos de desejo declarado; menor desejabilidade social para a exibição de comportamentos sexuais
Amizade intra-sexos		<p>Maior necessidade de proeminência social; emocionalmente menos próximos; valores motivacionais e de afiliação menores; forma de estabelecer, estruturar e preservar barreiras para evitar intensidade de sentimentos; caracterizada pela actividade mútua, competição, exercício de poder, estabelecimento de hierárquicas dominantes, riso e brincadeira; participação muito frequente em amizades de grupo</p>	<p>Maior necessidade de comunhão, emocionalmente mais próximas; valores motivacionais e de afiliação maiores; meio de auto-exploração, crescimento pessoal e desenvolvimento de intimidade; partilha de informações pessoais e íntimas; elevada frequência de situações de auto-revelação; grande envolvimento emocional; percepção deste tipo de relações como mais íntimas; importância da confiança, confidência e apoio; utilização de características pessoais para descrever melhores amigas; participação menos frequente em amizades de grupo</p>

## MÉTODO

### *Delineamento e Unidades amostrais*

O presente estudo caracteriza-se por uma análise ao conteúdo de diferentes formas escritas de mensuração de conceitos de atracção. As unidades amostrais deste estudo foram 246 itens associados a 30 instrumentos de mensuração dos constructos em estudo. A sua definição é detalhada abaixo.

Para a realização da análise de conteúdo que dá suporte a este estudo contou-se, numa primeira fase com a colaboração de 3 juízes do sexo masculino, (25 a 27 anos) e numa segunda fase com a colaboração de 6 juízes, 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino (25 a 30 anos). A utilização de juízes de diferentes sexos foi um factor controlado e que nos permitirá analisar se houve a ocorrência de diferenças conceptuais entre géneros sexuais.

### *Itens e Instrumentos*

Os instrumentos escolhidos representam os estudos mais significativos realizados nesta área de investigação, sejam sob a forma de questões colocadas em determinada situação experimental, ou de escalas concebidas e desenvolvidas para avaliar um dos sentimentos em estudo, o Amor, a Amizade, a Paixão, ou a Atracção. Serão apresentados de seguida por ordem alfabética de autores.

Tabela 2

*Estudos considerados na presente investigação*

Autores	Investigações
Allen, Kenrick, Linder e McCall (1989, estudo 1)	Neste estudo os autores procuraram testar o modelo de reforço negativo, isto é, se a excitação baseada no medo aumentava a atracção. Os resultados corroboraram este modelo. Os participantes eram levados a esperar receber choques eléctricos desagradáveis (situação de elevada excitação) ou ouvir um ruído baixo (situação de baixa excitação) e era-lhes pedido que categorizassem a atractividade de uma mulher alvo. Os resultados foram obtidos através de julgamentos avaliativos e de avaliação de traços de personalidade.
Byrne (1971)	Acérrimo defensor da Teoria da Similaridade, Byrne (1971) desenvolve a Interpersonal Judgment scale sob o paradigma de que a atracção é função da semelhança de atitudes. Esta escala é constituída por seis dimensões categorizadas a partir de uma rating scale de 7 pontos. São elas a inteligência, o conhecimento de eventos correntes, a moralidade, o ajustamento, o quanto gosta da pessoa alvo e o quanto gostaria de trabalhar com essa pessoa. Uma medida geral de atracção é obtida com a soma das duas últimas dimensões, variando numa amplitude de 2 a 14 pontos.
Davis (2001)	A Relationship Rating form foi construída para avaliar relacionamentos. O questionário é composto por 6 subescalas: Viabilidade, que lida com o grau de confiança, respeito e aceitação para com os defeitos do outro; Intimidade, que diz respeito à confiança e à compreensão; Preocupação, que comporta o apoio emocional e a vontade de dar o máximo de si ao parceiro; Satisfação geral no relacionamento, que concerne o sucesso do relacionamento e se é fonte de prazer e de aumento do sentido de valor do próprio; Conflito - ambivalência, que consiste nos itens da escala de conflito - ambivalência de Braiker e Kelley; e Paixão, a única subescala utilizada no presente estudo. Esta subescala foi escolhida precisamente por comportar aspectos como o fascínio, a exclusividade e o desejo sexual.
Duck e Craig (1975)	Neste estudo os autores pediram aos sujeitos que categorizassem o quanto gostavam e achavam atraente uma pessoa alvo cujas características físicas e psicológicas eram apresentadas em formato de lista. A avaliação era feita através de uma rating scale de 10 pontos. Concluíram que, em fases iniciais de interacção os factores externos (físicos) desempenhavam um papel muito importante na teoria da Similaridade.
Dutton e Aron (1974)	Estes autores postulam que a excitação aumenta o nível de atracção. Compararam uma situação onde os sujeitos passavam numa ponte suspensa com factores indutores de medo (oscilante, a elevada altitude e com rochas e quedas de água), com uma onde não existia qualquer factor indutor de medo, sendo que no final de ambas as situações os sujeitos (masculinos) eram entrevistados por uma mulher atraente que lhes fornecia o contacto telefónico. Os resultados indicaram que a excitação provocada pelas características da ponte conduziu a um maior número de telefonemas.
Folkes (1982)	O autor comparou a importância da semelhança da atractividade física na formação de casais. Para tal utilizou sujeitos que estavam inscritos em agências de encontros. Concluiu, para os sujeitos que tinham um segundo encontro, que a semelhança percebida da atractividade física era um factor de união.
Foster, Witcher, Campbell e Green (1998)	Os autores demonstraram que o ruído cognitivo aumenta a atracção quando os sujeitos são excitados e motivados para uma tarefa. Para tal, após 2 minutos de exercício físico (factor excitação), solicitaram aos sujeitos que respondessem da forma mais precisa possível (factor motivação) a um questionário, e que fixassem um número de sete dígitos enquanto o faziam (ruído cognitivo). O questionário continha uma fotografia de uma mulher atraente, no qual inquiriam acerca do desejo para a interacção. Os sujeitos nesta situação experimental registaram maiores níveis de atracção, do que no grupo de controlo.

Tabela 2 (continuação)

Autores	Investigações
Green, Buchanan, e Heuer (1984, estudo 1)	Os autores quiseram obter variáveis para a atractividade física, para tal pediram a um conjunto de juízes que avaliasse perfis dos indivíduos mais activos e menos activos, de ambos os sexos, de uma agência de encontros. A avaliação era feita com base em fotografias, gostos pessoais e informação demográfica (altura, peso, data de nascimento, religião, profissão). Obtiveram as variáveis Quente, Estatuto e Humor.
Hatfield e Sprecher (1986)	Estas autoras propuseram uma taxonomia dicotómica para o amor, que distinguia o amor com sexualidade, do amor sem sexualidade. Definiam como Amor Passional, um tipo de amor com emoções intensas, carinho e sexualidade, e como Amor Companheiro um amor que compreende-se afeição amigável e uma profunda conexão. O seu interesse primário era distinguir o Amor Passional daquilo que as escalas de amor de Rubin (1970) mediam, o que achavam ser uma mistura entre o Amor Passional e o Amor Companheiro. Contudo, apenas construíram uma escala para o Amor Passional. Assim, a Passionate Love scale tem 30 itens e contém indicadores cognitivos, emocionais e comportamentais para a frase “anseio para a união”.
Hendrick e Hendrick (1986)	Desenvolveram a Love Attitudes scale baseada na teoria das Cores do Amor de Lee, que postula seis tipos de Amor: Eros (amor baseado na atracção física para com o parceiro, compreende emoções intensas e um forte comprometimento com o amado); Ludus (amor divertido, semelhante a um jogo); Storge (um estilo baseado no desenvolvimento lento da afeição e do companheirismo); Mania (amor caracterizado pelo obsessão e pelo ciúme); Agape (amor altruísta) e Pragma (o estilo prático que envolve considerações conscientes das características demográficas e objectivas do amado). A totalidade da escala é constituída por 42 itens, contudo neste estudo apenas foram utilizados 7 itens, os que correspondiam à escala Eros, a do amor erótico, uma vez que é o que envolve as preferências físicas e a atracção inicial, sendo por isso mais saliente para o objectivo proposto.
Herbst, Gaertner e Insko (2003, estudo 2)	Neste estudo os investigadores concluíram que as componentes cognitiva e afectiva da atracção diminuíam e aumentavam respectivamente, quando o parceiro se aproximava e superava o Eu Ideal do sujeito, na medida em que a dimensão de comparação era significativa e os sujeitos antecipavam um encontro com o parceiro. Atracção Cognitiva: os participantes avaliaram a extensão do quanto acreditavam que o seu parceiro era talentoso, capaz, dotado, habilidoso e competente. Atracção Afectiva: os participantes indicavam como se sentiam em relação aos seus parceiros através de escalas de diferencial semântico.
Insko e Wilson (1977)	Os autores testaram a hipótese de que a interacção social conduz à atracção. Para tal, sentaram grupos de 3 sujeitos dispostos de forma triangular e pediram-lhes que interagissem utilizando preferencialmente tópicos de utilização corrente quando se pretende conhecer alguém. Contudo, apenas o sujeito A interagiu com o B e o B com o C, existindo sempre um terceiro elemento que somente observava a interacção. Obtiveram valores de atracção mais elevados para os sujeitos que tinham interagido.
Jones, Pelham, Carvalho e Mirenberg (2004, estudo 5)	Estes autores basearam-se na ideia do egotismo implícito, isto é, que as pessoas tendem a gravitar para junto de indivíduos que se assemelhem a si, isto porque segundo esta teoria, a semelhança com outros activa processos positivos e automáticos acerca de si mesmos. Neste estudo específico concluíram que os participantes se sentiam mais atraídos por sujeitos cujo código arbitrário experimental se assemelha-se à sua data de nascimento. Os sujeitos avaliavam os parceiros era feita com base em questionários informativos falsos dos parceiros.

Tabela 2 (continuação)

Autores	Investigações
Jones et al. (2004, estudo 6)	Neste estudo, e ainda testando a mesma teoria, os mesmos autores concluíram que homens de diferentes grupos étnicos se sentiam mais atraídos por mulheres cujos sobrenomes partilhassem letras com os seus próprios sobrenomes. Os experimentadores solicitaram aos participantes que avaliassem anúncios do web site YahooPersonals.
Jones et al. (2004, estudo 7)	Por último, neste estudo os experimentadores testaram as bases associativas do egotismo implícito, especificamente o condicionamento avaliativo. Colocaram os participantes a visualizarem fotografias do mesmo web site, e nestas fotografias a pessoa alvo possuía um número distinto e bem visível na camisola. Concluíram que os participantes se sentiam mais atraídos por sujeitos cujos números da camisola tivessem sido subliminarmente emparelhados com os seus próprios sobrenomes.
Martin e Seta (1983)	Os experimentadores colocaram sujeitos a ler afirmações atitudinais acerca de duas pessoas alvo. Posteriormente avaliaram os julgamentos dos sujeitos. Concluíram que ocorria uma generalização do afecto (gostar, manter uma relação e trabalhar com o parceiro) quando os dois sujeitos eram percebidos como uma unidade.
McCroskey e McCain (1974)	Os autores desenvolveram a Interpersonal Attraction scale, uma escala de 30 itens que avalia a atracção interpessoal como um constructo tridimensional, composto pela atracção social (ou dimensão de gostar), atracção física (ou dimensão de aparência) e atracção pela tarefa (ou dimensão de respeito, que avalia o quão fácil e compensatório seria trabalhar com o outro). Na presente investigação foi utilizada a escala na totalidade.
McCroskey, McCroskey e Richmond (2006)	Estes autores propõem-se a criar uma segunda geração de escalas de atracção e homofilia mais fiáveis e válidas, segundo os próprios. No presente estudo apenas é relevante a utilização da escala de atracção. À versão original de McCroskey e McCain de 1974, adicionaram itens semelhantes em conteúdo e estrutura (essencialmente reverse itens) e alteraram outros, totalizando 12 itens para as dimensões física e social, e 14 itens para a dimensão da tarefa. Também aqui foi utilizada a totalidade da escala.
Meston e Frohlich (2003)	Os autores quiseram estudar os efeitos da excitação do sistema nervoso residual na percepção da atracção sexual. Para tal, abordaram indivíduos num parque de diversões que estavam á espera para andar ou tinham acabado de andar na montanha russa. Mostraram-lhes uma fotografia de um indivíduo do sexo oposto medianamente atraente e questionaram-nos acerca da atractividade e intenções comportamentais para com o indivíduo da fotografia. Os resultados mostraram que para homens e mulheres, sem parceiros românticos, que tinham acabado de sair da montanha russa as avaliações foram sempre superiores.
Montoya e Horton (2004)	Os autores focaram-se na avaliação cognitiva da pessoa alvo como a primeira determinante da atracção interpessoal. Neste estudo a avaliação cognitiva da pessoa alvo mediou a influência da atitude de similaridade na atracção interpessoal. Para tal desenvolveram um questionário de atracção interpessoal, que comporta itens de atracção afectiva e de atracção comportamental.
Moreland e Beach (1992)	Os autores propuseram-se a estudar o desenvolvimento da afinidade em estudantes. A afinidade, segundo os autores é constituída por uma mistura complexa de familiaridade, atracção e similaridade que fortifica as relações, uma vez que cria um sentido de proximidade entre as pessoas. Na sua investigação colocaram quatro mulheres a assistir a quantidades diferentes de aulas durante um semestre, sem interagirem com os estudantes. No final do semestre foram mostrados slides com fotografias das mulheres e obtiveram-se medidas de familiaridade, similaridade e atracção. Foi pedido aos estudantes para avaliarem a mulher em 10 dimensões-traço escolhidas por terem fortes conotações afectivas. Também lhes foi pedido para estimarem as probabilidades (de 0 a 100%) das intenções comportamentais para com as mulheres. A mera exposição teve baixo impacto na familiaridade, mas elevado na atracção e na similaridade.

Tabela 2 (continuação)

Autores	Investigações
Moreland e Zajonc (1982)	Esta investigação também estuda as dimensões familiaridade, atracção e similaridade. Tal como no estudo anterior, também foram visualizadas fotografias com tempos de exposição diferenciais. As pessoas alvo eram avaliadas através de julgamentos avaliativos e de traços de personalidade. Os resultados mostram que as pessoas familiares eram vistas pelos participantes como mais fáceis de gostar e mais semelhantes a si mesmos. Os efeitos da familiaridade na similaridade percebida foram primariamente mediados pela atracção.
Newcomb (1963)	Observou a evolução das relações interpessoais entre jovens adultos do sexo masculino, durante 4 meses. A tarefa relevante para o presente estudo prende-se com o facto de os participantes se terem avaliado e cotado uns aos outros em relação à favorabilidade para atitudes interpessoais (também referida como atracção). Defende a preferência humana por relações psicologicamente equilibradas.
Riggio e Woll (1984)	Utilizaram sujeitos que pertenciam a uma agência de encontros. Juízes visualizaram porções das entrevistas de forma a examinar pistas não verbais (e.g. incidência de sorrisos, segundos de contacto visual, etc) e avaliar os sujeitos em dimensões subjectivas, como a atractividade física, o nervosismo, ou o quanto tinham gostado dos sujeitos. Concluíram que, de um modo geral, os indivíduos categorizados pelos juízes como fisicamente mais atraentes e de quem tinham gostado mais, foram mais vezes escolhidos na agência de encontros.
Riordan e Tedeschi (1983)	Utilizaram também a expectativa de recepção de choques de baixa e alta voltagem para controlarem a excitação. Os resultados obtidos foram consistentes com a teoria do reforço negativo. Concluíram também que se um comparsa do sexo oposto estava presente quando era administrado o choque era considerado menos atraente, por oposição á situação experimental em que o comparsa estava noutra divisão. Segundo os autores, é como se as características negativas da situação passassem a fazer parte das características percebidas do comparsa.
Rodrigues e Garcia-Marques (2006)	Estes autores também conceptualizam a atracção interpessoal como multidimensional. Das várias dimensões que a compõem destacam a atracção inicial, que corresponde ao tipo de atracção que se sente no momento em que se toma consciência do outro. Desenvolveram o Índice de Atracção Inicial, que na sua versão completa é composto por 31 itens, que corresponde à utilizada no presente estudo.
Rubin (1970)	Foi o primeiro investigador a medir o conceito de amor objectivamente. Assumiu que as relações românticas são caracterizadas por Amar e Gostar, enquanto amizades platónicas são caracterizadas unicamente por Gostar. Desenvolveu a Loving scale e a Liking scale para avaliar o quanto os sujeitos amam e gostam dos seus parceiros, respectivamente. De acordo com a sua definição, o Amor consiste numa necessidade afiliativa e dependente, numa predisposição para ajudar e na exclusividade e absorção, enquanto o Gostar se caracteriza por uma avaliação positiva, por respeito e pela percepção de similaridade. Neste estudo foram utilizadas as duas escalas.
Simpson, Gangestad e Lerma (1990, estudo 1)	Este estudo foca-se nos factores envolvidos na percepção de atractividade do sexo oposto. Concluíram que os indivíduos envolvidos em relacionamentos românticos, comparados com os solteiros, percebem as pessoas do sexo oposto fisicamente e sexualmente menos atraentes. Para tal, instruíram os participantes que iriam avaliar uma série de anúncios de revistas de grande tiragem (cover story) e pediram-lhes para responderem a algumas questões.

Tabela 2 (continuação)

Autores	Investigações
Sternberg (1986):	Formula uma escala e uma teoria para o amor. A teoria triangular do Amor postula que o amor tem três componentes, que juntas podem ser vistas como vértices de um triângulo: <i>Intimidade</i> , que comporta sentimentos de proximidade e cumplicidade, que experienciam em relacionamentos amorosos; <i>Paixão</i> , que engloba os desejos e conduz ao romance, atracção física e consumação sexual; e <i>Decisão/Compromisso</i> , que compreende a curto-prazo a decisão de que um ama o outro, e a longo-prazo o compromisso para manter esse amor. A quantidade de amor que um indivíduo experiencia depende da força absoluta destes três componentes, e o tipo de amor experienciado depende na força relativa de cada um deles. Os três componentes interagem uns com os outros, tal como com as acções que produzem e que os produzem de modo a formar uma quantidade variada de experiências amorosas. No presente estudo foi utilizada a totalidade da Triangular Love scale.
White, Fishbein e Rutstein (1981)	Neste estudo, os autores manipularam sujeitos masculinos através da realização de exercício físico. Concluíram que os sujeitos na situação experimental de exercício físico gostavam mais de uma mulher alvo atraente e menos de uma pouco atraente, do que os sujeitos na situação de controlo. Obtiveram estes resultados através da avaliação de traços de personalidade e de julgamentos avaliativos.

A partir destes estudos foram extraídos os 246 itens amostrais utilizados. Todos os itens foram concebidos para a realização de julgamentos avaliativos ou para a avaliação de traços de personalidade.

Tabela 3

*Itens utilizados no estudo*

Autores	Itens utilizados transformados
Allen, Kenrick, Linder e McCall (1989, estudo 1)	Gosto de ti; Gosto de sair contigo; Gosto de te beijar; Considero-te agradável; Considero-te desagradável; Considero-te boa pessoa; Acho-te feio(a); Acho-te belo(a); Acho-te horrível; Acho-te simpático(a); Considero-te cruel; Considero-te altruísta; Considero-te inteligente; Considero-te uma pessoa fria; Considero-te uma pessoa calorosa.
Byrne (1971): Interpersonal Judgment scale	Considero-te inteligente; Possui conhecimento de eventos correntes; Tens sentido de moral; Considero-te ajustado; Gosto de ti; Desejo-te.
Davis (2001): Relationship Rating form - subescala <i>Paixão</i>	Domina os meus pensamentos; Dá-me prazer olhar para ti, ou apenas observar-te; Penso em ti quando não estou contigo; Existem coisas que só faço contigo; Tenho sentimentos por ti que não poderia ter por outros(as); Sentir-me-ia traído(a) ou magoado(a) se tivesses com outros(as), o mesmo relacionamento que tens comigo; Temos o nosso próprio modo de fazer as coisas; Somos sexualmente íntimos; Considero-te sexualmente atraente; Sinto prazer ao ser tocado por ti, ou ao tocar-te.
Duck e Craig (1975)	Considero-te atraente; Gosto de ti.
Dutton e Aron (1974)	Gostaria de te convidar para um encontro; Gosto de te beijar.
Folkes (1982)	Gosto de ti.

Tabela 3 (continuação)

Autores	Itens utilizados transformados
Foster, Witcher, Campbell e Green (1998)	Gosto de ti; Gosto de sair contigo; Gosto de te beijar; Gosto de trabalhar contigo; Acho-te fisicamente atraente.
Green, Buchanan, e Heuer (1984, estudo 1)	Acho que tens estatuto; Acho que tens sentido de humor; Considero-te uma pessoa calorosa.
Hatfield e Sprecher (1986): Passionate Love scale	Desde que estamos envolvidos, as minhas emoções assemelham-se a uma montanha russa; Ficaria profundamente desesperado(a) se me deixasses; Por vezes o meu corpo treme de excitação quando te vejo; Tenho prazer em estudar os movimentos e os ângulos do teu corpo; Por vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos. Penso obsessivamente em ti; Sinto-me feliz quando estou a fazer alguma coisa para te fazer feliz; Prefiro estar contigo do que com qualquer outra pessoa; Mais ninguém te conseguiria amar como eu; Anseio saber tudo sobre ti; Quero-te. Fisicamente, emocionalmente, mentalmente; Amar-te-ei para sempre; "Derreto-me" quando olho profundamente para os teus olhos; Tenho um apetite infinito pelo teu afecto; És o(a) parceiro(a) perfeito(a) para mim; És a pessoa que me consegue fazer mais feliz; Sinto o meu corpo responder quando me tocas; Sinto-me carinhoso(a) em relação a ti; Parece que estás sempre na minha cabeça; Se estivéssemos separados durante muito tempo sentir-me-ia intensamente só; Por vezes sinto dificuldade em concentrar-me no trabalho porque não consigo parar de pensar em ti; Quero que me conheças. Os meus pensamentos, medos e esperanças; Saber que te preocupas comigo faz-me sentir completo(a); Procuro fervorosamente sinais que indiquem o teu desejo por mim; Se estivesses a passar por momentos difíceis, poria de lado os meus assuntos pessoais para te ajudar; Na tua presença anseio tocar e ser tocado(a); Uma existência sem ti seria escura e triste; Sinto-me extremamente atraído(a) por ti; Fico extremamente deprimido(a) quando as coisas não correm bem na nossa relação.
Hendrick e Hendrick (1986): Love Attitudes scale - subescala <i>Eros</i>	Sentimo-nos mutuamente atraídos assim que nos conhecemos; Existe uma grande química entre nós; Quando fazemos amor, é muito intenso e gratificante; Sinto que fomos feitos um para o outro; Envolvemo-nos fisicamente muito depressa; Envolvemo-nos emocionalmente muito depressa; Entendemo-nos muito bem; Correspondes ao meu "eu ideal" de beleza física.
Herbst, Gaertner e Insko (2003, estudo 2)	Considero-te talentoso(a); Considero-te capaz; Considero-te dotado(a); Acho que és habilidoso(a); Acho-te competente; Considero-te uma pessoa negativa; Considero-te uma pessoa positiva; Considero-te uma pessoa amigável; Considero-te distante; Considero-te próximo(a); Considero-te agradável; Considero-te desagradável; Considero-te uma pessoa fria; Considero-te uma pessoa calorosa.
Insko e Wilson (1977)	Gosto de ti; Acho que as nossas personalidades são semelhantes; Acho que as nossas crenças e atitudes são semelhantes; Gostava de ter as características que tu tens que te fazem desejado(a); Correspondes ao meu "eu ideal"; Considero que gostas de mim; Acho-te fisicamente atraente; Acho-te popular e apreciado por outros; Considero-te egocêntrico(a) e presunçoso(a); É interessante falar contigo; A tua inteligência é semelhante à minha.
Jones, Pelham, Carvalho e Mirenberg (2004, estudo 5)	Dou-me bem contigo.
Jones et al. (2004, estudo 6)	Gostaria de te conhecer melhor; Acho que poderias ser meu(minha) amigo(a); Sinto-me atraído(a) romanticamente por ti; Sinto-me atraído(a) intelectualmente por ti; Acho-te fisicamente atraente.
Jones et al. (2004, estudo 7)	Considero-te uma pessoa feliz; Acho-te simpático(a); Considero-te honesto(a); Considero-te inteligente; Considero-te uma pessoa amigável.

Tabela 3 (continuação)

Autores	Itens utilizados transformados
Martin e Seta (1983)	Gosto de trabalhar contigo; Gosto de ti; Gosto de manter uma relação contigo.
McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale	<p><i>Atração pela tarefa:</i> És óptimo(a) a resolver problemas que possam surgir; Juntos conseguiríamos terminar todas as tarefas a que nos propuséssemos; Tenho confiança na tua capacidade para executar tarefas; Quando te atribuem uma tarefa és sempre muito dedicado(a); Posso contar contigo para desempenhar correctamente qualquer tarefa; Gosto muito de estudar contigo; Pareces-me muito rápido(a) a trabalhar; Se unirmos esforços penso que conseguiríamos gerar novas ideias; É divertido trabalhar contigo.</p> <p><i>Atração social:</i> Acho que poderias ser meu(minha) amigo(a); Gostaria de ter uma conversa amigável contigo; De certeza que te irias integrar no meu grupo de amigos; É agradável estar contigo; Poderíamos-nos tornar bons amigos; É fácil relacionarmo-nos contigo; Sinto que te conheço pessoalmente; Cativas-me; A minha vida não seria completa se não te conhecesse; Por vezes desejava ser mais parecido(a) contigo.</p> <p><i>Atração física:</i> Acho-te bonito(a); Tens uma aparência sensual; Acho-te fisicamente atraente; Adoro-te; Acho-te bonito(a); Gosto bastante do teu aspecto; És bem-parecido(a); Tens uma imagem cuidada; As roupas que vestes favorecem-te imenso.</p>
McCroskey, McCroskey e Richmond (2006): Interpersonal Attraction scale	<p><i>Atração pela tarefa:</i> És óptimo(a) a resolver problemas que possam surgir; Juntos conseguiríamos terminar todas as tarefas a que nos propuséssemos; Tenho confiança na tua capacidade para executar tarefas; Quando te atribuem uma tarefa és sempre muito dedicado(a); Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo; És exímio(a) a desempenhar tarefas; És uma mais-valia em qualquer situação laboral; Recomendar-te-ia como colega de trabalho; Posso contar contigo para desempenhar correctamente qualquer tarefa; Levas o teu trabalho a sério; És um(a) colega de trabalho de confiança.</p> <p><i>Atração social:</i> Acho que poderias ser meu(minha) amigo(a); Gostaria de ter uma conversa amigável contigo; De certeza que te irias integrar no meu grupo de amigos; É agradável estar contigo; És sociável comigo; Gosto de passar tempo a socializar contigo; Poderíamos-nos tornar bons amigos; É fácil relacionarmo-nos contigo.</p> <p><i>Atração física:</i> Acho-te bonito(a); Tens uma aparência sensual; Gosto bastante do teu aspecto; Tens uma aparência apelativa; Tens uma cara atractiva; És bem-parecido(a); Acho-te fisicamente atraente.</p>
Meston e Frohlich (2003)	Considero-te atraente; Gosto de sair contigo; Gosto que me convides para sair; Gosto de te beijar.
Montoya e Horton (2004)	Gostaria de te conhecer melhor; Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo; Gosto de falar contigo em festas; Tenho prazer em discutir tópicos controversos contigo; És um bom(boa) amigo(a); Gosto de ti; Gosto da tua companhia; Estou ansioso(a) por te conhecer.
Moreland e Beach (1992)	Acho-te interessante; Acho-te entediante; Considero-te atraente; Considero-te altruísta; Considero-te popular; Acho-te convencido(a); Considero-te inteligente; Considero-te uma pessoa fria; Considero-te uma pessoa calorosa; Considero-te bem sucedido(a); Considero-te honesto(a); Considero-te desonesto(a); Considero-te sincero(a); Acho que poderias ser meu(minha) amigo(a); Gosto de passar tempo contigo; Gosto de trabalhar contigo em projectos de interesse mútuo.
Moreland e Zajonc (1982)	Gosto de ti.
Newcomb (1963)	Considero-te atraente.
Riggio e Woll (1984)	Acho-te fisicamente atraente; Gosto de ti.

Tabela 3 (continuação)

Autores	Itens utilizados transformados
Riordan e Tedeschi (1983)	Gosto de passar o meu tempo livre contigo; Gosto de ti; Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo; Considero-te atraente.
Rodrigues e Garcia-Marques (2006) Índice de Atração inicial	Sinto vontade de chamar a tua atenção; Sinto-me atrevido(a) na tua presença; Sinto-me intenso(a) ao pé de ti; Tenho vontade de interagir contigo; Sinto reciprocidade de sentimentos; Tenho vontade de te agradar; Sinto borboletas no estômago quando penso em ti; Estou interessado(a) em ti; Fico com o coração acelerado quando penso em ti; Sinto carinho por ti; Tenho vontade de trocar sorrisos contigo; Tenho vontade de estar contigo; Sinto um click quando estou contigo; Sinto vivacidade por estar contigo; Sinto vontade de sentir quando estou contigo; Tenho vontade de rir quando estou contigo; Sinto um fascínio em relação a ti; Tenho curiosidade em relação a ti; Sinto-me alegre quando estou contigo; Tenho vontade de olhar para ti; Sinto empatia em relação a ti; Tenho vontade de passar tempo contigo; Sinto algo estranho em relação a ti; Sinto algo inexplicável por ti; Sinto que existe química entre nós; Sinto-me atraído(a) (fisicamente) por ti; Tenho pensamentos relacionados contigo; Tenho vontade de te conhecer; Sinto-me corar na tua presença; Considero-te agradável; Desejo-te.
Rubin (1970)	<p>Loving scale: Quando te sentes triste o meu principal objectivo é animar-te; Sinto que posso confiar em ti para praticamente tudo; É fácil para mim ignorar os teus defeitos; Faria quase tudo por ti; Sinto que sou muito possessivo(a) em relação a ti; Se nunca pudesse estar contigo, sentir-me -ia muito infeliz; Quando me sinto só, o meu primeiro pensamento é procurar-te; Uma das minhas principais preocupações é o teu bem-estar; Perdoar-te-ia praticamente tudo; Quando estamos juntos, passo grande parte do tempo apenas a olhar para ti; A confiança que depositas em mim deixa-me muito feliz; Seria difícil para mim viver sem ti.</p> <p>Liking scale: Quando estamos juntos, estamos quase sempre em sintonia; Penso que és excepcionalmente equilibrado(a); Recomendar-te-ia fortemente para um emprego de responsabilidade; És uma pessoa excepcionalmente madura; Confio no teu discernimento; A maior parte das pessoas tem uma opinião muito positiva a teu respeito, mesmo após um breve encontro; Somos muito semelhantes; Votaria em ti se existisse alguma eleição de grupo; És uma pessoa que rapidamente conquista respeito; És uma pessoa extremamente inteligente; É muito fácil gostar de ti; És o tipo de pessoa com quem eu gosto de estar; É muito fácil para ti seres alvo de admiração.</p>
Simpson, Gangestad e Lerma (1990, estudo 1)	Considero-te atraente.
Sternberg (1986): Triangular Love scale	<p><i>Intimidade:</i> Temos uma relação calorosa e confortável; Temos uma excelente comunicação; Desejo fortemente promover o teu bem-estar; Temos uma relação de compreensão mútua; Dás-me bastante apoio emocional; Sei que posso contar contigo em momentos difíceis; Dou bastante valor à tua presença na minha vida; Estou disposto(a) a partilhar tudo contigo; Dou-te bastante apoio emocional.</p> <p><i>Paixão:</i> Acho-te fisicamente atraente; Não imagino outra pessoa que me possa fazer tão feliz como tu; Não existe nada mais importante para mim do que a nossa relação; A nossa relação é muito romântica; Não consigo imaginar a minha vida sem ti; Adoro-te; Dou por mim a pensar em ti várias vezes ao dia; Apenas o facto de te ver é emocionante para mim; Eu idealizo-te; Existe algo de mágico na nossa relação; A nossa relação é muito activa; Gosto especialmente de te dar presentes.</p> <p><i>Compromisso:</i> Irei sentir-me sempre responsável por ti; Espero que o meu amor por ti dure para o resto da vida; Não consigo imaginar-me a terminar a nossa relação; Vejo a nossa relação como algo permanente; Vou ficar ao teu lado, mesmo nos momentos mais difíceis; Vejo o meu compromisso contigo como uma questão de princípio; Estou certo(a) do meu compromisso contigo; Decidi que te amo; Estou decidido(a) a manter a nossa relação; Vejo a nossa relação, em parte, como uma decisão bem ponderada; Não deixaria que nada se intrometesse no meu compromisso contigo; Estou confiante na estabilidade da nossa relação.</p>

Tabela 3 (continuação)

Autores	Itens utilizados transformados
White, Fishbein e Rutstein (1981)	Gosto de ti; Acho-te simpático(a); Considero-te sincero(a); Acho-te fútil; Acho-te irritante; Considero-te generoso(a); Considero-te de confiança; Considero-te atencioso(a); Acho que és sexualmente estimulante; Acho que és compreensivo(a); Considero-te espirituoso(a); Acho-te excitante; Considero-te atraente; Acho-te sensual; Damo-nos bem; És o tipo de pessoa que eu gostaria de conhecer melhor; Gosto de sair contigo; Gosto de te beijar; Somos muito semelhantes; Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo.

### *Procedimento*

#### *1) Selecção dos itens amostrais a serem analisados no estudo.*

Todas as questões ou adjectivos utilizados de alguma forma para avaliar os sentimentos em estudo foram transformados em frases, como por exemplo, os adjectivos bipolares agradável – desagradável, foram transformados em “Considero-te agradável” e “Considero-te desagradável”. Reformularam-se todas as frases de forma a que transmitissem um modo de discurso directo, como por exemplo, a frase “Adoro-o(a)” que foi transformada em “Adoro-te”. Todos os itens específicos de cada estudo e que não se pudessem generalizar foram eliminados. Foram agrupadas todas as frases iguais ou semelhantes, e eleita apenas uma. Esta medida pretendeu evitar a repetição de frases na aplicação, resultando num total de 246 itens.

#### *2) Validação da tradução dos itens amostrais;*

Todas as formas avaliativas dos conceitos de atracção, amor, paixão e amizade foram traduzidas e posteriormente validadas por um conjunto de juízes<sup>1</sup>. Para a sua validação, os itens foram apresentados na forma linguística a partir da qual foram recolhidos, ou seja, em inglês, juntamente com a tradução, ou traduções propostas. O conjunto de juízes validava ou não a tradução proposta, ou elegia a mais apropriada no caso de serem apresentadas várias alternativas de tradução. Quando o item não adquiria uma tradução válida, esta era reformulada até obter uma avaliação positiva.

<sup>1</sup> Não é possível quantificar com precisão o número de juízes presentes na validação da tradução dos itens amostrais, uma vez que foi realizada em contexto de sala de aula. Contudo, é possível confirmar-se a presença de juízes de ambos os sexos.

### 3) *Processo de análise de conteúdo.*

Primeira fase: Num primeiro momento foi fornecida a listagem com os 246 itens a cada um de 3 juízes (ver anexo B), juntamente com uma folha de respostas com categorias específicas para que pudessem fazer corresponder os itens aos vários sentimentos propostos (Amor, Amizade, Paixão, Atracção), tendo também uma categoria “Outros” que representava outros sentimentos, ou outros tipos de relações, não relevantes para o estudo (ver anexo C). Na folha de respostas constava a seguinte instrução: “Este tipo de frase eu teria vontade de dizer (vinham-me à cabeça mesmo que não dissesse) a uma pessoa pela qual sentisse... Indique o número de cada item dentro da figura correspondente à sua opinião. Pode colocar um item em mais do que uma caixa.” A instrução foi lida, com a informação adicional de que não existiam respostas certas ou erradas. No final da folha de apresentação dos itens foi agradecida a participação. Os juízes avaliaram os itens num tempo médio de 2h30m.

Após esta primeira avaliação eliminaram-se os itens que foram colocados pelos três juízes na categoria Outros. Os itens amostrais foram assim reduzidos a um total de 236 itens.

Segunda fase: A segunda avaliação foi realizada por meio de correio electrónico. Foi enviado, a cada um dos 6 juízes, um email contendo uma folha de Excel anexada. No corpo de texto do email foi indicado aos participantes que respondessem ao solicitado com o mínimo de pausas possível e no caso de as fazerem (uma vez que o tempo médio de resposta na primeira aplicação tinha sido de 2h30m) de estas compreenderem o mínimo de tempo necessário. A folha de Excel continha as instruções, os itens e o quadro de respostas. No início da folha estavam as seguintes instruções: “Pense... **“Este tipo de frase eu teria vontade de dizer (vinham-me à cabeça, mesmo que não dissesse) a uma pessoa pela qual sentisse...”** Assinale que tipo(s) de relação(ões) pensa que se relaciona(m) com cada frase. Coloque um X em cima do quadrado ou quadrados que correspondam à sua opinião. Pode assinalar mais do que um conceito em cada uma das frases (desde apenas um até todos). A palavra irá desaparecer e ficará apenas o X. Sempre que sentir dúvidas releia as instruções a **Negrito**. Não existem respostas certas ou erradas.” Seguidamente foram apresentados os itens (ver anexo D) e à frente de cada um deles foram colocados cinco quadrados. Um para cada sentimento (Amor, Amizade, Paixão e Atracção) e o quinto com a designação “Outros tipos de relações” cuja pertinência se prende com a justificação avançada na primeira aplicação. Depois da apresentação dos itens seguiu-se o preenchimento do género sexual e da

idade. No final foi agradecida a participação. A devolução dos emails com as respostas demorou um tempo médio de 2 dias.

Cotação de itens: As avaliações dos juízes serviram de base à cotação dos itens amostrais. Um item foi considerado como pertencente a uma categoria quando 2/3 dos juízes concordavam na sua classificação. Na segunda fase estes 2/3 foram particionados pelos respectivo género. Tomemos por exemplo o item “Tenho sentimentos por ti que não poderia ter por outros(as)”.

Tabela 4

*Exemplo de cotação de um item*

	Amor	Amizade	Paixão	Atracção	Outros
Sujeito 1	1				
Sujeito 2	1	1	1	1	
Sujeito 3	1		1	1	
Cotação do Item	1		1	1	

## RESULTADOS

A primeira fase do estudo teve como objectivo seleccionar os itens relevantes para a segunda aplicação, como tal, consideraram-se todos os itens assinalados para qualquer um dos sentimentos e foram excluídos os itens assinalados exclusivamente na categoria Outros pelos 3 juízes.

Tabela 5

*Itens excluídos na primeira fase*

<b>Itens</b>	<b>Estudos</b>
Considero-te má pessoa.	
Acho-te horrível.	Allen et al. (1989, estudo 1)
Considero-te cruel.	
	Allen et al. (1989, estudo 1)
Considero-te uma pessoa fria.	Herbst et al. (2003, estudo 2)
	Moreland e Beach (1992)
Considero-te uma pessoa negativa.	Herbst et al. (2003, estudo 2)
Considero-te egocêntrico(a) e presunçoso(a).	Insko e Wilson (1977)
Acho-te entediante.	
Considero-te desonesto(a).	Moreland e Beach (1992)
Acho-te fútil.	
Acho-te irritante.	White et al. (1981)

Todos os itens se referem à avaliação de traços de personalidade (ver tabela 5), mais ainda, à excepção do item “Considero-te egocêntrico(a) e presunçoso(a)” todos os outros itens são pólos negativos de escalas de adjectivos bipolares, ou foram utilizados no estudo original como diferenciais semânticos. A característica mais saliente deste conjunto de itens é a de que todos evidenciam traços negativos do objecto de Amor, Atracção, Amizade ou Paixão, como o ser-se uma pessoa má, horrível, cruel, fria, negativa, egocêntrica, presunçosa, entediante, desonesta, fútil, ou irritante.

Na segunda fase do estudo, pretendeu analisar-se o conteúdo de diferentes formas escritas de mensuração de conceitos de atracção por sexo. Será realizada uma análise detalhada sobre os itens que foram cotados como sendo exclusivamente representativos de um único conceito (o método utilizado para a cotação dos itens é exemplificado na secção *Procedimento*). Os itens serão analisados relativamente aos totais por sexo, à sua consensualidade, à sua não consensualidade, à associação geral dos itens aos vários conceitos, à correspondência entre sexos dos itens exclusivos não consensuais, e à adequabilidade de respostas dos sexos às escalas em estudo.

A consensualidade refere-se aos itens que foram cotados pelos dois géneros sexuais como pertencentes unicamente a um dos conceitos em estudo. Um item consensual é aquele que homens e mulheres acham ser exclusivamente representativo de um dos conceitos. Por outro lado, um item não consensual é aquele que apenas um dos géneros considera ser exclusivamente representativo de um dos conceitos.

Tabela 6

*Itens cotados como exclusivamente representativos dos conceitos em estudo*

Conceitos	Itens		
	Consensuais	Não consensuais	
		Mulheres	Homens
Amor	5	39	1
Amizade	11	10	18
Paixão	1	13	2
Atracção	2	9	7

*Totais do sexo feminino e do sexo masculino*

Como revela a tabela 6, para todos os conceitos, as mulheres consideraram existir mais itens que os representassem de forma exclusiva. O conceito ilustrado, pelo sexo feminino, com o maior número de itens foi o Amor, seguindo-se a Amizade, a Paixão e por último a Atracção. É de notar também a diferença visível no número de itens assinalados, pelas mulheres, para o conceito Amor (44 itens), relativamente aos itens assinalados para todos os outros conceitos. É possível observar uma diferença de 23 itens, entre os cotados como exclusivos deste conceito e os cotados como exclusivos do conceito Amizade (21 itens),

conceito imediatamente mais cotado. Diferença esta, maior do que o número de itens assinalados isoladamente para cada um dos outros 3 conceitos (Paixão, Amizade, Atracção).

Para os homens o conceito que reuniu maior quantidade de itens considerados exclusivos foi o da Amizade (29 itens), seguido da Atracção, do Amor e da Paixão. Também aqui a diferença entre o conceito com maior número de itens assinalados e o seguinte é superior ao número de itens assinalados individualmente para os 3 outros conceitos, uma vez que se verifica uma diferença de 20 itens entre o conceito de Amizade e o conceito de Atracção (com apenas 9 itens cotados como exclusivos).

### *Consensualidade de itens*

O conceito que reúne maior número de itens consensuais é o da Amizade (ver tabela 5), isto é, foi este conceito, que reuniu maior número de concordância entre homens e mulheres (11 itens). Por outro lado, o conceito que obteve menor consensualidade foi a Paixão, reunindo apenas 1 item como resposta comum entre homens e mulheres.

Tabela 7

#### *Itens consensuais*

<b>Conceitos</b>	<b>Itens</b>	<b>Estudos</b>
Amor	Vejo a nossa relação, em parte, como uma decisão bem ponderada.	Sternberg (1986): Triangular Love scale (subescala <i>Compromisso</i> )
	Quero que me conheças. Os meus pensamentos, medos e esperanças.	Hatfield e Sprecher (1986): Passionate Love scale
	Uma existência sem ti seria escura e triste.	
	Fico extremamente deprimido(a) quando as coisas não correm bem na nossa relação.	Insko e Wilson (1977)
Amizade	Correspondes ao meu "eu ideal".	Herbst et al. (2003, estudo 2)
	Considero-te capaz.	Jones et al. (2004, estudo 7)
	Considero-te dotado(a).	
	Considero-te honesto(a).	Moreland e Beach (1992)
	Considero-te generoso(a).	White et al. (1981)
Considero-te espirituoso(a).		
	A maior parte das pessoas tem uma opinião muito positiva a teu respeito, mesmo após um breve encontro.	Rubin (1970): Liking scale

Tabela 7 (continuação)

Conceito	Itens	Estudos
Amizade	Acho que poderias ser meu(minha) amigo(a).	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
		McCroskey et al. (2006): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
		Moreland e Beach (1992)
	Gostaria de ter uma conversa amigável contigo.	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
		McCroskey et al. (2006): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
	És sociável comigo.	McCroskey et al. (2006): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
Paixão	Poderíamos tornar bons(boas) amigos(as).	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
		McCroskey et al. (2006): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
	Por vezes desejava ser mais parecido(a) contigo.	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
Atracção	Sinto algo estranho em relação a ti.	Rodrigues e Garcia-Marques (2006): Índice de Atracção inicial
	Estou ansioso(a) por te conhecer.	Montoya e Horton (2004)
	Tenho vontade de te conhecer.	Rodrigues e Garcia-Marques (2006): Índice de Atracção inicial

Os itens considerados consensualmente exclusivos do conceito Amor pertencem maioritariamente a escalas concebidas precisamente para o medir (ver tabela 7). A PLS de Hatfield e Sprecher (1986) é a que surge com mais itens representados (3 itens), seguida unicamente da TLS de Sternberg (1986), e mesmo aqui o único item desta escala que ambos os sexos consideram ser exclusivamente representativo do Amor pertence à subescala *Compromisso*, o que não deixa de ser um facto relevante, uma vez que esta escala compreende outras duas subescalas concebidas para medir o Amor, *Paixão* e *Intimidade*. O item que pertence ao estudo de Insko e Wilson (1977), é o único que se refere a características positivas do objecto de amor, reportando directamente à idealização do parceiro.

Ao conceito Amizade os juízes associaram características individuais como o ser-se capaz, o ser-se dotado, a honestidade, a generosidade, a espirotuosidade, a sociabilidade, o potencial de amizade, o facto de se suscitar opiniões positivas nos outros, e o de possuir

atributos desejados por outros (ver tabela 7). Estes itens pertencem aos estudos de Herbst et al (2003, estudo 2), Jones et al. (2004, estudo 7), Moreland e Beach (1992), White et al. (1981), Rubin (1970, Liking scale), McCroskey e McCain (1974, IAS, subescala *Atracção social*) e de McCroskey et al (2006, IAS, subescala *Atracção social*), sendo que apenas os 3 últimos estudos são escalas de mensuração, ou seja, medidas estandardizadas. A escala de Rubin (1970) foi concebida para aceder à quantidade de se gostar de alguém e as subescalas de McCroskey e McCain (1974) e McCroskey et al. (2006) desenvolvidas para quantificar a atracção social exercida por um indivíduo.

Tal como se pode observar na tabela 7, o único item cotado consensualmente para o conceito Paixão pertence à escala IAI de Rodrigues e Garcia-Marques (2006), desenvolvida para medir a atracção inicial, que de acordo com os autores reporta para a atracção sentida no momento da tomada de consciência do outro. Este item refere-se à estranheza do sentimento para com o outro.

Por último, o conceito Atracção reúne consensualidade em 2 itens, sendo que ambos remetem para situações relacionadas com a ansiedade e vontade de conhecer o outro (ver tabela 7). Estes itens fazem parte do estudo de Montoya e Horton (2004) e da escala IAI de Rodrigues e Garcia-Marques (2006).

#### *Não consensualidade de itens*

Apesar de existir consenso em alguns itens, os resultados mais salientes são referentes à falta de consensualidade entre os sexos. O Amor é o conceito que compreende maior discrepância no número de itens não consensuais entre géneros sexuais, totalizando 38 itens de diferença (ver tabela 6).

Tabela 8

Itens não consensuais relativos ao conceito Amor

Sexo	Itens	Estudos
	Tenho sentimentos por ti que não poderia ter por outros(as).	
	Sentir-me-ia traído(a) ou magoado(a) se tivesses com outros(as), o mesmo relacionamento que tens comigo.	Davis (2001): Relationship Rating form (subescala <i>Paixão</i> )
	Temos uma relação calorosa e confortável. Estou disposto(a) a partilhar tudo contigo.	Sternberg (1986): Triangular Love scale (subescala <i>Intimidade</i> )
	Não imagino outra pessoa que me possa fazer tão feliz como tu.	
	Não existe nada mais importante para mim do que a nossa relação.	
	A nossa relação é muito romântica.	Sternberg (1986): Triangular Love scale (subescala <i>Paixão</i> )
	Não consigo imaginar a minha vida sem ti.	
	Eu idealizo-te.	
	Existe algo de mágico na nossa relação.	
	Espero que o meu amor por ti dure para o resto da vida.	
Mulheres	Não consigo imaginar-me a terminar a nossa relação.	
	Vejo a nossa relação como algo permanente.	
	Estou certo(a) do meu compromisso contigo.	Sternberg (1986): Triangular Love scale (subescala <i>Compromisso</i> )
	Decidi que te amo.	
	Estou decidido(a) a manter a nossa relação.	
	Não deixaria que nada se intrometesse no meu compromisso contigo.	
	Estou confiante na estabilidade da nossa relação.	
	É fácil para mim ignorar os teus defeitos.	
	Faria quase tudo por ti.	
	Se nunca pudesse estar contigo, sentir-me-ia muito infeliz.	Rubin (1970): Loving scale
	Quando me sinto só, o meu primeiro pensamento é procurar-te.	
	Perdoar-te-ia praticamente tudo.	
	Seria difícil para mim viver sem ti.	
	Sinto que fomos feitos um para o outro.	
	Envolvemo-nos emocionalmente muito depressa.	Hendrick e Hendrick (1986): Love Attitudes scale (subescala <i>Eros</i> )

Tabela 8 (continuação)

Sexo	Itens	Estudos
Mulheres	Ficaria profundamente desesperado(a) se me deixasses.	Hatfield e Sprecher (1986): <i>Passionate Love scale</i>
	Sinto-me feliz quando estou a fazer alguma coisa para te fazer feliz.	
	Mais ninguém te conseguiria amar como eu.	
	Anseio saber tudo sobre ti.	
	Amar-te-ei para sempre.	
	Tenho um apetite infinito pelo teu afecto.	
	És o(a) parceiro(a) perfeito para mim.	
	És a pessoa que me consegue fazer mais feliz.	
	Sinto-me carinhoso(a) em relação a ti.	
	Se estivéssemos separados durante muito tempo sentir-me-ia intensamente só.	
	Saber que te preocupas comigo faz-me sentir completo(a).	
Mulheres	A minha vida não seria completa se não te conhecesse.	McCroskey e McCain (1974): <i>Interpersonal Attraction scale</i> (subescala <i>Atracção social</i> )
	Sinto carinho por ti.	Rodrigues e Garcia-Marques (2006): Índice de <i>Atracção inicial</i>
Homens	Tenho vontade de trocar sorrisos contigo.	Rodrigues e Garcia-Marques (2006): Índice de <i>Atracção inicial</i>

Todos os itens cotados pelos dois sexos como exclusivamente representativos do conceito de amor pertencem a escalas de mensuração dos conceitos em estudo (ver tabela 8). Nas mulheres a grande maioria pertence à escala TLS desenvolvida por Sternberg (1986), sendo que, dentro desta escala, as subescalas que reuniram maior número de itens assinalados como exclusivos foram *Paixão* (6 itens) e *Compromisso* (8 itens). Não deixa de ser interessante o facto de também o terceiro vértice da escala estar presente, ainda que representada com menor número de itens, a subescala *Intimidade* (2 itens), uma vez que esta é a escala com o maior número de itens assinalados para um conceito, em todo o estudo (16 itens). A segunda escala mais representada, no sexo feminino, é a PLS de Hatfield e Sprecher (1986), com 11 itens assinalados. De seguida surge a *Loving scale* de Rubin (1970), com 6 itens que, para as mulheres, representam o Amor. Com dois itens assinalados cada um, estão representados outros dois instrumentos concebidos para mensurar a *Paixão*, a subescala *Paixão*, da escala RRF (Davis, 2001), e a subescala *Eros*, da escala LAS (Hendrick & Hendrick, 1986). Por último, as escalas que aparecem apenas representadas com 1 item, pertencem a McCroskey e McCain (1974, IAS, subescala *Atracção social*) e a Rodrigues e Garcia-Marques (2006, IAI) e são instrumentos desenvolvidos para aceder ao conceito

Atração. Desta forma, é possível constatar que a grande maioria dos itens escolhidos pelo sexo feminino para ilustrar o Amor, pertencem a instrumentos concebidos para mensurar a Paixão, e não especificamente o Amor, contudo Quanto ao conteúdo dos itens, reportam essencialmente para características românticas e relacionais.

Para o sexo masculino, existiu apenas um item não consensual no Amor e pertence a uma escala que mede o índice de atração sentida no momento de tomada de consciência do outro (Rodrigues & Garcia-Marques, 2006), sendo interessante notar a presença, ainda que em quantidade mínima, de itens relacionados com a Atração nas escolhas de ambos os sexos. Apesar de os homens também considerarem itens associados a escalas de Paixão e Amor, que reportam também eles para sentimentos de compromisso ou idealização do parceiro (como está patente na tabela 7, referente aos itens consensuais), fazem-no numa quantidade consideravelmente inferior às mulheres.

Tabela 9  
*Itens não consensuais relativos ao conceito Amizade*

<b>Sexo</b>	<b>Itens</b>	<b>Estudos</b>
Mulheres	Gosto de ti.	Allen et al. (1989, estudo 1)
		Byrne (1971): Interpersonal Judgment scale
		Duck e Craig (1975)
		Folkes (1982)
		Foster et al. (1998)
		Insko e Wilson (1977)
		Martin e Seta (1983)
		Montoya e Horton (2004)
		Moreland e Zajonc (1982)
		Riggio e Woll (1984)
		Riordan e Tedeschi (1983)
		White et al. (1981)
		Considero-te boa pessoa.
Acho-te simpático(a).	Allen et al. (1989, estudo 1)	
	Jones et al (2004, estudo 7)	
	White et al. (1981)	
Considero-te altruísta	Allen et al. (1989, estudo 1)	
	Moreland e Beach (1992)	

Tabela 9 (continuação)

Sexo	Itens	Estudos
Mulheres	Gosto de trabalhar contigo.	Foster et al. (1998) Martin e Seta (1983)
	Desejo fortemente promover o teu bem-estar.	Sternberg (1986): Triangular Love scale (subescala <i>Intimidade</i> )
	És uma pessoa excepcionalmente madura. Votaria em ti se existisse alguma eleição de grupo.	Rubin (1970): Liking scale
	És uma pessoa que rapidamente conquista respeito.	
	De certeza que te irias integrar no meu grupo de amigos.	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
	Considero-te agradável.	Allen et al. (1989, estudo 1) Herbst et al. (2003, estudo 2)
	Considero-te uma pessoa calorosa.	Allen et al. (1989, estudo 1) Green et al. (1984, estudo 1) Herbst et al. (2003, estudo 2) Moreland e Beach (1992)
	Considero-te talentoso(a). Considero-te uma pessoa positiva.	Herbst et al. (2003, estudo 2)
	Considero-te uma pessoa amigável.	Herbst et al. (2003, estudo 2) Jones et al. (2004, estudo 7)
	Acho que as nossas crenças e atitudes são semelhantes.	
Homens	Gostava de ter as características que tu tens que te fazem desejado(a). Acho-te popular e apreciado por outros.	Insko e Wilson (1977)
	É interessante falar contigo.	
	Considero-te uma pessoa feliz.	Jones et al. (2004, estudo 7)
	Tenho prazer em discutir tópicos controversos contigo.	Montoya e Horton (2004)
	És um bom(boa) amigo(a).	
	Damo-nos bem.	White et al. (1981)
	Temos uma relação calorosa e confortável.	Sternberg (1986): Triangular Love scale (subescala <i>Intimidade</i> )
	É muito fácil para ti seres alvo de admiração.	Rubin (1970): Liking scale
	Gosto de passar tempo a socializar contigo.	McCroskey et al. (2006): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )

Tabela 9 (continuação)

Sexo	Itens	Estudos
Homens	É fácil relacionarmo-nos contigo.	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
	Sinto que te conheço pessoalmente.	McCroskey et al. (2006): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )
		McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção social</i> )

O conceito Amizade compreendeu uma discrepância total de 10 itens assinalados como exclusivos, entre homens (18 itens) e mulheres (10 itens). Neste conceito observa-se o efeito oposto do conceito Amor, como ilustra a tabela 9. Aqui a grande maioria dos itens assinalados fazem originalmente parte de estudos experimentais realizados por diversos autores, isto é, não pertencem a instrumentos previamente aferidos para aceder a um dos conceitos em estudo, mas sim a questões colocadas aos sujeitos perante determinada situação experimental. O estudo de Allen et al. (1989, estudo 1) é o que aparece representado com o maior número de itens não consensuais (4 itens) neste conceito, para o sexo feminino. A Liking scale de Rubin (1970) reúne 3 itens não consensuais, sendo que os restantes autores aparecem representados com apenas 2 ou 1 itens. Especificamente, Foster et al. (1998), Martin e Seta (1983) e White et al. (1981) surgem com 2 itens, e Byrne (1971, IJS), Duck e Craig (1975), Folkes (1982), Moreland e Zajonc (1982), Montoya e Horton (2004), Riggio e Woll (1984), Riordan e Tedeschi (1983), Jones et al. (2004, estudo 7), Moreland e Beach (1992), Sternberg (1986, TLS, subescala *Intimidade*) e McCroskey e McCain (1974, IAS, subescala *Atracção social*) reúnem apenas 1 item assinalado somente pelo sexo feminino, como sendo exclusivamente representativo do conceito Amizade. As características escolhidas, pelo sexo feminino, para representar exclusivamente este conceito, à semelhança do conceito Amor, também espelham atributos individuais e relacionais do objecto de Amizade.

Para o sexo masculino este foi o conceito caracterizado de forma mais rica e pormenorizada, uma vez que reúne 29 itens, 18 dos quais não consensuais. Também aqui a maioria dos itens pertence a estudos experimentais e não a escalas de medida dos conceitos em estudo. Herbst et al. (2003, estudo 2) são os autores representados com mais itens (5 itens), seguidos de Insko e Wilson (1977) com 4 itens representativos da Amizade para o sexo masculino. Com 2 itens representados estão os estudos de Allen et al. (1989, estudo 1), Jones

et al. (2004, estudo 7), Montoya e Horton (2004), e as escalas de McCroskey et al. (2006, IAS, subescala *Atração social*) e McCroskey e McCain (1974, IAS, subescala *Atração social*). Não deixa de ser pertinente observar a correspondência entre as subescalas de *Atração social* e a caracterização do conceito de Amizade. Por último, com apenas 1 item considerado, surgem os autores Green et al. (1984, estudo 1), Moreland e Beach (1992), White et al. (1981), e as escalas de Sternberg (1986, TLS, subescala *Intimidade*) e de Rubin (1970, Liking scale). Como é possível perceber pela observação da tabela 9, são assinaladas bastantes características individuais do objecto de Amizade. Consideravelmente mais, quando comparadas com as assinaladas para o conceito de Amor. A característica mais saliente dos itens escolhidos pelo sexo masculino refere-se ao considerar o objecto de Amizade alvo de admiração, ao ponto de suscitar interesse, por parte do sujeito, de possuir as características que tornam o objecto de Amizade tão desejado.

Para ambos os sexos o conceito de Amizade também reúne características individuais e relacionais, e apesar de ambos considerarem características que remetem para a admiração, apenas o sexo masculino se refere à apropriação das características do objecto de Amizade.

Tabela 10

*Itens não consensuais relativos ao conceito Paixão*

<b>Sexo</b>	<b>Itens</b>	<b>Estudos</b>
	Dominas os meus pensamentos.	Davis (2001): Relationship Rating form (subescala <i>Paixão</i> )
	Acho que gostas de mim.	Insko e Wilson (1977)
	Sinto-me atraído(a) romanticamente por ti.	Jones et al (2004, estudo 6)
	Sentimo-nos mutuamente atraídos assim que nos conhecemos.	
Mulheres	Desde que estamos envolvidos, as minhas emoções assemelham-se a uma montanha russa.	
	Por vezes o meu corpo treme de excitação quando te vejo.	Hendrick e Hendrick (1986): Love Attitudes scale (subescala <i>Eros</i> )
	Por vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos. Penso obsessivamente em ti.	
	Por vezes sinto dificuldade em concentrar-me no trabalho porque não consigo parar de pensar em ti.	

Tabela 10 (continuação)

Sexo	Itens	Estudos
Mulheres	Tenho confiança na tua capacidade para executar tarefas.	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção pela tarefa</i> )
	Sinto-me intenso(a) ao pé de ti.	Rodrigues e Garcia-Marques (2006): Índice de Atracção inicial
	Sinto borboletas no estômago quando penso em ti.	
	Sinto um click quando estou contigo.	
Sinto algo inexplicável por ti.		
Homens	Vejo o meu compromisso contigo como uma questão de princípio.	Sternberg (1986): Triangular Love scale (subescala <i>Compromisso</i> )
	Anseio saber tudo sobre ti.	Hatfield e Sprecher (1986): Passionate Love scale

Pela observação da tabela 10 pode concluir-se que para o conceito Paixão a grande maioria dos itens pertence a escalas de mensuração dos conceitos em estudo, sendo que, especificamente 3 dessas escalas se propõem a medir precisamente este conceito. Verifica-se uma elevada discrepância na quantidade de itens não consensuais para ambos os sexos e, à semelhança dos resultados para o conceito de Amor, também neste conceito o sexo feminino refere um número largamente superior de itens exclusivamente representativos do conceito Paixão. As mulheres referem 13 itens não consensuais, enquanto os homens apenas 2 itens. Os autores que reúnem o maior número de itens representados no sexo feminino são Hendrick e Hendrick (1986), uma vez que 5 dos itens pertencem à subescala *Eros* da LAS, seguidos de Rodrigues e Garcia-Marques (2006), com 4 itens considerados exclusivos da Paixão na sua escala desenvolvida para mensurar a Atracção sentida no momento da tomada de consciência do outro (IAI). Por último, e com apenas 1 item representado cada, surgem os itens pertencentes aos estudos dos autores Insko e Wilson (1977) e Jones et al. (2004, estudo 6) e as escalas de Davis (2001, RRF, subescala *Paixão*) e de McCroskey e McCain (1974, IAS, subescala *Atracção pela tarefa*).

A grande maioria dos itens não consensuais do sexo feminino para este conceito refere-se a efeitos que o objecto de Paixão produz no sujeito que a experiencia.

Tal como se pode observar na tabela 10, o sexo masculino apenas assinala 2 itens como não consensuais e ambos pertencem a escalas, especificamente a subescala *Compromisso* da TLS de Sternberg (1986) e a PLS de Hatfield e Sprecher (1986). Este conceito é o menos descrito pelo sexo masculino, já que entre itens consensuais e não consensuais totaliza apenas

3, que remetem para a estranheza do sentimento (item consensual), para o compromisso e para a ansiedade em adquirir informação sobre o objecto de Paixão. A importância ou complexidade com que os sentimentos amorosos parecem estar diferencialmente representados em ambos os sexos ganha forma também neste conceito.

Por outro lado, e mais uma vez à semelhança do conceito Amor, também no conceito Paixão são referidos como exclusivos itens concebidos para medir conceitos como a Atracção. Também aqui parecem existir pelo menos 2 conceitos interligados, a Paixão e a Atracção, o que reforça uma definição multidimensional dos conceitos.

Tabela 11

*Itens não consensuais relativos ao conceito Atracção*

<b>Sexo</b>	<b>Itens</b>	<b>Estudos</b>	
Mulheres	Considero-te agradável.	Allen et al. (1989, estudo 1)	
		Herbst et al. (2003, estudo 2)	
	Considero-te atraente.	Duck e Craig (1975)	
		Meston e Frohlich (2003)	
		Moreland e Beach (1992)	
		Newcomb (1963)	
		Riordan e Tedeschi (1983)	
		Simpson et al. (1990, estudo 1)	
	Mulheres	És o tipo de pessoa que eu gostaria de conhecer melhor.	White et al. (1981)
		Correspondes ao meu "eu ideal" de beleza física.	Hendrick e Hendrick (1986): Love Attitudes scale (subescala Eros)
Sinto-me extremamente atraído(a) por ti.		Hatfield e Sprecher (1986): Passionate Love scale	
Tens uma imagem cuidada.		McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção física</i> )	
As roupas que vestes favorecem-te imenso.			
Sinto-me atrevido(a) na tua presença.		Rodrigues e Garcia-Marques (2006): Índice de Atracção inicial	
Tenho curiosidade em relação a ti.			
Homens	Gostaria de te convidar para um encontro.	Dutton e Aron (1974)	
	Acho-te excitante.	White et al. (1981)	
	Acho-te sensual.		
	Tens uma aparência sensual.	McCroskey e McCain (1974): Interpersonal Attraction scale (subescala <i>Atracção física</i> )	

Tabela 11 (continuação)

<b>Sexo</b>	<b>Itens</b>	<b>Estudos</b>
Homens	Estou interessado(a) em ti.	Rodrigues e Garcia-Marques (2006): Índice de Atracção inicial
	Sinto-me atraído(a) (fisicamente) por ti.	
	Sinto-me corar na tua presença.	

Os itens não consensuais relativos ao conceito de Atracção pertencem maioritariamente a escalas de mensuração de um dos conceitos em estudo, tornando-se no conceito onde existe maior homogeneidade neste campo (ver tabela 11). Também é o conceito onde existe menor discrepância quanto ao número de itens não consensuais por sexo, uma vez que o sexo feminino assinala 9 itens não consensuais e o sexo masculino 7 itens. É interessante notar que este é o segundo conceito com o menor número de itens consensuais, mas, por outro lado, é também o que reúne menor discrepância de itens não consensuais. Em ambos os sexos são referenciadas apenas duas escalas relativas ao conceito de Atracção, mais ainda, são as mesmas, diferenciando-se somente na quantidade de itens que cada sexo assinalou. As mulheres assinalaram 2 itens de cada escala, enquanto o sexo masculino referencia 1 item da IAS, especificamente da subescala *Atracção física* de McCroskey e McCain (1974), e 3 itens do IAI de Rodrigues e Garcia-Marques (2006). Mais uma vez é interessante notar que apesar de assinalarem quantidades diferentes de itens para cada escala, a quantidade total de itens retirados das escalas de Atracção é a mesma (4 itens) e são coincidentes mesmo na subescala escolhida. Adicionalmente, o sexo feminino menciona 2 itens pertencentes a escalas que medem a Paixão, especificamente, a subescala *Eros*, da LAS de Hendrick e Hendrick (1986) e a PLS de Hatfield e Sprecher (1986). Este fenómeno verificou-se também para o conceito Paixão, uma vez que lhe foram associados itens pertencentes a escalas originalmente concebidas para medir a Atracção, mas para o conceito Paixão esta atribuição foi feita por ambos os sexos, enquanto para o conceito Atracção apenas o sexo feminino faz esta associação. Ainda no sexo feminino, os autores White et al. (1981) surgem com dois itens assinalados como exclusivamente representativos do conceito de Atracção, enquanto Allen et al. (1989, estudo 1), Herbst et al. (2003, estudo 2), Duck e Craig (1975), Meston e Frohlich (2003), Moreland e Beach (1992), Newcomb (1963), Riordan e Tedeschi (1983) e Simpson et al. (1990, estudo 1) são representados somente com 1 item. Para o sexo masculino, adicionalmente aos itens pertencentes às escalas de medição da Atracção, também White et al. (1981) aparece representado com 2 itens e Dutton e Aron (1974) apenas com 1 item.

### *Associação geral dos itens aos vários conceitos*

Para além da associação de itens considerados exclusivos a cada um dos conceitos em estudo, também se obtiveram vários itens que os juízes consideraram definir mais do que apenas um dos conceitos. Através do processo de cotação de itens (especificado na secção *Procedimento*), para além de se obterem os resultados relativos aos itens que ambos os sexos consideraram definir exclusivamente um conceito, também se obtiveram vários grupos de itens que os juízes consideraram definir simultaneamente mais do que dos conceitos em estudos (ver anexo E). Seguidamente irão ser analisados os resultados relativos a ambos os sexos.

Os resultados correspondentes à associação dos itens a apenas um dos conceitos foram anteriormente analisados, pelo que, o foco desta análise recairá sobre os grupos que os juízes de ambos os sexos realizaram e sobre a quantidade de itens a eles associados. O grupo Amizade/Paixão não é especificado em nenhuma figura, uma vez que, homens e mulheres apenas fizeram corresponder um único item ao mesmo.

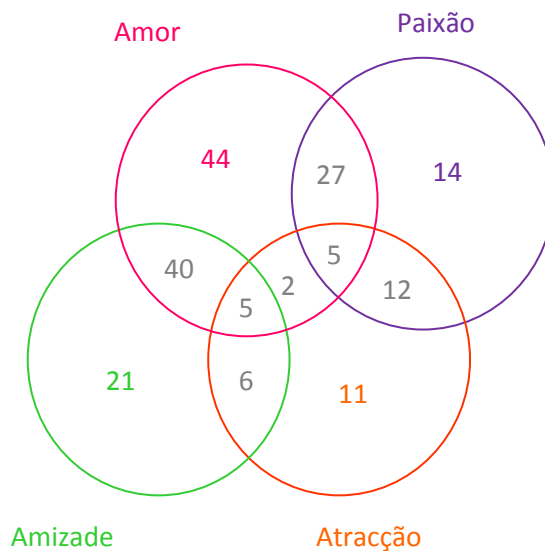


Figura 1

*Associação geral dos itens aos conceitos para o sexo feminino*

Pela observação da figura 1 é possível afirmar que, para o sexo feminino, existem dois grandes grupos de conceitos que podem ser definidos pelos mesmos itens, o grupo Amor/Amizade e o grupo Amor/Paixão. Este sexo considerou que 40 itens definiam os

conceitos de Amor e Amizade simultaneamente, sendo este o grupo de conceitos com maior número de itens associado. De seguida, o grupo Amor/Paixão reúne 27 itens, que para as mulheres podem representar qualquer um destes dois conceitos. O terceiro grupo com maior expressividade de itens é aquele em que os itens, de acordo com o sexo feminino, podem ser associados aos conceitos de Paixão e Atracção (12 itens). Os outros grupos de conceitos não adquiriram tanta expressividade, no entanto existem 6 itens deste estudo que o sexo feminino considerou representarem de igual forma a Amizade e a Atracção e 5 itens para os grupos Amizade/Atracção/Amor e Paixão/Atracção/Amor. Por último, é interessante notar que o grupo que reuniu menor número de itens para o sexo feminino, foi o grupo em que os itens podem ser associados simultaneamente aos conceitos Amor e Atracção (2 itens).

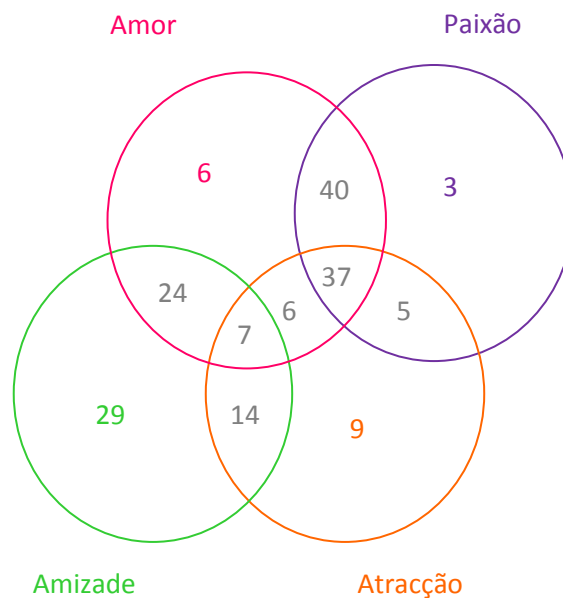


Figura 2

*Associação geral dos itens aos conceitos para o sexo masculino*

Para o sexo masculino, e de forma antagónica ao sexo feminino, existem 3 grupos com enorme expressividade e ainda um quarto grupo, que apesar de não ser tão expressivo como os 3 primeiros, atinge os dois dígitos de representatividade. O grupo com maior número de itens, que o sexo masculino considerou poderem definir mais do que um dos conceitos em estudo, foi o que diz respeito ao Amor e Paixão, com 40 itens a ele associados. Mas, a diferença mais significativa entre sexos refere-se ao grupo Amor/Amizade/Atracção. Pela observação da figura 2 pode perceber-se que este é o segundo grupo de conceitos com maior

número de itens associados pelo sexo masculino (37 itens), quando o sexo feminino apenas lhe fez associar 5 itens (ver figura 1). Aparentemente, a importância relativa destes grupos de conceitos é variável entre sexos. Ainda no sexo masculino, o terceiro grupo de conceitos com maior número de itens associados é o que concerne ao Amor e à Amizade (24 itens), sendo o quarto grupo aquele que abrange os itens que definem simultaneamente o conceitos Amizade e Atracção (14 itens). Por último, surgem os grupos Amor/Amizade/Atracção (7 itens) e Amor/Amizade (6 itens).

Cruzando a informação obtida através das duas figuras, podem observar-se algumas semelhanças e diferenças entre sexos, no que diz respeito à formação de grupos de conceitos e à sua expressividade de itens. Homologamente, ambos os sexos criaram as mesmas associações de conceitos, ao fazerem corresponder um item a mais do que um dos conceitos em estudo. Homens e mulheres criaram autonomamente os mesmos grupos de conceitos, contudo existiram diferenças ao nível da quantidade de itens que lhes foram associados. Para as mulheres existiram apenas dois grandes grupos de associações de conceitos, enquanto para os homens se fizeram notar quatro grandes grupos. Outra grande diferença entre sexos refere-se à quantidade de itens relativos à associação a conceitos isolados ou a grupos de conceitos. No sexo feminino parece existir um equilíbrio neste campo, contudo, mesmo após uma observação rápida é possível perceber que a grande maioria dos itens do sexo masculino, pertencem a grupos de conceitos e não a conceitos isolados. Aparentemente, as mulheres conseguem definir com maior exactidão o que os conceitos são para si, do que os homens, onde parece existir alguma imprecisão na definição objectiva dos sentimentos isoladamente.

#### *Correspondência entre sexos dos itens exclusivos não consensuais*

Torna-se também importante verificar onde cada um dos sexos colocou os itens exclusivos não consensuais assinalados pelo outro sexo. Esta análise foi realizada através da comparação dos itens exclusivos não consensuais de cada sexo (ver tabelas 8, 9, 10 e 11) com os restantes grupos formados pelos dois sexos (ver anexo E).

O sexo feminino considerou, de forma não consensual, que 39 itens definem exclusivamente o conceito Amor, 24 dos quais o sexo masculino considerou pertencerem ao grupo Amor/Paixão, estando os restantes distribuídos pelos grupos Amor/Amizade/Paixão (4 itens), Amor/Paixão/Atracção (4itens), Amor/Amizade (3 itens), Amizade (1 item), Paixão (1

item), Amor/Atracção (1 item), e Amor/Amizade/Paixão/Atracção (1 item). O único item não consensual que o sexo masculino assinalou para o conceito Amor, foi associado pelo sexo feminino ao grupo Paixão/Atracção.

Parece que, naquilo que não concordam, quando as mulheres definem apenas Amor, os homens definem quer Amor, quer Paixão.

Para o conceito Amizade, o sexo feminino assinalou 10 itens exclusivos não consensuais, a maior parte dos quais o sexo masculino considerou pertencerem ao grupo Amizade/Outros tipos de relações (6 itens). Os restantes 4 itens encontram-se distribuídos pelos grupos Amor/Amizade/Atracção (1 item), Amizade/Atracção/Outros tipos de relações (1 item), Amor/Amizade/Paixão (1 item), e Amor/Amizade (1 item). Os 18 itens que o sexo masculino considerou, de forma não consensual, definirem o conceito Amizade foram amplamente distribuídos por vários grupos, pelo sexo feminino. Os grupos que reuniram maior quantidade de itens foram Amor/Amizade e Amizade/Outros tipos de relações, com 4 itens cada, seguidos do grupo Outros tipos de relações (2 itens), e dos grupos Atracção, Amor, Amizade/Paixão, Amizade/Atracção, Amor/Paixão, Amor/Amizade/Outros tipos de relações, Amor/Amizade/Atracção, com 1 item cada, e ainda 1 item que não reuniu consenso entre os juízes do sexo feminino.

Nos itens exclusivos não consensuais, aparentemente o que para as mulheres define Amizade, para os homens pode também definir outros tipos de relações interpessoais.

O conceito Paixão reuniu para o sexo feminino 13 itens exclusivos não consensuais, 9 dos quais o sexo masculino considerou pertencerem ao grupo Amor/Paixão/Atracção, distribuindo os restantes 4 itens uniformemente, com 1 item cada, pelos grupos Amor/Atracção, Paixão/Atracção, Outros tipos de relações, e, à semelhança do verificado para o conceito anterior, 1 item que não reuniu consenso entre os juízes do sexo masculino. O sexo masculino apenas assinalou 2 itens exclusivos não consensuais, que o sexo feminino considerou definirem Amor (1 item) e Amor/Amizade (1 item).

Também neste conceito a diferença mais saliente diz respeito aos itens exclusivos não consensuais do sexo feminino, onde aparentemente o que para as mulheres define apenas Paixão, para os homens pode definir 3 conceitos: o Amor, a Paixão, ou a Atracção.

Por último, o conceito Atracção reuniu 9 itens exclusivos não consensuais para o sexo feminino, que o sexo masculino distribuiu pelos grupos Amor/Paixão/Atracção (3 itens),

Amizade/Atracção (3 itens), Amizade (1 item), Amor/Atracção/Outros tipos de relações (1 item), e Amizade/Atracção/Outros tipos de relações (1 item). O mesmo conceito reuniu 7 itens exclusivos não consensuais para o sexo masculino, 5 dos quais foram associados, pelo sexo feminino ao grupo Paixão/Atracção, seguido dos grupos Amor/Paixão e Outros tipos de relações, com 1 item cada.

No conceito Atracção o resultado mais saliente refere-se precisamente a estes itens exclusivos não consensuais do sexo masculino, os quais as mulheres utilizam maioritariamente para definir quer a Paixão, quer a Atracção.

#### *Adequabilidade de respostas dos sexos às escalas em estudo*

Através da análise detalhada dos itens consensuais e não consensuais de cada sexo, tal como da análise de grupos de conceitos é possível afirmar que o sexo feminino é aquele que mais fielmente responde às escalas em estudo. Os conceitos Amor e Paixão foram os que obtiveram maior correspondência dos itens às escalas, pelo sexo feminino, contudo é importante notar que o sexo feminino associou a estes conceitos itens de escalas que se propõem a medir ambos. Este facto deve-se a que a esmagadora maioria das escalas que pretendem medir o Amor, por o considerarem um conceito multidimensional, possuem subescalas que medem a Paixão, não existindo logicamente uma subescala que meça o Amor. A única excepção é a escala de Rubin (1970, Loving scale), que construiu uma escala para o Amor e outra para o Gostar. Esta escala aparece fortemente representada nos itens não consensuais relativos ao conceito Amor do sexo feminino, mas não surge sequer nos itens não consensuais do sexo masculino. Ainda assim, é relevante constatar que a TLS de Sternberg (1986) foi associada quase na sua totalidade, pelo sexo feminino, ao conceito de Amor, especialmente as subescalas *Paixão* e *Compromisso*. Paralelamente, o mesmo sexo associou aproximadamente metade dos itens da PLS, de Hatfield e Sprecher (1986) ao mesmo conceito, quando o sexo masculino apenas lhe fez associar 3 de um total de 30 itens. Ao conceito Paixão, o sexo feminino associou mais frequentemente os itens da subescala *Eros*, da LAS, de Hendrick e Hendrick (1986) e do IAI de Rodrigues e Garcia-Marques (2006), com 5 e 4 itens respectivamente. Por outro lado, o sexo masculino apenas associou 3 itens exclusivos para Paixão, de um total de 246 itens amostrais. Para o conceito Amizade, a Liking scale de Rubin (1970) foi a que obteve maior número de itens representados no sexo feminino (3 itens), enquanto as subescalas *Atracção social*, das IAS de MCroskey e McCain

(1974) e McCroskey et al. (2006) foram as que conseguiram maior expressividade no sexo masculino com dois itens cada. Relembrando o já referido, este conceito foi mais associado a questões utilizadas em estudos experimentais, do que às escalas em estudo. Por último, o conceito Atracção foi essencialmente associado, pelo sexo feminino, à subescala Atracção física, da IAS, de McCroskey e McCain (1974) e ao IAI de Rodrigues e Garcia-Marques (2006), com 2 e 3 itens respectivamente, enquanto o sexo masculino associou maioritariamente este conceito ao IAI de Rodrigues e Garcia-Marques (2006), com um total de 4 itens representados.

## DISCUSSÃO

Neste trabalho pretendemos aceder a constructos definidores das relações interpessoais como o Amor, Amizade, Atracção e Paixão. Para o efeito fizemos um levantamento exaustivo das formas avaliativas escritas utilizadas por diferentes instrumentos, de forma a aceder a cada um destes constructos.

Numa primeira análise verificamos que não são associadas, por nenhum dos sexos, características negativas ao objecto de Amor, Amizade, Paixão ou Atracção.

Numa segunda análise verificamos que:

1) *Os constructos sobrepõem-se em diferentes graus.*

O conceito que reúne maior consensualidade, e de forma bem distinta, é o da Amizade, seguido do Amor, Atracção, e por último a Paixão, com uma consensualidade mínima entre sexos.

2) *Homens e mulheres não percebem os constructos de forma semelhante.*

O sexo feminino assinala mais itens exclusivos para todos os conceitos sob estudo, quando comparado com o sexo masculino. O conceito ilustrado, pelo sexo feminino, com o maior número de itens foi o Amor, que reuniu uma quantidade de itens superior à soma dos itens assinalados para todos os outros conceitos, seguindo-se a Amizade, a Paixão e por último a Atracção. Para o sexo masculino o conceito que reuniu maior quantidade de itens considerados exclusivos foi o da Amizade, seguido da Atracção, do Amor e da Paixão. Também aqui a diferença entre o conceito com maior número de itens assinalados e o seguinte é superior ao número de itens assinalados individualmente para os 3 outros conceitos.

O sexo feminino utiliza essencialmente atributos concebidos para medir a Paixão quando se propõe a definir o Amor. O sexo masculino, apesar de também considerar itens associados

a escalas de Paixão e Amor (como se pode verificar na tabela 4, que diz respeito aos itens consensuais), fá-lo numa quantidade consideravelmente inferior às mulheres.

No conceito Amizade observa-se um fenómeno contrário ao verificado para o conceito Amor. Aqui o sexo masculino é mais complexo na definição, e o sexo feminino menos rico em descritores.

O conceito Paixão, apresenta uma consensualidade mínima entre sexos, e à semelhança dos resultados para o conceito de Amor, também neste conceito, o sexo feminino aparenta maior complexidade conceptual, quanto comparado com o seu análogo. Este conceito é o menos descrito pelo sexo masculino.

O conceito Atracção, também apresenta resultados que se traduzem num nível baixo de consensualidade. Curiosamente este conceito é aquele onde existe menor discrepância entre homens e mulheres. É o segundo conceito com o menor número de itens consensuais e, por outro lado, é o que reúne menor discrepância de itens não consensuais. Um dado interessante refere-se à associação feita pelos sexos aos itens das escalas de Paixão e Atracção, a estes dois conceitos. Os dois sexos associam itens de instrumentos concebidos para medir a Atracção ao conceito Paixão, mas apenas o sexo feminino associa itens concebidos para mensurar a Paixão à Atracção.

Mulheres e homens criaram autonomamente os mesmos grupos de conceitos, no entanto são notórias as diferenças ao nível da quantidade de itens que lhes fizeram associar. Para as mulheres existiram apenas dois grandes grupos de associações de conceitos, Amor/Amizade e Amor/Paixão. Contudo, nas associações realizadas pelos homens fizeram-se notar quatro grandes grupos, Amor/Paixão, Amor/Paixão/Atracção, Amor/Amizade e Amizade/Atracção. Os grupos com maior expressividade para as mulheres também apresentam expressividade nos homens, mas parece que este último sexo utiliza maioritariamente a mesma definição em diversos conceitos. A principal diferença entre sexos refere-se à quantidade de itens relativos à associação a conceitos isolados ou a grupos de conceitos. No sexo feminino parece existir um equilíbrio neste campo, no entanto, a grande maioria dos itens do sexo masculino, pertencem a grupos de conceitos e não a conceitos isolados.

Adicionalmente, a correspondência entre sexos dos itens exclusivos não consensuais revela também resultados interessantes. Parece que, naquilo que não concordam, quando as mulheres definem apenas Amor, os homens definem quer Amor, quer Paixão; o que para as

mulheres define apenas Amizade, para os homens pode definir Amizade ou outros tipos de relações interpessoais; quando as mulheres estão a definir unicamente a Paixão, os homens podem estar a definir 3 conceitos: o Amor, a Paixão, ou a Atracção; e por último o que para os homens define, de forma exclusiva, o conceito Atracção, para as mulheres pode definir quer a Paixão, quer a Atracção.

3) *O sexo feminino é aquele que mais fielmente responde às escalas em estudo.*

Tal como o mencionado na secção anterior, *Resultados*, os conceitos Amor e Paixão foram os que obtiveram maior correspondência dos itens às escalas, pelo sexo feminino, no entanto, não deixa de ser pertinente referir que o sexo feminino associou a ambos os conceitos itens de escalas que se propõem a medir quer o Amor, quer a Paixão.

A escala mais associada ao conceito Amor, pelas mulheres, foi a Triangular Love scale de Sternberg (1986), especialmente as subescalas *Paixão* e *Compromisso*, da qual se retira um elevado potencial para a mensuração deste conceito no sexo feminino. Esta foi a escala com maior expressividade na definição dos conceitos em estudo. Também a Loving scale de Rubin (1970) aparece fortemente representada nos itens não consensuais relativos ao Amor para o sexo feminino. Paralelamente, o mesmo sexo associou aproximadamente metade dos itens da escala Passionate Love scale, de Hatfield e Sprecher (1986). Estes 3 instrumentos apresentam portanto elevado potencial de validade de constructo e, embora talvez inadvertidamente, o mesmo potencial para a validade discriminante no que concerne ao sexo feminino.

Todos os outros conceitos, para os dois sexos, não apresentaram níveis de expressividade tão elevados como o conceito Amor para o sexo feminino. No entanto, é importante referir que os instrumentos a que o sexo feminino atribuiu maior expressividade no conceito Paixão, foram a subescala *Eros*, da escala Love Attitudes scale, de Hendrick e Hendrick (1986) e o Índice de Atracção inicial de Rodrigues e Garcia-Marques (2006). O sexo masculino não conferiu expressividade notória a nenhuma das escalas em estudo, especificamente no que concerne aos conceitos Amor e Paixão.

Apesar de os conceitos Amizade e Atracção não apresentarem, de forma tão explícita, correspondência com as escalas em estudo, para nenhum dos sexos, far-se-á um breve resumo dos resultados obtidos, uma vez que, não deixam de ser pertinentes para

considerações futuras. Para o conceito Amizade, a Liking scale de Rubin (1970) foi a que obteve maior número de itens representados no sexo feminino, enquanto as subescalas *Atracção social*, das Interpersonal Attraction scales de McCroskey e McCain (1974) e McCroskey et al (2006) foram as que adquiriram maior expressividade no sexo masculino. Relembrando o já referido, este conceito foi mais associado a questões utilizadas em estudos experimentais, do que às escalas em estudo. Por último, o conceito Atracção foi grandemente associado, pelo sexo feminino, à subescala *Atracção física*, da Interpersonal Attraction scale, de McCroskey e McCain (1974) e ao Índice de Atracção inicial de Rodrigues e Garcia-Marques (2006), enquanto o sexo masculino associou essencialmente este conceito ao Índice de Atracção inicial de Rodrigues e Garcia-Marques (2006).

Cada uma destas observações retiradas dos dados suscita diferentes implicações.

A primeira implicação refere-se à existência aparente de consensualidade entre sexos na definição dos constructos amorosos, que dá lugar a uma não consensualidade relativamente elevada.

A segunda implicação diz respeito à constatação de que o sexo feminino utiliza maioritariamente atributos concebidos para medir a Paixão quando se propõe a definir o Amor, que pode ser justificada com o facto de as próprias teorias subjacentes aos instrumentos utilizados neste estudo, e de um modo geral, as teorias explicativas do Amor, conceberem este conceito como multidimensional, abarcando vários constructos, entre eles a Paixão, a Atracção, e até mesmo a Amizade.

A grande associação de itens exclusivos ao conceito Amor, por parte do sexo feminino, podem encontrar suporte na teoria evolucionista das estratégias sexuais, especificamente no que concerne ao investimento parental obrigatório. De acordo com esta teoria o sexo feminino é altamente discriminante na escolha de um parceiro, uma vez que os benefícios que o sexo que investe bastante (mulheres) obtém por ser altamente discriminante, e os custos que acarreta ser indiscriminante, serão sempre maiores para as mulheres (Botwin et al., 1997), o que se traduz numa escolha potencialmente mais discriminatória por parte deste sexo (Sadalla et al., 1987). Pode conjecturar-se que a história evolutiva teve como consequência uma conceptualização feminina do Amor, usualmente associado a relações a longo prazo, muito mais complexa, objectiva e discriminante, por oposição à masculina.

A Amizade é o conceito caracterizado de forma mais pormenorizada pelo sexo masculino, o que se pode relacionar com o facto de ser o único conceito que potencialmente abarca os dois géneros sexuais, existindo aparentemente uma diferença na atribuição de características deste conceito, para este sexo. A potencial inclusão dos dois sexos neste conceito torna a sua definição mais familiar, uma vez que, de acordo com Mazur (1989) os homens possuem valores motivacionais e de afiliação menores do que as mulheres, isto porque, os laços masculinos não são, comumente, um meio de auto-exploração, crescimento pessoal, ou de desenvolvimento de intimidade tal como o são, nas amizades do mesmo sexo, para as mulheres. O que pode justificar a falta de complexidade masculina associada à definição do outros conceitos, que não se verifica neste. Também Chodorow (cit. por Mazur, 1989) sustenta que os homens se sentem mais confortáveis a partilharem laços que tenham por base expectativas associadas ao desempenho de papéis, particularmente em relação a outros homens. Este autor sugere que regras e papéis estruturam uma situação ameaçadora, de potencial intimidade, numa situação mais segura e menos pessoal, na qual os homens podem expressar as suas necessidades afiliativas.

Para ambos os sexos o conceito de Amizade também reúne características individuais e relacionais, e apesar de ambos considerarem características que remetem para a admiração, apenas o sexo masculino se refere à apropriação das características do objecto de Amizade. Este fenómeno pode encontrar suporte nas investigações de Weiss e Lowenthal (cit. por Huston & Levinger, 1978), que concluem que as interacções masculinas enfatizam a actividade mútua, competição, e o exercício do poder e da influência, como forma de estabelecer hierarquias dominantes, tal como o riso e a brincadeira em detrimento da partilha de informações pessoais, o que reportando a Mazur (1989) pode ser utilizado estrategicamente para estabelecer e preservar barreiras entre indivíduos, uma vez que, ao tornarem potenciais situações de intimidade, em situações de realização competitiva, ancoradas em regras, qualquer dedução possível acerca da intensidade de sentimentos entre homens pode ser difundida.

No que concerne ao conceito Paixão, os itens que o sexo feminino escolhe para o caracterizar, tal como a sua ausência nas escolhas do sexo masculino, podem dar suporte ao trabalho de Browning et al., que já em 1999 revelavam que quer as investigações, quer os pressupostos culturais acerca das diferenças de género convergem, postulando que os homens se sentem mais motivados para o comportamento sexual e as mulheres se sentem mais motivadas para relações e compromissos românticos. Também Missildine et al. (2005)

sublinham a relação teórica assumida entre o desejo e a procura de relações a curto prazo com a actividade sexual, e o desejo e a procura de relações a longo prazo, ou seja, relações orientadas para o compromisso, com a motivação romântica. O conteúdo dos itens escolhidos pode por isso ser um reflexo da tendência feminina para a romantização.

Este fenómeno da psicologia feminina é particularmente interessante, especialmente se as mulheres interiorizarem as conclusões de Walster e Walster (cit. por Hendrick & Hendrick, 1986), que afirmam que o amor passional dá quase sempre lugar a um outro tipo de amor, caracterizado por menor intensidade de emoções, o amor companheiro. Por outras palavras, crêem que a Paixão dá lugar ao Amor, que por regra se traduz num relacionamento a longo prazo.

Os dados referentes à baixa discrepância e paralelamente baixa consensualidade no conceito Atracção indiciam um nível de complexidade semelhante entre sexos, acompanhado de uma conceptualização potencialmente distinta.

Os dados mostram que ambos os sexos associam itens de instrumentos concebidos para medir a Atracção ao conceito Paixão, mas que apenas o sexo feminino associa itens concebidos para mensurar a Paixão à Atracção o que revela que os homens associam características da Atracção à Paixão, mas que definem a Atracção por aquilo que é, ou por aquilo que as escalas concebidas até à data para a mensurarem contemplam. Já as mulheres concebem estes dois conceitos como interligados, independentemente do conceito activado.

Os resultados obtidos podem encontrar justificação na argumentação de Levinger e Snoek (cit. por Steck et al., 1982) que apontam a Atracção como precursor das relações românticas. Caracterizam-na como baseada, pelo menos em parte, na realização de necessidades pessoais, o que permite explicar os componentes de elevada necessidade associados aos relacionamentos caracterizados pela Atracção. Estes autores evidenciam ainda a ligeira tendência masculina para conceptualizar uma associação mais forte entre necessidade e Amor, do que as mulheres, o que pode estar na base da não associação de itens de escalas de Paixão ao conceito Atracção no sexo masculino.

Uma vez que a necessidade está altamente associada à Atracção, estas diferenças podem ajudar a fundamentar os resultados que sugerem que os homens se apaixonam mais depressa do que as mulheres, desde que, tal como Rubin et al. (cit. por Steck et al., 1982) sugerem, se acredite que a Atracção é o primeiro passo para se estar apaixonado. Também a concepção

destes autores, de que os homens podem confundir o sentirem-se atraídos com os estarem apaixonados, encontra suporte se nos basearmos mais uma vez na associação diferencial dos itens dos conceitos de Atracção e Paixão entre sexos.

Aparentemente, as mulheres conseguem definir com maior exactidão o que os conceitos são para si, do que os homens, onde parece existir alguma imprecisão na definição dos sentimentos isoladamente.

A última grande implicação refere-se à associação aparentemente indiscriminada de itens pertencentes a escalas de Amor e Paixão a estes dois conceitos. Este fenómeno tem a sua origem no facto de a grande maioria das escalas que se propõem medir o Amor, por o considerarem um conceito multidimensional, possuem subescalas que medem a Paixão, entre outros conceitos. Assim, parece lógico que neste tipo de instrumentos não exista uma subescala que meça o Amor individualmente, como um conceito isolado, com excepção feita à escala de Rubin (1970, Loving scale), que construiu uma escala para o Amar e outra para o Gostar. Esta escala aparece fortemente representada nos itens não consensuais relativos ao conceito Amor do sexo feminino, mas não surge sequer nos itens não consensuais do sexo masculino, o que sugere que a Loving scale de Rubin (1970) pode ser um bom instrumento para medir o conceito Amor no sexo feminino.

Se, como se verificou, o Amor não é conceptualmente o mesmo para homens e mulheres, então o instrumento de mensuração do Amor tem de ser uma entidade abstracta que capte o Amor, quer para os homens, quer para as mulheres. Podemos ir mais longe e propor o desenvolvimento de dois conceitos de Amor, o Amor masculino e o Amor feminino, onde todas as escalas concebidas para o mensurar devessem possuir subescalas que permitissem revelar estes dois tipos de Amor. O mesmo reenquadramento teórico será conveniente para a Amizade e a Paixão, embora os resultados mais salientes se tenham revelado nos conceitos Amor e Atracção. Como tal, e uma vez que a principal limitação deste estudo diz respeito à quantidade de juízes envolvidos, sugere-se uma replicação, pelo menos parcial do mesmo, a fim de corroborar e talvez dar continuidade a esta linha de investigação.

### *Discussão geral*

Este estudo propôs-se a diferenciar os constructos definidores das relações interpessoais como o Amor, a Amizade a Paixão e a Atracção, a inquirir acerca do consenso entre sexos nessa diferenciação, e a informar acerca da validade dos instrumentos utilizados.

Fica explicita a conceptualização multidimensional que os dois sexos conferem aos conceitos em estudo. Contudo, é notável, e já por diversas vezes observado neste estudo, a adesão diferencial dos sexos às escalas e aos instrumentos em estudo. O sexo feminino adere de forma impressionante à definição exclusiva do conceito Amor, e de um modo geral, a todos os conceitos. Por seu lado, o sexo masculino apenas demonstra facilidade em definir o conceito Amizade. Torna-se desde já basilar retomar o estudo da conceptualização diferencial dos conceitos amorosos, entre sexos, e talvez reformular instrumentos, ou mesmo teorias explicativas. Deveríamos talvez proceder à sugestão de Sternberg, que já em 1997, impulsionava à realização de testes de comparação directa entre teorias, conduzidos de forma imparcial, e de um modo que permitiria, em última instância, criar novas teorias baseadas no que as actuais têm de melhor. Tendo em conta a diferente conceptualização dos sentimentos amorosos entre sexos, adicionamos nós. Isto porque, se os conceitos são percebidos como conceptualmente diferentes para ambos os sexos, então talvez se devam construir instrumentos que permitam esta dualidade conceptual. É por esse motivo que sugerimos uma replicação deste estudo, com um maior número de juízes, a fim de obter mais informação acerca deste tema. Também o elevado número de itens presentes no estudo pode ser apontado como uma limitação, uma vez que conduziu a um tempo médio de resposta elevado, o que por sua vez pode ter enviesado respostas dos juízes devido ao cansaço ou monotonia. De forma a evitar estas constringências, sugerimos uma replicação onde cada juiz tenha de responder a menores quantidades de itens, para que mantenha a concentração e velocidade de resposta.

Apesar de as diferenças observadas serem claras, quando nos propomos a definir sentimentos que concernem ao que consideramos ser de mais pessoal, independentemente desta consideração de interioridade advir de fenómenos socioculturais ou biológicos, não deixamos todos de nos referir a sentimentos universais de entrega e partilha, por maior ou menor que seja a complexidade e objectividade com que os definamos. Antes de sexos biologicamente definidos, todos somos pessoas, seres complexos, com individualidades e generalidades que, tal como vimos podem ser explicitadas por quase todas as correntes

explicativas do comportamento humano. Será importante respeitar este facto aquando da conceptualização das subescalas inter-sexos, para não correremos o risco de cair em fatalidades e vaticinarmos inadvertidamente diferenças que nos isolam.

A ciência das relações tem ainda muitas questões a que deve dar resposta, uma vez que, tal como acabámos de constatar, quando tentamos responder a algumas surgem-lhe outras tantas associadas. Mas a ciência é por definição isso, dar respostas para questionar, e é isso que propomos, que se continue a questionar a extensão das diferenças e das semelhanças entres homens e mulheres. Apesar de algumas opiniões reclamarem a origem planetária distinta, é unânime a constatação de que os dois sexos estão destinados a partilhar o mesmo planeta, o de ambos.

## REFERÊNCIAS

Allen, J., Kenrick, D., Linder, D., & McCall, M. (1989). Arousal and attraction: A response-facilitation alternative to misattribution and negative-reinforcement models. Journal of Personality and Social Psychology, 57 (2), 261-270.

Barnes, M., & Buss, D. (1985). Sex differences in the interpersonal behavior of married couples. Journal of Personality and Social Psychology, 48 (3), 654-661.

Baumeister, R. (2000). Gender differences in erotic plasticity: The female sex drive as socially flexible and responsive. Psychological Bulletin, 126 (3), 347-374.

Baumeister, R., Catanese, K., Vohs, K. (2001). Is there a gender difference in strength of sex drive? Theoretical views, conceptual distinctions, and a review of relevant evidence. Personality and Social Psychology Review, 5 (3), 242-273.

Bersheid, E. (1999). The greening of relationship science. American Psychologist, 54 (4), 260-266.

Botwin, M., Buss, D., & Shakelford, T. (1997). Personality and mate preferences: Five factors in mate selection and marital satisfaction. Journal of Personality, 65 (1), 107-136.

Browning, J., Kessler, D., Hatfield, E., & Choo, P. (1999). Power, gender, and sexual behavior. The Journal of Sex Research, 36 (4), 342-347.

Buss, D. (1995). Psychological sex differences: Origins through sexual selection. American Psychologist, 50 (3), 164-168.

Buss, D. (2009). The great struggles of life: Darwin and the emergence of evolutionary psychology. American Psychologist, 64 (2), 140-148.

Buss, D., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. Journal of Personality and Social Psychology, 50 (3), 559-570.

Buss, D., & Schmitt, D. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. Psychological Review, 100 (2), 204-232.

Byrne, D. (1971). The attraction paradigm. New York: Academic Press.

Choo, P., Levine, T., & Hatfield, E. (1996). Gender, love schemas, and reactions to romantic break-ups. Journal of Social Behavior and Personality, 11 (5), 143-160.

Davis, K. (2001). The relationship rating form (RRF): A measure of characteristics of romantic relationships and friendships. In J. Touliatos, B. Perlmutter & G. Holden (Eds.), Handbook of family measurement techniques (2<sup>nd</sup> ed., Vol. 2, pp. 195-197). CA: Sage Publications.

Dion, K., Bersheid, E., & Walster, E. (1972). What is beautiful is good. Journal of Personality and Social Psychology, 24 (3), 285-290.

Duck, S., & Craig, G. (1975). Effects of type of information upon interpersonal attraction. Social Behavior & Personality, 3 (2), 157-164.

Dutton, D., & Aron, A. (1974). Some evidence for heightened sexual attraction under conditions of high anxiety. Journal of Personality and Social Psychology, 30 (4), 510-517.

Fehr, B. (1988). Intimacy expectations in same-sex friendships: A prototype interaction-pattern model. Journal of Personality and Social Psychology, 86 (2), 265-284.

Feingold, A. (1990). Gender differences in effects of physical attractiveness on romantic attraction: A comparison across five research paradigms. Journal of Personality and Social Psychology, 59 (5), 981-993.

Folkes, V. (1982). Forming relationships and matching hypothesis. Personality and Social Psychology Bulletin, 8 (4), 631-636.

Foster, C., Witcher, B., Campbell, W., & Green, J. (1998). Arousal and attraction: Evidence for automatic and controlled processes. Journal of Personality and Social Psychology, 74 (1), 86-101.

Green, S., Buchanan, D., & Heuer, S. (1984). Winners, losers, and choosers: A field investigation of dating initiation. Personality and Social Psychology Bulletin, 10, 502-511.

Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. Journal of Adolescence, 9, 383-410.

Hays, R. (1984). The development and maintenance of friendship. Journal of Social and Personal Relationships, 1, 75-98.

Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. Journal of Personality and Social Psychology, 50 (2), 392-402.

Herbst, K., Gaertner, L., & Insko, C. (2003). My head says yes but my heart says no: Cognitive and affective attraction as a function of similarity to the ideal self. Journal of Personality and Social Psychology, 84 (6), 1206-1219.

Huston, T., & Levinger, G. (1978). Interpersonal attraction and relationships. Annual Reviews of Psychology, 29, 115-156.

Insko, C., & Wilson, M. (1977). Interpersonal attraction as a function of social interaction. Journal of Personality and Social Psychology, 35 (12), 903-911.

Jones, J., Pelham, B., Carvalho, M., & Mirenberg, M. (2004). How do I love thee? Let me count the Js: Implicit egotism and interpersonal attraction. Journal of Personality and Social Psychology, 87 (5), 665-683.

Kenrick, D., Sadalla, E., Groth, G., & Trost, M. (1990). Evolution, traits, and the stages of human courtship: Qualifying the parental investment model. Journal of Personality, 58 (1), 97-116.

Li, N., & Kenrick, D. (2006). Sex similarities and differences in preferences for short-term mates: What, whether, and why. Journal of Personality and Social Psychology, 90 (3), 468-489.

Li, N., Kenrick, D., Bailey, J., & Linsenmeier, (2002). The necessities and luxuries of mate preferences: Testing the tradeoffs. Journal of Personality and Social Psychology, 82 (6), 947-995.

Maner, J., Kenrick, D., Becker, D., Delton, A., Hofer, B., Wilbur, C., & Neuberg, S. (2003). Sexually selective cognition: Beauty captures the mind of the beholder. Journal of Personality and Social Psychology, 85 (6), 1107-1120.

Martin, L., & Seta, J. (1983). Perceptions of unity and distinctiveness as determinants of attraction. Journal of Personality and Social Psychology, 44 (4), 755-764.

Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs?. Japanese Psychological Research, 45 (1), 25-37.

Mazur, E. (1989). Predicting gender differences in same-sex friendships from affiliation motive and value. Psychology of Women Quarterly, 13, 277-291.

McCroskey, J., & McCain, T. (1974). The measurement of interpersonal attraction. Speech Monographs, 41, 261-266.

McCroskey, L., McCroskey, J., & Richmond, V. (2006). Analysis and improvement of the measurement of interpersonal attraction and homophily. Communication Quarterly, 54 (1), 1-31.

McGee, E., & Shevlin, M. (2009). Effect of humor on interpersonal attraction and mate selection. The Journal of Psychology, 143 (1), 67-77.

Meston, C., & Frohlich, P. (2003). Love at first fright: Partner salience moderates roller-coaster-induced excitation transfer. Archives of Sexual Behavior, 32 (6), 537-544.

Missildine, W., Feldstein, G., Punzalan, J., & Parsons, J. (2005). S/he loves me, s/he loves me not: Questioning heterosexist assumptions of gender differences for romantic and sexually motivated behaviors. Sexual Addiction & Compulsivity, 12, 65-74.

Montoya, R., & Horton, R. (2004). On the importance of cognitive evaluation as a determinant of interpersonal attraction. Journal of Personality and Social Psychology, 86 (5), 696-712.

Moreland, R., & Beach, S. (1992). Exposure effects in the classroom: The development of affinity among students. Journal of Experimental Social Psychology, 28, 255-276.

Moreland, R., & Zajonc, R. (1982). Exposure effects in person perception: Familiarity, similarity, and attraction. Journal of Experimental Social Psychology, 18, 395-415.

Newcomb, T. (1963). Stabilities underlying changes in interpersonal attraction. Journal of Abnormal and Social Psychology, 66 (4), 376-386.

Reis, H., Collins, W., & Bersheid, E. (2000). The relationship context of human behavior and development. Psychological Bulletin, 126 (6), 844-872.

Riggio, R., & Woll, S. (1984). The role of nonverbal cues and physical attractiveness in the selection of dating partners. Journal of Social and Personal Relationships, 1, 347-357.

Riordan, C., & Tedeschi, J. (1983). Attraction in aversive environments: Some evidence for classical conditioning and negative reinforcement. Journal of Personality and Social Psychology, 44 (4), 683-692.

Rodrigues, D., & Garcia-Marques, T. (2006). Como medir a atracção sentida num primeiro encontro? Construção do Índice de Atracção Inicial (IAI). In C. Machado, L. Almeida, M. Guisande, M. Gonçalves & V. Ramalho (Eds.), Actas da XI conferência internacional de avaliação psicológica: Formas e contextos (pp. 1027-1036). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. Journal of Personality and Social Psychology, 16 (2), 265-273.

Sadalla, E., Kenrick, D., & Vershure, B. (1987). Dominance and heterosexual attraction. Journal of Personality and Social Psychology, 52 (4), 730-738.

Schmitt, D., & Buss, D. (1996). Strategic self-promotion and competitor derogation: Sex and context effects on the perceived effectiveness of mate attraction tactics. Journal of Personality and Social Psychology, 70 (6), 1185-1204.

Schmitt, D., Shakelford, T., & Buss, D. (2001). Are men really more “oriented” toward short-term mating than women?. Psychology, Evolution & Gender, 3, 211-239.

Simpson, J., Gangestad, S., & Lerma, M. (1990). Perception of physical attractiveness: Mechanisms involved in the maintenance of romantic relationships. Journal of Personality and Social Psychology, 59 (6), 1192-1201.

Steck, L., Levitan, D., McLane, D., & Kelley, H. (1982). Care, need, and conceptions of love. Journal of Personality and Social Psychology, 43 (3), 481-491.

Sternberg, R. (1986). A triangular theory of love. Psychological Review, 93 (2), 119-135.

Sternberg, R. (1987). Liking versus loving: A comparative evaluation of theories. Psychological Bulletin, 102 (3), 331-345.

Sternberg, R. (1997). Construct validation of a triangular love scale. European Journal of Social Psychology, 27, 313-335.

Verkuyten, M., & Masson, K. (1996). Culture and gender differences in the perception of friendship by adolescents. International Journal of Psychology, 31 (5), 207-217.

White, G., Fishbein, S., & Rutstein, J. (1981). Passionate love and the misattribution of arousal. Journal of Personality and Social Psychology, 41 (1), 56-62.

Zarbatany, L., Conley, R., & Pepper, S. (1990). Personality and gender differences in friendship needs and experiences in preadolescence and young adulthood. International Journal of Behavioral Development, 28 (4), 299-310.

## ANEXOS

## Anexo A: REVISÃO DA LITERATURA

Desde muito cedo que o Homem se questiona acerca da origem e significado dos sentimentos amorosos. Mas, o que é isto de Amor? Filósofos, poetas e cientistas, mais tarde, tentam à algumas centenas de anos dissecar o Amor. Contudo, alguns sentimentos surgem-lhe associados, como a Atracção, a Paixão, ou mesmo a Amizade.

É sabido que cada indivíduo, na sua unicidade, interpreta subjectivamente a realidade, mas será que consideramos de alguma forma características semelhantes para os mesmos sentimentos. Homens e mulheres agrupam os mesmos conceitos para os sentimentos? Ou, por outro lado, cada género sexual categoriza diferentemente conceitos referentes a sentimentos de atracção?

Para verificar que homens e mulheres desejam em parte características semelhantes, e em parte características diferentes adiantamos a literatura do artigo. Esta questão é relevante, por exemplo, para saber se os instrumentos de medida utilizados para estes conceitos medem aquilo a que se propõem. Será que conseguem medir distintamente os sentimentos de Amor, Atracção, Paixão e Amizade? Ou será que na natureza humana estes sentimentos se sobrepõem de tal forma que é impossível separá-los objectivamente? Depois de rever a literatura de campo e analisá-la relativamente a esta questão, realizamos um estudo correlacional que se propõe a lançar uma nova perspectiva na interpretação da conceptualização dos sentimentos de atracção.

### Teorias da Atracção

Tradicionalmente, existem duas perspectivas que têm dominado a investigação em psicologia no que diz respeito à atracção romântica. A primeira postula que as pessoas encontram atributos percebidos que induzem, de forma inerente à atracção, nos estádios

primários da formação de relações. Nesta perspectiva, atributos como a atractividade física, a proximidade geográfica, semelhança de atitudes a complementaridade de personalidades conduzem a uma maior atracção romântica entre indivíduos (Cattel & Nesselroade cit. por Schmitt & Buss, 1996).

A segunda perspectiva considera a atracção romântica mais dinâmica e estratégica. As teorias de equidade, equilíbrio e de trocas propõem que as pessoas se sentem estrategicamente atraídas por aqueles com quem as trocas de recursos serão aproximadamente equilibradas ( Bersheid & Walster cit. por Schmitt & Buss, 1996).

### *Teoria da Similaridade*

Talvez a teoria melhor documentada seja a de que o semelhante atrai o semelhante, isto é, homens e mulheres tornam-se casais com aqueles que são similares a si próprios (Thiessen & Gregg cit. por Botwin, Buss & Shackelford, 1997). Esta noção recebeu um volumoso apoio em muitos estudos que demonstraram que as pessoas emparelham positivamente características como a idade, etnicidade, práticas religiosas, altura, peso, estatuto socioeconómico, valores, orientação política e ainda a largura do nariz ou até mesmo o comprimento do lóbulo da orelha.

A similaridade está intrinsecamente ligada com a compatibilidade de impressões e estas últimas são afectadas, não só pelo psiquismo e comportamentos dos outros, como também pela informação acerca das cognições e sentimentos (Huston & Levinger, 1978). Quanto mais compatibilidade aparentar, maior será a atracção sentida.

A atracção correlaciona-se positivamente com o grau de similaridade atribuída ao alvo (Byrne & Griffitt, cit. por Botwin et al., 1997). Existem vários tipos de semelhanças que afectam a atracção, como por exemplo a descrição semelhante de conceitos (similaridade descritiva), ou a existência de uma estrutura atitudinal semelhante (similaridade estrutural). Huston e Levinger (1978) acreditam que não existe um efeito único de similaridade, mas sim uma multiplicidade de efeitos que dependem do conteúdo e do contexto. Os autores, referem

ainda que a semelhança de atitudes interpessoais promove a atracção, enquanto a semelhança de atitudes intra-pessoais tem o efeito oposto.

Existem várias justificações para o efeito similaridade-atracção: a semelhança com outro é em si mesma um reforço directo, como no condicionamento clássico (Huston & Levinger, 1978); respostas semelhantes reforçam a auto-estima e conferem sensação de conforto, isto é, a semelhança com o outro pode aumentar a auto-estima, particularmente em indivíduos com baixos níveis de auto-estima; respostas semelhantes indicam a futura benevolência ou compatibilidade do outro (Byrne & Griffitt, cit. por Botwin et al., 1997), e pode mesmo argumentar-se que este tipo de inferências interfere no quanto se gosta do outro.

Mas, como os mesmos autores revelam, Ajzen argumenta que o grau de similaridade percebida é confundido com o valor afectivo das suas respostas e não tem um efeito independente por si só, isto é, se a similaridade e o valor afectivo das características do outro pudessem variar independentemente, então o efeito de similaridade-atracção iria desaparecer.

### *Teoria Evolucionista*

Autores como Buss e Schmitt (1993) hipotetizam que determinadas adaptações psicológicas se desenvolveram, de modo a resolver problemas-chave do relacionamento humano. Parece provável que ao longo de milhões de anos de evolução homínida, a natureza humana tenha sido preenchida com inúmeros desejos evolutivos, como por exemplo preferências gustativas, fobias, desejos sexuais, que promoveram a sobrevivência e reprodução humana.

A psicologia evolutiva prediz (Botwin et al., 1997) que homens e mulheres serão similares em todos os domínios em que enfrentaram problemas adaptativos semelhantes ao longo da história evolutiva humana. Apenas se prevê diferenças sexuais nos pequenos aspectos em que ambos os sexos foram confrontados, recorrentemente, com desafios adaptativos diferentes.

### *Teoria das Estratégias Sexuais*

Apesar de muitos investigadores que não pertencem ao ramo da biologia equipararem a evolução à selecção natural, Darwin (cit. por Buss, 1995) desenvolveu aquela que acreditava ser uma segunda teoria evolutiva – a teoria da selecção sexual. A selecção sexual é o processo causal da evolução das características, tendo como base a vantagem reprodutiva, e não a vantagem sobrevivencial. A selecção sexual ocorre sob duas formas. Primeiro, a competição intra-sexual, na qual membros do mesmo sexo competem entre si. Sejam quais forem as características que conduzam ao sucesso nesta competição dentro do mesmo sexo - maior tamanho, força, destreza ou capacidades sociais – podem desenvolver-se ou aumentar de frequência em virtude da vantagem reprodutiva acumulada pelos vencedores, através de um incremento do acesso a parceiros mais numerosos ou mais desejáveis. Segundo, membros de um mesmo sexo podem desenvolver preferências por qualidades desejáveis em potenciais parceiros através do processo de selecção inter-sexual. Buss (1995) acrescenta ainda que se os membros de um sexo exibem algum consenso acerca das qualidades que são desejáveis no outro sexo, então os membros do outro sexo que possuem as qualidades desejáveis irão ganhar uma vantagem de acasalamento preferencial. Consequentemente, as qualidades desejáveis, sejam características morfológicas ou psicológicas, podem evoluir por virtude da vantagem reprodutiva atingida por aqueles que são preferencialmente escolhidos por possuírem as tais qualidades desejáveis. Nos humanos, ambos os processos causais – escolha preferencial de parceiro e competição dentro do mesmo sexo para aceder a parceiros – prevalecem em ambos os sexos, tendo provavelmente sido assim ao longo da história evolutiva humana (Kenrick, Sadalla, Groth & Trost, 1990).

Cada sexo possui mecanismos concebidos para lidar com os seus próprios desafios adaptativos – alguns semelhantes e outros diferentes – e assim, noções de superioridade ou inferioridade são logicamente incoerentes quando relacionadas com o conceito de vantagem em psicologia evolutiva (Buss, 1995).

De um ponto de vista evolutivo, o acasalamento humano requer a resolução de problemas adaptativos, problemas estes que estão historicamente relacionados com o sucesso da sobrevivência e da reprodução. No decurso da história evolutiva humana, os homens e mulheres que seleccionassem parceiros que os ajudassem a resolver os seus problemas adaptativos seriam reprodutivamente mais bem sucedidos do que aqueles que não o fizessem.

Consequentemente, as pessoas desenvolveram preferências por parceiros que as ajudem a resolver os seus problemas adaptativos (Buss cit. por Schmitt & Buss, 1996), e atraem efectivamente potenciais parceiros, dando pistas de que eles irão resolver os seus problemas adaptativos e os outros não.

### *Investimento parental obrigatório diferencial*

Um dos aspectos em que a diferenciação é notória concerne ao investimento parental obrigatório (Trivers cit. por Botwin et al., 1997). De acordo com a teoria do investimento parental (Trivers cit. por Schmitt, Shackelford & Buss, 2001) os sexos têm diferido historicamente na quantidade dispendida de tempo e esforço parental necessário para produzir descendência viável. Como resultado, os sexos diferem evolutivamente nas suas psicologias relativas à parentalidade e aos relacionamentos. Ao longo da história evolutiva para produzir uma única criança, as mulheres incorrem num período de investimento de nove meses de fertilização interna, formação da placenta e gestação, bem como o investimento subsequente do aleitamento. Os homens, contrariamente, podem produzir uma criança sem estes custos, e em princípio, através de um único acto sexual. Adicionalmente, e em contraste com a fertilidade feminina, a fertilidade masculina decresce a ritmo muito mais lento durante o período de vida. Deste modo, a idade é menos frequentemente um constrangimento vincutivo para a saúde reprodutiva masculina (Li & Kenrick, 2006). Além disso, os homens maximizam o sucesso reprodutivo por serem susceptíveis a um número maior de parceiras, por quem se sentem atraídos pela beleza e juventude, uma vez que são estas as pistas de saúde reprodutiva (Feingold, 1990; Kenrick et al., 1990).

Assim, e uma vez que o investimento parental mínimo obrigatório dos sexos tem diferido recorrentemente, os benefícios que o sexo que investe bastante (mulheres) obtém por ser altamente discriminante, e os custos que acarreta ser indiscriminante, serão sempre maiores para as mulheres (Botwin et al., 1997). O mesmo se verifica para os homens, sendo o sexo que menos investe, têm menos a perder se fizerem uma má escolha de parceira, e mais a ganhar, em termos de resultados reprodutivos, se tiverem sexo casual indiscriminado (Schmitt et al., 2001). Deste modo, as mulheres serão preferencialmente mais discriminantes sobre uma série de características físicas e personalísticas (Sadalla, Kenrick & Vershure, 1987). Mesmo tendo reconhecido que as mulheres estavam longe de ser passivas no jogo da selecção sexual, Darwin (cit. por Buss, 2009) focou-se na escolha feminina e na competição masculina.

Contudo, hoje é possível afirmar que a escolha masculina e a competição feminina também prevalecem, especialmente na espécie humana.

### *Relações a curto e a longo prazo*

Quando existe um interesse romântico, por vezes os indivíduos alteram a sua forma de agir, num esforço para atrair outra pessoa (Schmitt & Buss, 1996). Podem, por exemplo, tentar minimizar a impressão dos seus atributos negativos, enquanto maximizam a percepção das suas qualidades positivas. Mudanças comportamentais estratégicas deste género são utilizadas de forma a aumentar a atracção romântica.

Estes autores sustentam que as estratégias de auto-promoção e as preferências de parceiro diferem de acordo com o objectivo temporal da mesma. Homens e mulheres diferem no que procuram e no que exacerbam em si mesmos quando procuram relações a curto ou a longo prazo. Buss (1995) acrescenta que homens e mulheres possuem estratégias de acasalamento a longo e a curto prazo, e as preferências de parceiros específicas para cada um dos contextos tem impacto na eficiência percebida de táticas de competição específicas. Mais ainda, quando homens e mulheres procuram relacionamentos a longo prazo, a teoria das estratégias sexuais hipotetiza que a sua psicologia relacional deva ser bastante semelhante, mas quando perseguem relacionamentos a curto prazo, a psicologia relacional masculina e feminina irá divergir em vários aspectos importantes (Schmitt et al., 2001).

Ao longo da história evolutiva humana, os homens que procuravam desenvolver uma estratégia sexual para uma relação a curto prazo depararam-se com o problema adaptativo de encontrarem mulheres sexualmente disponíveis (Schmitt & Buss, 1996). Como resultado, aparentam ter desenvolvido um mecanismo psicológico adaptativo que os leva a preferir a disponibilidade sexual quando procuram uma relação a curto prazo. Para relações a longo prazo o problema adaptativo prendeu-se com o assegurar a certeza da paternidade. Deste modo, os homens podem ter desenvolvido mecanismos de preferência a longo prazo que, uma vez iniciada a relação, conduzem à obtenção de acesso sexual exclusivo à capacidade reprodutiva de uma mulher.

De acordo com a teoria das estratégias sexuais (Buss & Schmitt, 1993), a abertura feminina para relações a curto prazo, pode aumentar as suas opções para relações a longo prazo. A mulher pode solicitar o interesse de vários homens e utilizar esta rede mais

abrangente para avaliar potenciais parceiros a longo prazo, ou pode também ser capaz de transformar relações de curto prazo, em relações a longo prazo.

Schmitt e Buss (1996), referem ainda que a sexualização da aparência é considerada uma das táticas mais eficientes que as mulheres podem utilizar para atrair parceiros a curto prazo, contudo a mesma tática é considerada menos eficiente quando se trata de homens atraírem parceiros a curto prazo e é considerada excepcionalmente ineficaz para os homens que pretendem atrair relações a longo prazo. As preferências femininas variam também com a ovulação (Thornhill & Gangestad cit. por Buss, 2009), com a idade, etapa na vida, ou outras circunstâncias pessoais (Buss, 2009).

Mecanismos de domínio geral, ou seja, mecanismos que operam da mesma maneira em todos os contextos e em ambos os sexos não poderiam produzir estes efeitos. Assim, estes autores enfatizam a premissa de que as mentes humanas possuem um grande número de mecanismos psicológicos concebidos unicamente para resolver problemas adaptativos específicos (Schmitt e Buss, 1996).

#### *Prioritização das características desejáveis*

Li e Kenrick (2006) defendem a existência de três questões distintas no que diz respeito à escolha de parceiros: se, o quê e porquê. Revelam que os homens tendem a ser mais ansiosos do que as mulheres, na questão de “se” irão iniciar uma relação a curto prazo, o que se relaciona com o investimento parental mínimo obrigatório.

Estes autores especificam as preferências diferenciais de atributos por sexo, em necessidades e luxos, justificando que as preferências muitas vezes se gerem em torno de prioridades, justificando o “o quê”. Assim, uma necessidade é um item que é inicialmente desejável, mas uma vez obtido em quantidades suficientes, perde importância para outros itens. Em contraste, um luxo não é uma prioridade inicial, mas torna-se importante assim que os níveis suficientes de necessidades são atingidos.

Ao utilizarem métodos que forçam os participantes a definirem prioridades, os mesmos autores corroboram investigações prévias ao concluírem que os recursos e o estatuto social são considerados como necessidades pelas mulheres, enquanto a atractividade física é considerada como uma necessidade pelos homens. Estas qualidades são consideradas muito

importantes inicialmente, mas tornam-se menos importantes quando se obtêm níveis suficientes (Li & Kenrick, 2006). Por outro lado, estes autores descobriram que traços como a criatividade são considerados mais como luxos, isto é, são importantes, mas apenas depois de existirem níveis suficientes das necessidades.

De forma a examinar a priorização da atractividade física para parceiros a curto prazo, os autores sugerem a análise do significado adaptativo da atractividade física e os benefícios e custos de relações a curto prazo, esclarecendo assim o “porquê”. De acordo com os teóricos evolucionistas, as psicologias de relacionamento podem ter-se desenvolvido em resposta a assuntos adaptativos específicos que os relacionamentos a curto e a longo prazo constituem para cada um dos sexos (Buss & Schmitt, 1993).

Devido a constrangimentos temporais e variações na capacidade reprodutiva feminina, o homem ancestral pode ter tido uma necessidade adaptativa de identificar e perseguir parceiras a curto prazo que fossem saudáveis e férteis (Symons cit. por Li & Kenrick, 2006). Consequentemente, os homens tendem a valorizar traços físicos, tais como, lábios cheios, cabelo suave, pele macia, maçãs do rosto coloridas, boa tonicidade muscular, e características sexuais secundárias como os seios e nádegas, que tendem a ser pistas para a juventude, maturidade sexual e fecundidade (Johnston & Franklin cit. por Li & Kenrick, 2006). Os homens também se sentem atraídos por um rácio cintura-anca baixo, que está altamente dependente dos níveis correntes de estrogéneo e é geralmente associado à fertilidade e à saúde reprodutiva.

Li e Kenrick (2006) corroboram também as investigações anteriores, que predizem que ambos os sexos são similarmente selectivos em relações a longo prazo, e que as mulheres são mais selectivas em relações a curto prazo. Uma razão possível é a de que em relacionamentos a longo prazo os dois parceiros investem tipicamente mais, de forma a manter o relacionamento e a criar descendência. Contudo, em relacionamentos a curto prazo, os homens investem categoricamente menos, enquanto as mulheres têm forçosamente de realizar um investimento muito elevado por si próprias, no caso de ser gerada descendência (Buss & Schmitt, 1993).

Por outro lado, se é dado adquirido que um determinado relacionamento vai existir, a questão muda para o que é de facto importante num parceiro, ou seja, surge um novo paradigma. Os dois sexos tendem a ser semelhantes quanto ao que procuram num parceiro a curto prazo, mas diferentes nos atributos desejáveis para parceiros a longo prazo. Para

parceiros a longo prazo, as mulheres privilegiam o estatuto social e os recursos, enquanto os homens tendem a privilegiar, mais uma vez, a atractividade física. Contudo, Li e Kenrick (2006) sublinham que existe um limite para o qual estas características são perseguidas, isto é, com alguma liberdade de escolha, ambos os sexos tendem a preferir parceiros que possuam estas características de forma equilibrada. Estes resultados são consistentes com a possibilidade de que uma variedade de qualidades pessoais podem beneficiar uma relação a longo prazo, no entanto, as mulheres podem sentir-se motivadas a verificar primeiro a suficiência de recursos, e os homens a verificar primariamente a suficiência na capacidade reprodutiva.

Pode ser vantajoso, por exemplo, para as mulheres incrementarem a sua atractividade física até certo ponto, porque uma vez ultrapassado esse nível de suficiência individual, o esforço pode ser mais frutuoso se dirigido a outros atributos (Li, Kenrick, Bailey & Linsenmeier, 2002). Os autores exemplificam esta questão, sugerindo que um homem pode ser mais apelativo para o sexo feminino se, em vez de viver unicamente para o emprego, ser um empregado remunerado e utilizar o seu tempo extra para desenvolver outros traços. Analogamente, será também verdade que bastantes acções deverão ter baixo impacto na tentativa de aumentar a própria desejabilidade, caso não se atinjam os níveis mínimos de suficiência em termos de potencial de parceiro, mais concretamente no que concerne a amabilidade, inteligência, e dependendo do sexo estatuto ou atractividade.

Deste modo, o esforço dispendido no desenvolvimento do talento musical ou artístico, por exemplo, não irá ser uma grande ajuda, caso um individuo não seja amável, tenha fraca aparência, no caso das mulheres, ou se as perspectivas de carreira forem pouco auspiciosas, no caso do homens (Li et al., 2002). Em suma, é seguro afirmar que, entre sexos, existem teoricamente semelhanças significativas, mas também diferenças.

Tal como já foi mencionado, os homens atribuem maior peso à atractividade física enquanto as mulheres fazem-no ao nível social, mas ambos os sexos priorizam a atractividade física como uma necessidade em relações a curto prazo. Contudo, mesmo nesta situação o sexo masculino continua dar mais importância à atractividade física, do que o sexo feminino (Li & Kenrick, 2006).

### *Escolha de parceiros feminina e masculina*

Segundo Buss (2009) existem padrões de beleza universais. As mulheres preferem homens com recursos económicos, tal como preferem homens que possuam as características que conduzem à aquisição desses mesmos recursos, como a ambição, o estatuto social, a confiança em si próprio e curiosamente homens ligeiramente mais velhos. Buss (2009) acrescenta ainda que as mulheres também têm preferências definidas para a face e simetria masculinas que funcionam como pistas de saudabilidade, e que privilegiam a bravura, a valentia atlética e um rácio ombro-anca elevado, que funcionam como indicadores de habilidade física para proteger a si e à sua descendência.

Os padrões de beleza universal que os homens preferem nas mulheres envolvem duas classes de variáveis: pistas para a juventude e pistas para saúde, sendo ambas em última instância pistas para a fertilidade. Um rácio cintura-anca baixo tem sido documentado, em estudo transculturais, como um critério chave de beleza corporal (Sugiyama cit. por Buss, 2009). Um rácio cintura-anca baixo sinaliza juventude e saúde. Outros exemplos de padrões universais de beleza incluem pele clara, cabelo lustroso, lábios cheios, boa tonicidade muscular, ou ausência de ferimentos ou lesões, sendo mais uma vez todos indicadores de juventude, saúde e fertilidade.

Se os homens, tal como as mulheres, desenvolveram preferências específicas de parceiros, é lógico assumir que as mulheres irão competir entre si para personificarem essas preferências. Diversos estudos verificam que em todas as culturas conhecidas as mulheres competem entre si para melhorar a sua aparência física, utilizando-a como tática para atrair parceiros (Schmitt & Buss, 1996), e para os manter (Buss & Schackelford, 1997).

Especialmente para parceiros a curto prazo, as mulheres valorizam características relacionadas com a musculatura, força, boa condição física e masculinidade (Li & Kenrick, 2006). De facto as mulheres preferem um parceiro com musculatura acima da média, sendo interessante notar que a musculatura está correlacionada com o sucesso masculino nas relações a curto prazo. As mulheres também preferem traços masculinos de um modo geral, especialmente no período de ovulação. Por outro lado, a preferência masculina relacionada com os seios e as nádegas, em ambos os tipos de relacionamentos é consistente com investigações prévias que sugerem que características sexuais secundárias influenciadas por

estrogéneos são atractivas sob o propósito de identificarem parceiras reprodutivamente viáveis.

O peso masculino tem sido associado ao status e à capacidade protectora, podendo ser, por esse mesmo motivo, atractivo para as mulheres (Buss cit. por Li & Kenrick, 2006). No entanto, apesar de o peso ser um factor com menor importância para os homens, estes parecem sentir-se mais atraídos por mulheres detentoras de um peso mediano (Hensley cit. por Li & Kenrick, 2006).

Sprecher, Sullivan e Hatfield (1994), concluíram que as diferenças entre sexos, encontradas em estudos anteriores, se replicavam numa amostra probabilista a nível nacional (EUA). Especificamente, os homens possuem maior probabilidade do que as mulheres de, escolher uma parceira mais nova, até 5 anos (sendo esta a maior diferença entre sexos encontrada neste estudo), de escolher alguém que não tenha tendência a possuir um emprego fixo, alguém que ganhe menos, e que tenha menor grau de escolaridade. Por outro lado, as mulheres tendem, mais do que os homens, a escolher parceiros que não sejam particularmente bonitos, que sejam mais velhos até 5 anos, que ganhem mais dinheiro, e que possuam maior grau educacional.

As diferenças entre sexos, na preferência de parceiros, encontradas no estudo de Sprecher et al. (1994) são consistentes com aquelas previstas pela teoria evolucionista e pela perspectiva sociocultural, e também com os resultados obtidos em investigações prévias. Isto significa que, mesmo os estudos anteriores utilizando amostras não-probabilísticas, os seus resultados estavam essencialmente correctos. Ou seja, os padrões gerais anteriormente observados maioritariamente em estudantes caucasianos parecem encontrar-se em várias raças e em diferentes faixas etárias.

### *Comparação entre Teorias*

Kenrick et al. (1990) assumem uma postura algo crítica em relação às abordagens da psicologia social aos relacionamentos, indicando algumas limitações das mesmas. Os autores consideram que este tipo de abordagem ignora quase na totalidade a importância vital

da reprodução nos relacionamentos heterossexuais. Em vez disso, foca-se nas variáveis cognitivas imediatas e explica-as com base em suposições, não examinadas, das normas culturais. Este enfoque tem como consequência a dificuldade em explicar um sem número de evidências, como as diferenças sexuais na corte, que são inconsistentes com o modelo cultural; as universalidades transculturais nos padrões de relacionamento humanos; e as influências hormonais na corte humana. Kenrick et al. (1990) consideram que uma perspectiva evolucionista pode justificar estas evidências e pode também incorporar as diferenças imediatas dos estudos sócio-psicológicos na teoria explanatória considerada como a mais completa das ciências biológicas.

Schmitt e Buss (1996) têm uma postura menos assertiva, contudo não deixam de sublinhar que a teoria das estratégias sexuais integra as duas tradições - evolucionista e sociocultural - através da associação explícita do conteúdo das características que induzem à atracção com o contexto em que são avaliadas, comparadas e potencialmente trocadas. Enquanto as teorias de semelhança, complementaridade, equilíbrio e trocas não predizem satisfatoriamente a variações de eficiência dos vários actos de atracção - qualquer acto que sugira semelhança, complementaridade ou equidade deverá ser igualmente efectivo - a teoria das estratégias sexuais prediz que actos e tácticas de atracção são particularmente efectivos quando os seus conteúdos solucionam problemas adaptativos específicos de um determinado contexto.

Mais ainda, as características que conduzem à felicidade matrimonial, como por exemplo, ser compreensivo, amável, excitante ou tranquilo, podem ser precisamente aquelas que se correlacionam com o investimento reprodutivo, incluindo o investimento parental (Buss & Barnes, 1986).

Feingold (1990), também sublinha a importância destas duas linhas teóricas. Uma vez que as teorias evolucionistas conseguiram incorporar a existência de papéis socioculturais, estes dois tipos de explicações não são mutuamente exclusivos. Os papéis socioculturais podem ser a causa mais proximal e a evolução a causa mais distal num contínuo proximal-distal.

*Diferenças entre géneros nos comportamentos e atitudes românticas e sexuais*

Diversas investigações mostram que geralmente os homens são mais orientados para o comportamento sexual e as mulheres mais orientadas para o romance ou para os aspectos emocionais do sexo (Missildine, Feldstein, Punzalan & Parsons, 2005). Adicionalmente, é assumida a relação teórica entre o desejo e a procura de relações a curto prazo com a actividade sexual, e o desejo e a procura de relações a longo prazo, ou seja, relações orientadas para o compromisso, com a motivação romântica.

Quer as investigações, quer os pressupostos culturais acerca das diferenças entre sexos convergem, postulando que os homens se sentem mais motivados para o comportamento sexual e as mulheres se sentem mais motivadas para relações e compromissos românticos (Browning, Kessler, Hatfield & Choo, 1999). As investigações de Missildine et al. (2005), revelam que os homens tendem a procurar mais parceiros sexuais ao longo da sua vida do que as mulheres, mostram mais desejo em relação ao sexo casual e referem o desejo de libertação física e excitação como o motivo primário para o sexo. Schmitt et al. (2001) generalizam esta diferença entre sexos ao revelarem que tal como os homens heterossexuais manifestam maior desejo e interesse em parceiros sexuais a curto prazo, do que as mulheres heterossexuais, também os homens homossexuais manifestam maior desejo e interesse neste tipo de relacionamentos, do que as mulheres homossexuais.

Os homens estão mais dispostos a iniciar actividades sexuais, passado menor período temporal dispendido a conhecer a parceira, do que as mulheres o fazem em relação aos potenciais parceiros (Buss & Schmitt, 1993). Adicionalmente, Clark, Shaver e Abrahams (cit. por Schmitt et al., 2001), consideram que, uma vez atraídos, os homens são mais receptivos a utilizar técnicas, rápidas e directas, para dar início a encontros românticos, enquanto as mulheres são mais receptivas à utilização de técnicas passivas e prolongadas no mesmo tipo de situação. Mais ainda, os homens tendem a ser sexualmente mais objectivos acerca do que querem das relações, enquanto as mulheres estão mais dependentes da aprovação dos pares para iniciarem e manterem o comportamento sexual (Baumeister, 2000).

Nesta linha, Baumeister, Catanese e Vohs (2001) dão suporte à teoria comum de que as mulheres têm motivações externas para o sexo, enquanto os homens tendem a ter motivações intrínsecas. Por outras palavras, é argumentado que as mulheres tendem a desejar o comportamento sexual como expressão do amor e compromisso, onde a intimidade emocional e relações a longo prazo são enfatizadas nas relações sexuais. A sexualidade feminina é assim caracterizada como bastante maleável e mutável, respondendo à cultura, à aprendizagem e às circunstâncias sociais (Baumeister, 2000). Já os homens desejam sexo por si só, de tal modo que o sexo passa a ser o objectivo da corte e presumivelmente da intimidade emocional.

Não obstante, apesar de os homens poderem desejar ter mais parceiros sexuais na sua vida, ambos os sexos indicam um desejo igualmente forte de “assentar”, em algum momento, com um parceiro para a vida, sugerindo que os homens eventualmente acabam por procurar relações a longo prazo (Missildine et al., 2005). O que vai de encontro aos argumentos de Schmitt et al., (2001), que afirmam que apesar de os homens manifestarem maior desejo e interesse em relacionamentos a curto prazo, isto não significa que todos os homens estão invariavelmente e eternamente à procura de parceiras a curto prazo. Os homens apenas procuram este tipo de relacionamento mais frequentemente do que as mulheres (Schmitt et al., 2001).

É por este motivo que Baumeister (2000) sugere que a plasticidade erótica (permeabilidade a factores externos) pode ser maior para as mulheres do que para os homens, mas que a diferença é principalmente em termos de escolhas comportamentais e não de estados interiores, isto é, as diferenças revelam-se ao nível das atitudes e comportamentos, e não no desejo propriamente dito.

Interessantes são também os resultados de Sternberg, que no estudo publicado em 1986, revelou que os resultados mais salientes foram que os homens tendem a amar e a gostar mais do seu parceiro amoroso, do que dos seus parentes mais próximos ou amigos. Já as mulheres amam o seu parceiro amoroso e o seu melhor amigo do mesmo sexo em quantidades iguais, mas gostam mais deste último do que do parceiro amoroso. Mulheres e homens amam e gostam mais do seu parceiro amoroso e do seu melhor amigo do que dos familiares.

Até mesmo quando as relações amorosas terminam, homens e mulheres baseiam-se em estratégias diferentes para lidar com a separação. Historicamente, as mulheres são estereotipadas como mais emocionais, especialmente nas suas relações mais próximas (Rapson cit. por Choo, Levine & Hatfield, 1996). Nestes parâmetros, alguns psicólogos

argumentam que as mulheres deveriam experienciar mais culpa, ansiedade, tristeza e raiva depois de uma separação. Contudo, a maioria das investigações mais recentes revela que são os homens que sofrem mais com uma separação, isto porque, estes tendem a preencher mais as suas necessidades emocionais e práticas nos seus relacionamentos amorosos, enquanto as mulheres possuem um círculo íntimo mais vasto (Hatfield & Rapson cit. por Choo et al, 1996).

### *Características personalísticas desejáveis entre sexos*

As características personalísticas também figuram de forma bastante recorrente nos atributos que os indivíduos desejam num parceiro (Langhorne & Secord cit. por Botwin et al., 1997), e também aqui ambos os sexos têm preferências coincidentes e distintas. Dentro das características que são comuns, ambos os sexos referem favorecer alguém que seja amigável, compreensivo, confiável, sociável, estável, inteligente e com abertura de intelecto. Sobretudo, ambos os géneros sexuais desejam parceiros que sejam algo semelhantes a si, e no campo real a evidência é a que de facto escolhem indivíduos que incorporam as suas preferências, embora existam claramente diferenças individuais no grau de personificação.

O sentido de humor é também de grande importância social, nas preferências de ambos os sexos. Mais ainda, McGee e Shevlin (2009) revelam que é uma característica socialmente desejável em diversas culturas, e que a presença de um bom sentido de humor num potencial parceiro conduz a avaliações mais favoráveis no campo da atractividade física e adequabilidade.

De um modo geral, no que diz respeito às diferenças de géneros nos atributos personalísticos desejáveis (Botwin et al., 1997), as mulheres são, comumente, mais precisas na definição das preferências personalísticas, preferindo uma variedade maior de características personalísticas sociais desejáveis em potenciais parceiros.

Curiosamente, e de acordo com as investigações de Simpson, Gangstad e Lerma (1990), todas estas susceptibilidades e preferências, de ordem física e psicológica, são minimizadas quando homens e mulheres se envolvem em relacionamentos a longo prazo, isto porque, de acordo com estes autores, uma vez envolvidos num relacionamento, os indivíduos podem

desenvolver uma espécie de “cegueira” perceptual, que efectivamente os isola de um engodo distractivo e sedutor, que são as pessoas altamente atraentes que possam eventualmente encontrar.

### *Pressão dos Papéis Sociais e Estereótipos*

As relações sociais desempenham um papel complexo e crucial no desenvolvimento do género sexual (Hinde & Stevenson-Hinde, 1987). Existem diferenças a este nível, não só no comportamento que pais e outros adultos acreditam ser apropriado para rapazes e raparigas, e portanto no modo como são educados, mas também, e como consequência destes comportamentos anteriores, nas ideias que os jovens adquirem acerca de como se devem comportar de forma conivente com o género que percebem como seu. Os mesmos autores revelam que durante as últimas três décadas diversas investigações têm suportado a existência de estereótipos sociais na determinação de papéis sexuais, e muitas dessas investigações possuem generalidade transcultural.

Na reprodução e na aquisição de alimentos, homens e mulheres têm há muito desempenhado papéis diferentes na sociedade humana, não sendo por isso surpreendente que um tema crucial na identidade social de um individuo diga respeito ao género sexual que perceba como seu. Hinde e Stevenson-Hinde (1987) afirmam que, nesta perspectiva os estereótipos dos géneros sexuais exageram diferenças mínimas através de processos que são inerentes ao desenvolvimento do auto-conceito, o que não significa que os estereótipos sejam inalteráveis, apenas que são resistentes à mudança.

Apesar dos resultados que evidenciam as diferenças entre géneros, Alexander e Fisher (cit.por Missildine et al., 2005) alertam para o facto de os tabus em torno dos papéis sociais de homens e mulheres poderem ter como resultado as mulheres reportarem baixos níveis de desejo sexual e de comportamentos com este relacionados, e os homens exagerarem esses mesmos níveis. O que se pode generalizar a uma série de características não só de índole sexual. É possível que nos inquéritos de opinião sejam maioritariamente revelados comportamentos socialmente desejáveis.

Feingold (1990) notou que as diferenças de efeito são maiores no desejo declarado de atratividade, do que no efeito baseado no comportamento. O autor sugere que as diferenças de gênero na desejabilidade social da procura de um parceiro atractivo podem inflacionar as diferenças obtidas nos auto-relatos. Esta desejabilidade social é maior nos homens do que nas mulheres, daí a diferença de efeitos. Feingold (1990) adianta ainda uma segunda explicação para este efeito, que é a de que homens e mulheres diferem mais no quanto acham que valorizam a atratividade, do que no que realmente valorizam a aparência.

### Amizade

A amizade não é uma experiência homogénea, mas sim moldada pelas disposições de cada indivíduo (Zarbatany, Conley & Pepper, 2004).

Bakan (cit. por Zarbatany et al., 2004) argumenta que a amizade pode ser entendida como o suporte de duas necessidades humanas básicas: comunhão - afinidade - e agência - proeminência social. Consistentemente com a generalidade dos dados, as mulheres expressam maior necessidade de comunhão. Já os homens dependem mais dos seus amigos masculinos próximos para aumentar a sua proeminência social, do que as suas homólogas, mas curiosamente não o fazem à custa da proximidade.

Rubin (1970), foi o primeiro a mensurar a amizade. Desenvolveu uma escala, na qual definiu dois conceitos: o Amar e o Gostar, sendo que considerou este último semelhante à amizade. A partir daqui, e já depois de a sua escala se ter tornado obsoleta, a dicotomia que criou influenciou grandemente os investigadores que se lhe seguiram, uma vez que assumiram também o aspecto da amizade numa relação romântica.

Talvez a teoria que melhor explique a formação e o desenvolvimento da amizade seja a Teoria da Penetração Social de Altman e Taylor (cit. por Huston & Levinger, 1978). Embora também possa ser um contributo para a explanação das relações interpessoais de um modo geral, é particularmente eficaz quando associada à amizade, sobretudo a partir da investigação de Hays, em 1984. O modelo da Penetração Social de Altman e Taylor (cit. por Huston & Levinger, 1978) sugere que as relações evoluem numa sequência ordeira desde a interacção

superficial aumentando até à troca íntima. Estes autores demonstraram que o balanço entre os custos e recompensas de ambos os parceiros determina o aumento ou decréscimo do progresso (Huston & Levinger, 1978). A “depenetração” ocorre quando este balanço se torna negativo.

A teoria da Penetração Social de Altman e Taylor (cit. por Hays, 1984) fornece um enquadramento para o desenvolvimento de relacionamentos. No desenvolvimento de uma relação as trocas operam em duas dimensões: Distância (conteúdo das áreas de troca) e Profundidade (níveis de intimidade das trocas).

Hays (1984) sugere que a amizade de facto se desenvolve de acordo com a teoria da Penetração Social, ou seja, através de um desdobramento de níveis crescentes de intimidade. Inicialmente existe um período de exploração do outro e previsão do potencial de recompensa no desenvolvimento do relacionamento e só depois se atinge um período mais estável de trocas. Os estádios mais avançados caracterizaram-se por trocas mais ricas, comportam maior quantidade e variedade de comportamentos e benefícios recíprocos.

A grande maioria das teorias sobre o amor é baseada na concepção de que o amor comporta, pelo menos, dois aspectos, que são, atracção sexual para com parceiros românticos, e proximidade psicológica não sexual, sendo esta última caracterizada pelo respeito e preocupação para com o parceiro (Masuda, 2003), ou seja, pela amizade.

#### *Amizade entre e intra sexos*

Em termos de tendências centrais, a amizade entre homens e mulheres varia de formas muito interessantes, que são consistentes com os papéis sexuais tradicionais e com os padrões de socialização (Mazur, 1989). No entanto, Wright (cit. por Zarbatany et al., 2004) alertou para a enfatização das diferenças entre sexos na amizade, dado que as diferenças existem primariamente na proximidade emocional, e que homens e mulheres possuem valores e conceitos semelhantes de amizade.

Ambos os sexos descrevem os amigos como pessoas com quem se partilham interesses, experiencias e actividades (Weiss & Lowenthal cit. por Huston & Levinger, 1978). São

também descritos como confiáveis, compreensivos e receptivos. Estes tipos de descrições são transversais a grupos etários. No entanto, também existem estudos que revelam algumas diferenças entre sexos.

Mazur (1989) revela que os homens possuem valores motivacionais e de afiliação menores do que as mulheres, isto porque, os laços masculinos não são, comumente, um meio de auto-exploração, crescimento pessoal, ou de desenvolvimento de intimidade tal como o são, nas amizades do mesmo sexo, para as mulheres. As interações masculinas enfatizam a actividade mútua, competição, e o exercício do poder e da influência, como forma de estabelecer hierarquias dominantes, tal como o riso e a brincadeira em detrimento da partilha de informações pessoais (Weiss & Lowenthal cit. por Huston & Levinger, 1978). Estas componentes do estilo relacional masculino, para com outros homens, podem ser interpretadas como estratégias para estabelecer e preservar barreiras entre indivíduos (Mazur, 1989). Tornando potenciais situações de intimidade, em situações de realização competitiva, ancoradas em regras, qualquer dedução possível acerca da intensidade de sentimentos entre homens pode ser difundida (Lee, 2005).

Chodorow (sit. por Mazur, 1989) sustenta que os homens se sentem mais confortáveis a partilharem laços que tenham por base expectativas associadas ao desempenho de papéis, particularmente em relação a outros homens. Parece que regras e papéis estruturam uma situação ameaçadora, de potencial intimidade, numa situação mais segura e menos pessoal, na qual os homens podem expressar as suas necessidades afiliativas.

La Gaipa (cit. por Huston & Levinger, 1978) descreve quatro níveis de envolvimento: conhecimento social, bom amigo, amigo próximo e melhor amigo. Nas suas investigações reconheceu que as mulheres fazem mais distinções entre os vários níveis de amizade do que os homens.

Quando comparadas com os homens, as mulheres têm maior facilidade em colocar-se em situações de auto-revelação, em estar altamente envolvida nas suas amizades, e em participar com menos frequência em amizades de grupo (Mazur, 1989).

Diversos estudos concluíram que as mulheres utilizam mais características pessoais para descrever os seus melhores amigos, mostram ser mais atentas e mais sensíveis aos seus amigos, percebem a sua relação com o seu melhor amigo como mais íntima, partilham mais informação íntima com este e realçam a importância da confiança, da confidência e do apoio

na amizade (Verkuyten & Masson, 1996; Weiss & Lowenthal cit. por Huston & Levinger, 1978). Mais ainda, de um modo geral, as auto-descrições femininas envolvem mais menções de outras pessoas, e as suas descrições de grupos de referência têm maior especificidade acerca dos indivíduos, do que as descrições masculinas. As auto-definições femininas derivam mais de relacionamentos locais, contrariamente, as masculinas focam-se em categorias sociais (McGuire cit. por Lee, 2005). Mais tarde, McGuire, McGuire e Cheever (cit. por Lee, 2005) revelam que os conteúdos das acções dos auto-pensamentos femininos envolvem mais interacções sociais, enquanto os conteúdos das acções masculinas envolvem mais acções físicas.

No entanto, a descoberta de que o amor e o gostar tinham maior correlação entre homens do que entre mulheres foi inesperada, o que segundo Banta e Hetherington (cit. por Rubin, 1970) serve como suporte sugestivo para a noção de que as mulheres discerniam com mais exactidão estes dois sentimentos do que os homens.

## Amor

São de conhecimento geral, algumas das definições de amor, como por exemplo a Freudiana que vê o amor como a idealização e o enamoramento por outro, resultado da compensação de uma frustração provocada pelo desejo bloqueado de união sexual, ou a de Fromm que concebe este sentimento como um dispositivo utilizado para reduzir a noção de isolamento e solidão de um indivíduo (Fehr, 1988). As teorias são tantas, tão diversas e de campos de investigação tão distintos, como os próprios autores, o que enriquece mas também dispersa a informação.

Sternberg (1997) observa que os amantes podem muitas vezes ser iludidos mas, justifica o autor, ao serem-no estão apenas a espelhar o fenómeno do amor em si mesmo. O autor afirma ainda que poucos constructos psicológicos são tão ilusórios como o constructo do amor, o que apesar de tudo, não produz efeitos desencorajadores, uma vez que já diversos autores se propuseram a capturar a essência do amor através de um longo rol de teorias explicativas do fenómeno.

Devido à sua importância, as concepções comuns de amor, isto é, a semântica natural do amor, têm de ser cuidadosamente analisadas no estudo científico das relações íntimas. Steck, Levitan, McLane e Kelley (1982) referem que as investigações sobre o fenómeno do amor sugerem que, na sua utilização mais comum, o amor é a designação de uma categoria natural que inclui uma grande variedade de diferentes eventos. Investigações recentes na área da categorização de linguagem natural mostram que os itens incluídos numa determinada categoria não representam necessariamente de igual forma essa mesma categoria (Mervis & Rosch cit. por Steck et al., 1982). Isto sugere que alguns componentes do amor podem representar melhor o significado que geralmente lhe é atribuído.

Steck et al., em 1982 viram publicada a sua investigação que examinou a importância da expressão dos sentimentos de preocupação, necessidade e confiança nos julgamentos de amor, na qual concluíram que estes três sentimentos não são igualmente relevantes para a concepção que os indivíduos têm do amor. A preocupação é a mais relevante e a confiança a menos relevante, mas os autores não querem, com esta observação, sugerir que a necessidade e a confiança não são importantes. Apenas que têm pesos diferentes.

Os itens relacionados com a preocupação descrevem um desejo de tomar em consideração os resultados do parceiro, o que de acordo com o ponto de vista de Kelley (cit. por Steck et al., 1982) é a forma fundamental de exhibir, não apenas o amor, mas todo um espectro de traços e atitudes interpessoais positivas.

Ainda o mesmo estudo revela que gostar é semelhante a amar, no sentido em que a preocupação é o componente mais saliente. Contudo, para o gostar, os componentes confiança e necessidade possuem pesos mais equivalentes do que para o amor. Aparentemente, a confiança é um factor mais significativo para a amizade, do que para qualquer outra disposição. Para a amizade a confiança é tão central como a preocupação e mais importante do que a necessidade. Quer para amar, quer para gostar, a amizade é caracterizada mais fortemente pela preocupação do que pela necessidade.

Os cientistas evolucionistas defendem que o amor está longe de ser um fenómeno da cultura ocidental, afirmando-se como uma emoção universal na escolha mútua de parceiros a longo prazo. O amor funciona como um dispositivo de compromisso e de adaptação à criação de laços, sinalizando uma devoção a longo prazo de recursos reprodutivamente significantes (Buss, 2009).

Sternberg (1987) observa que quando se olha para o Amor, especialmente na sua totalidade ou na sua quase totalidade, as teorias deixam de parecer tão divergentes como quando cada uma delas é considerada uma teoria do todo. O autor nota ainda que, se tem existido um problema em relação ao Amor, tem sido o erro de se tender a categorizar como teorias do todo, as teorias que apenas ilustram uma parte do fenómeno.

### Atracção

Nos estudos iniciais sobre a atracção interpessoal, a tendência era conceptualizá-la como um constructo unidimensional, que poderia ser melhor definido como uma avaliação atitudinal positiva, contudo, as investigações contemporâneas são unânimes em reclamar a multidimensionalidade da atracção interpessoal (Michinov & Monteil, 2002).

Bersheid e Walster (cit. por Sternberg, 1987) definiram a atracção como uma tendência ou predisposição individual, para avaliar outra pessoa, ou um símbolo dessa pessoa, de forma positiva. Caracterizam-na como sendo composta por três componentes: cognitivo, afectivo e comportamental. O componente cognitivo compreende os pensamentos positivos e negativos acerca de outra pessoa, o componente afectivo diz respeito aos sentimentos positivos e negativos acerca do outro, e por último, o componente comportamental refere-se ao modo como se age em relação de outra pessoa.

A literatura relativa à comunicação interpessoal sugere dois grandes fenómenos: quanto mais duas pessoas se sentem atraídas mutuamente, mais irão comunicar entre si, e quanto mais uma pessoa se sente atraída por outra, maior é a influência que o objecto de atracção exerce no outro, especificamente ao nível da própria comunicação interpessoal (McCroskey & McCain, 1974).

De forma a distinguir o amor da atracção Kelley (cit. por, Steck et al., 1982) postula que o amor é um exemplo de uma disposição interpessoal que é mais facilmente demonstrada (pelo actor) e atribuída (pelo parceiro) através de transformações da situação, isto é, por o actor ter em consideração os resultados do parceiro quando escolhe um comportamento. Diferentes tipos de disposições interpessoais podem ser evidenciadas por transformações prossociais,

onde um tenta maximizar os resultados do parceiro (por exemplo cooperação). Por outro lado, a atracção não é evidenciada por transformações. Aqui, os indivíduos estarão apenas preocupados em maximizar os seus próprios resultados através da interacção com outro indivíduo. O parceiro pode ficar lisonjeado ou surpreendido por perceber que ele, ou ela, é a fonte de tal prazer para o actor, mas qualquer prazer que o parceiro receba nesta situação é alheio às preocupações do actor.

As relações românticas em estados precoces de desenvolvimento têm de ser caracterizadas pela atracção (Levinger & Snoek cit. por Steck et al., 1982), porque, pelo menos na cultura ocidental, são voluntárias – sem atracção inicial não existiria razão para a sua continuação. Os autores acrescentam ainda que, uma vez que a atracção é baseada, pelo menos em parte, na realização de necessidades pessoais, não é surpreendente componentes de elevada necessidade descrevam relacionamentos caracterizados pela atracção.

Existe uma ligeira tendência para os homens conceptualizarem uma associação mais forte entre necessidade e amor do que para as mulheres. Uma vez que a necessidade está altamente associada à atracção, estas diferenças corroboram os resultados que sugerem que os homens se apaixonam mais depressa do que as mulheres (Rubin, Peplau, & Hill, cit. por Steck et al., 1982), desde que se acredite que a atracção é o primeiro passo para se estar apaixonado. É quase como se os homens confundissem estarem atraídos, com estarem apaixonados, mais facilmente do que as mulheres.

### *Atractividade Física*

As pessoas atraentes podem ser apreciadas por razões estéticas, mas para Huston e Levinger (1978) a justificação que reúne mais consenso é a de que a beleza física fornece uma base para se inferir qualidades internas.

Segundo Feingold (1990), a investigação acerca do valor que se atribui à aparência física começou na década de trinta por sociólogos que construíram questionários de selecção de parceiros, como Baber ou Strauss. Nestes estudos os sujeitos avaliavam a importância de diferentes características no seu par ideal, e já nestas investigações para os homens, mais do

que para as mulheres, a boa aparência era basilar. Estes resultados foram corroborados por Huston e Levinger (1978) que verificaram este fenómeno com indivíduos a realizarem julgamentos de desejabilidade de parceiros para relacionamentos com níveis de intimidade a variarem desde encontros casuais até casamentos. Os autores acrescentam que, para ambos os sexos, indivíduos fisicamente atraentes são claramente considerados mais positivamente do que os seus pares fisicamente menos apelativos, chegando mesmo a receber tratamento preferencial. Referem ainda que esta evidência já foi constatada por diversos investigadores em amostras tão diversas como crianças, adolescentes, jovens adultos e adultos de meia-idade.

A investigação realizada no campo da formação de impressões descobriu que as pessoas atribuem características socialmente desejáveis a pessoas que considerem bem-parecidas (Bersheid & Walster cit. por Feingold, 1990). O que é suportado pelos resultados de Eagly, Ashmore, Makhijani e Kennedy (cit. por Feingold, 1990) que nas suas investigações sobre os componentes traço do estereótipo da atractividade física concluíram que as atribuições de sociabilidade, inteligência, competência social e saúde mental aos indivíduos fisicamente atraentes não variam com o sexo do alvo.

A partir das suas investigações Sprecher et al., (1994) concluíram que os homens requisitam mais vezes atractividade física num parceiro do que as mulheres, por outro lado, as mulheres oferecem mais vezes a atractividade física como atributo do que os homens. Contudo, estudos que focaram reacções e comportamentos de ambos os sexos em relação a indivíduos reais ou hipotéticos, para com quem se sentissem românticos, revelaram que homens e mulheres valorizam a atractividade física aproximadamente ao mesmo nível.

Dion, Bersheid e Walster (1972) estudaram o paradigma de “O que é belo é bom” e a partir do resultados obtidos concluíram a sua veracidade, isto é, que homens e mulheres consideram pessoas atraentes como sendo mais responsáveis, interessantes, sociáveis, gentis, fortes e extrovertidos do que as pessoas menos atraentes. Eram também vistas como mais possíveis de adquirir status ocupacional mais elevado, serem mais competentes como maridos e mulheres, e de ter casamentos mais felizes do que pessoas menos atraentes. Também aqui o sexo não teve qualquer efeito diferenciador.

Contudo, o estereótipo de atractividade nem sempre é favorável para as mulheres. Dermer e Thiel (cit. por Huston & Levinger, 1978) concluíram que as mulheres fisicamente atraentes eram vistas como mais fúteis e adúlteras do que as mulheres menos atractivas. Apesar de pouco frequentes, as diferenças entre géneros nos estereótipos de atractividade física sugerem

que as mulheres atraentes são consideradas de forma mais favorável do que os homens atraentes (Maner, Kenrick, Becker, Delton, Hofer, Wilbur & Neuberg, 2003), mas que as mulheres mais modestas e simples podem ser mais denegridas do que os homens fisicamente pouco atraentes (Li et al., 2002).

## Paixão

O amor romântico é essencialmente um fenómeno característico da adolescência (Faber cit. por Hatfield & Sprecher, 1986). De facto, neuroanatomistas e neurofisiologistas são unânimes em assumir que o amor passional é fomentado pelas alterações hormonais que ocorrem na adolescência e, assim sendo, aparece necessariamente após a puberdade (Hatfield & Sprecher, 1986).

Esta definição pode ser complementada com a de Rubin (1970), para quem o amor romântico inclui três componentes: uma necessidade afiliativa e dependente, uma predisposição para ajudar e uma orientação para a exclusividade e absorção.

Bersheid e Walster (cit. por Huston & Levinger, 1978), sugerem que as pessoas experienciam o “amor passional” quando dois fenómenos co-ocorrem: quando estão psicologicamente excitados e quando as pistas situacionais indicam que o “amor passional” é o termo indicado para o que estão a sentir. O que vai de encontro à posição tomada pelos investigadores da área das emoções, uma vez que, têm há muito concordado que mente e corpo interagem, moldando a experiência emocional (Hatfield & Sprecher, 1986).

O papel da mente reflecte-se no impacto profundo que as assumpções semiconscientes que as pessoas têm acerca daquilo que devem sentir, têm de facto sobre aquilo que realmente sentem. Hatfield e Sprecher (1986) ilustram este fenómeno com a aprendizagem que se exercita desde a infância, acerca de como os amantes se comportam, ou mesmo acerca de como se sente a paixão, através da sociedade, pais, amigos, ou até das experiências pessoais. Por outro lado, o corpo também desempenha um papel basilar na experiência emocional, uma vez que as pessoas apenas podem experienciar uma emoção se tiverem alguns sentimentos, ou seja, se estiverem psicologicamente despertados para tal. Sintetizando, os factores cognitivos

determinam como as pessoas percebem interpretam e codificam as experiências emocionais, e os factores fisiológicos se as pessoas chegam a sentir alguma emoção.

Deste modo, as pessoas assumem que é apropriado utilizar o termo amor passional para rotular um desejo intenso para se unirem com outra pessoa, independentemente de esse desejo ser recíproco, e assim se tornar uma fonte de felicidade e completude, ou ser incerto ou indesejado, e tornar-se deste modo uma fonte de solidão, ansiedade, ou desespero (Hatfield & Sprecher, 1986).

Walster e Walster (cit. por Hendrick & Hendrick, 1986) acrescentam ainda que o amor passional dá quase sempre lugar a um outro tipo de amor, caracterizado por menor intensidade de emoções, o amor companheiro, no desenvolvimento de um relacionamento íntimo.

### *A química do amor passional*

Liebowitz (cit. por Hatfield & Sprecher, 1986) foi um dos investigadores que mais ênfase colocou no estudo da química do amor passional. Observou que indivíduos dependentes do amor e indivíduos dependentes de drogas têm muito em comum, tendo concluído que o desejo por romance é o desejo por uma droga muito particular, e que os momentos que se seguem ao término de um relacionamento são muito semelhantes aos sintomas de abstinência de consumo de anfetaminas. Liebowitz (cit. por Hatfield & Sprecher, 1986) também nomeou as emoções que atravessam a mente dos apaixonados nos altos e baixos do amor. Os momentos altos são caracterizados por euforia, excitação, relaxamento, sentimentos espirituais e alívio, enquanto os momentos baixos compreendem ansiedade, ataques de pânico, a dor da separação e o medo do castigo.

Apesar dos “altos” e “baixos” do amor poderem ocorrer devido a neurotransmissores específicos, e a químicos que aumentam ou diminuem a sensibilidade do receptor, a grande maioria das emoções intensas têm algo em comum, são intensamente estimuladas (Hatfield & Sprecher, 1986). Os autores afirmam que todas produzem uma resposta simpática no sistema nervoso, o que transparece em todos os sintomas associados a estas emoções como a face

corada, palmas das mãos suadas, joelhos fracos, borboletas no estômago, tonturas, coração acelerado, tremores nas mãos e respiração acelerada.

### Mensuração de Conceitos Amorosos / Escalas utilizadas no presente estudo

Os instrumentos utilizados foram seleccionados por serem os mais referenciados nesta área de investigação, tornando-se, deste modo, basilares na metodologia utilizada. Assim, revela-se importante aceder a qualquer informação que seja facultada pelos autores que estudaram a validade de constructo e a validade discriminante de cada um dos instrumentos utilizados, tentando adicionalmente perceber se foram reportadas diferenças entre sexos.

Este exercício foi realizado apenas para os itens pertencentes a escalas, em detrimento dos itens que constituem questões colocadas em estudos experimentais, uma vez que são potencialmente as únicas com validades de constructo e discriminante reportadas. Ainda assim, nem todos os autores abordam estas duas questões. Seguidamente irão ser apresentadas as informações disponibilizadas pelos autores das escalas em estudo, excepção feita às escalas de Byrne (1971) e de McCroskey e McCain (1974), que não reportam qualquer informação relativa às questões solicitadas.

Hatfield e Sprecher (1986) conceberam a *Passionate love scale*, de forma a associar-se positivamente, mas não de forma idêntica, com outras medidas de amor e intimidade, sendo esta, segundo os próprios, a evidência da validade da escala. Os autores examinaram a associação entre o amor passional e outros constructos relacionados como a confiança, o compromisso, satisfação geral na relação, satisfação com o aspecto sexual da relação e várias medidas relativas ao desejo de se estar fisicamente próximo do parceiro e concluíram que se associa positivamente às mesmas. Revelam que a evidência da validade discriminante é o facto de a PLS se correlacionar mais com as variáveis que estão conceptualmente mais próximas do constructo de amor passional.

Na *Passionate love scale*, Hendrick e Hendrick (1986) também afirmam a validade de constructo das 6 subescalas concebidas, pela associação moderada entre elas, não revelando qualaquer informação acerca da validade discriminante das subescalas. Quanto às diferenças

entre sexos, apenas avançam que os não existem diferenças por sexos nas cotações da subescala em estudo, *Eros*.

A estratégia utilizada por McCroskey, McCroskey e Richmond (2006) para assegurar a validade de constructo é semelhante à dos autores anteriores, e de verifica-se de um modo geral para todos os autores de escalas com subescalas. Consideram claro que as três dimensões (*Atracção social; Atracção pela tarefa; Atracção física*) da sua Escala de Atracção interpessoal podem ser consideradas de forma distinta umas das outras, mas não são de todo independentes. Assim sendo, presumem ser natural esperar níveis de co-variação variados, de acordo com os diferentes contextos de comunicação.

Para Rodrigues e Garcia-Marques (2006) os dados obtidos a partir da elaboração da escala Índice de Atracção inicial sugerem que esta tem uma boa capacidade para discriminar o sentimento de atracção inicial em diferentes tipos de relacionamentos interpessoais, uma vez que, os valores médios do IAI foram significativamente mais elevados na condição Atracção inicial, em detrimento das condições Namoro, Amizade e Colega, que foram também experimentadas aquando da conceptualização da escala.

Rubin (1970), por seu lado garantiu, segundo o próprio, a validade discriminante das duas escalas construídas, Loving e Liking, uma vez que estas foram concebidas paralelamente (utilizando um método de demonstração de validade de constructo semelhante, mais uma vez, ao utilizado pelos autores que desenvolveram escalas com subescalas). O objectivo do autor foi desenvolver escalas de amar e de gostar consistentes internamente, que fossem conceptualmente distintas uma da outra e que na prática apenas se correlacionassem moderadamente, que reporta ter, de facto acontecido.

Um factor inesperado, aquando da verificação da validade da escala, foi a descoberta de que Amar e Gostar foram mais correlacionados pelos homens, do que pelas mulheres. Este dado sugere que as mulheres discriminam mais nitidamente os dois sentimentos, do que os homens. Rubin (1970) revela ainda que nas suas escalas de Amar e Gostar, as mulheres tendem a Amar mais as suas amigas, do que os homens os seus amigos, o que vem de encontro aos estereótipos culturais que dizem respeito às amizades entre sexos.

As verificações de validade realizadas por Sternberg (1997), para a Triangular love scale, têm algumas limitações, que segundo o próprio autor estão relacionadas com o uso exclusivo de informações obtidas através de questionários, uma vez que, em última análise a validade de

constructo da teoria do amor deveria ser completada com informação comportamental. Esta questão revela-se pertinente, uma vez que, as respostas a questionários nem sempre reflectem como as pessoas de facto se comportam no quotidiano. É, mais uma vez, reclamada a validade de constructo, mas não é facultada qualquer informação relativa à validade discriminante.

Este autor sugere a realização de testes de comparação directa entre teorias, conduzidos de forma imparcial, e de um modo que permitirá em última instância criar novas teorias baseadas no que as actuais têm de melhor. Este objectivo será talvez demasiado ambicioso para o presente estudo, mas ao tentar fornecer informação relativa á validade de constructo e validade discriminante dos instrumentos seleccionados esperamos contribuir, de alguma forma, nesse sentido.

O potencial mais importante da ciência das relações é, sem dúvida, uma melhor compreensão do comportamento humano. Bersheid (1999) é peremptória ao afirmar que não poderia ser de outro modo, pois as relações com outras pessoas são a base da condição humana, uma vez que nascemos e vivemos em relações, e mesmo quando morremos, os efeitos dos laços que criámos sobrevivem nas vidas das outras pessoas. As relações aparecem deste modo como o contexto para a maior parte do comportamento humano, e assim, compreender e predizer este comportamento é difícil, senão impossível, se se ignorar este contexto.

Os psicólogos que participam activamente no esforço multidisciplinar para desenvolver a ciência dos relacionamentos, fazem-no porque acreditam que o contexto omnipresente das relações humanas influencia fortemente o comportamento de cada indivíduo, bem como o seu desenvolvimento ao longo da vida (Reis, Collins & Bersheid, 2000). Dentro desta esfera das relações, e de todas as formas, sob as quais homens e mulheres diferem psicologicamente, talvez as mais surpreendentes decorram nas esferas do desejo sexual e das relações românticas (Schmitt et al., 2001), possivelmente porque o sexo é a tipologia biológica mais óbvia nos humanos (Barnes & Buss, 1985).

Sem intento de minimizar as semelhanças, as diferenças entre sexos são salientes e foram evidenciadas nesta breve revisão literária. Resta procurar saber se a conceptualização dos sentimentos de Amor, Amizade, Paixão e Atracção, recai sobre as diferenças ou semelhanças entre sexos, ou se como em inúmeros outros aspectos da natureza humana, algures no centro.

## REFERÊNCIAS

Barnes, M., & Buss, D. (1985). Sex differences in the interpersonal behavior of married couples. Journal of Personality and Social Psychology, 48 (3), 654-661.

Baumeister, R. (2000). Gender differences in erotic plasticity: The female sex drive as socially flexible and responsive. Psychological Bulletin, 126 (3), 347-374.

Baumeister, R., Catanese, K., Vohs, K. (2001). Is there a gender difference in strength of sex drive? Theoretical views, conceptual distinctions, and a review of relevant evidence. Personality and Social Psychology Review, 5 (3), 242-273.

Bersheid, E. (1999). The greening of relationship science. American Psychologist, 54 (4), 260-266.

Botwin, M., Buss, D., & Shakelford, T. (1997). Personality and mate preferences: Five factors in mate selection and marital satisfaction. Journal of Personality, 65 (1), 107-136.

Browning, J., Kessler, D., Hatfield, E., & Choo, P. (1999). Power, gender, and sexual behavior. The Journal of Sex Research, 36 (4), 342-347.

Buss, D. (1995). Psychological sex differences: Origins through sexual selection. American Psychologist, 50 (3), 164-168.

Buss, D. (2009). The great struggles of life: Darwin and the emergence of evolutionary psychology. American Psychologist, 64 (2), 140-148.

Buss, D., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. Journal of Personality and Social Psychology, 50 (3), 559-570.

Buss, D., & Schmitt, D. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. Psychological Review, 100 (2), 204-232.

Buss, D., & Shakelford, T. (1997). From vigilance to violence: Mate retention tactics in married couples. Journal of Personality and Social Psychology, 72, 346-361.

Byrne, D. (1971). The attraction paradigm. New York: Academic Press.

Choo, P., Levine, T., & Hatfield, E. (1996). Gender, love schemas, and reactions to romantic break-ups. Journal of Social Behavior and Personality, 11 (5), 143-160.

Dion, K., Bersheid, E., & Walster, E. (1972). What is beautiful is good. Journal of Personality and Social Psychology, 24 (3), 285-290.

Fehr, B. (1988). Intimacy expectations in same-sex friendships: A prototype interaction-pattern model. Journal of Personality and Social Psychology, 86 (2), 265-284.

Feingold, A. (1990). Gender differences in effects of physical attractiveness on romantic attraction: A comparison across five research paradigms. Journal of Personality and Social Psychology, 59 (5), 981-993.

Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. Journal of Adolescence, 9, 383-410.

Hays, R. (1984). The development and maintenance of friendship. Journal of Social and Personal Relationships, 1, 75-98.

Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. Journal of Personality and Social Psychology, 50 (2), 392-402.

Hinde, R., & Stevenson-Hinde, J. (1987). Implications of a relationships approach for the study of gender differences. Infant Mental Health Journal, 8 (3), 221-236.

Huston, T., & Levinger, G. (1978). Interpersonal attraction and relationships. Annual Reviews of Psychology, 29, 115-156.

Kenrick, D., Sadalla, E., Groth, G., & Trost, M. (1990). Evolution, traits, and the stages of human courtship: Qualifying the parental investment model. Journal of Personality, 58 (1), 97-116.

Lee, J. (2005). Do girls change more than boys? Gender differences and similarities in the impact of new relationships on identities and behavior. Self and Identity, 4, 131-147.

Li, N., & Kenrick, D. (2006). Sex similarities and differences in preferences for short-term mates: What, whether, and why. Journal of Personality and Social Psychology, 90 (3), 468-489.

Li, N., Kenrick, D., Bailey, J., & Linsenmeier, (2002). The necessities and luxuries of mate preferences: Testing the tradeoffs. Journal of Personality and Social Psychology, 82 (6), 947-995.

Maner, J., Kenrick, D., Becker, D., Delton, A., Hofer, B., Wilbur, C., & Neuberg, S. (2003). Sexually selective cognition: Beauty captures the mind of the beholder. Journal of Personality and Social Psychology, 85 (6), 1107-1120.

Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs?. Japanese Psychological Research, 45 (1), 25-37.

Mazur, E. (1989). Predicting gender differences in same-sex friendships from affiliation motive and value. Psychology of Women Quarterly, 13, 277-291.

McCroskey, J., & McCain, T. (1974). The measurement of interpersonal attraction. Speech Monographs, 41, 261-266.

McCroskey, L., McCroskey, J., & Richmond, V. (2006). Analysis and improvement of the measurement of interpersonal attraction and homophily. Communication Quarterly, 54 (1), 1-31.

McGee, E., & Shevlin, M. (2009). Effect of humor on interpersonal attraction and mate selection. The Journal of Psychology, 143 (1), 67-77.

Michinov, E., & Monteil, J. (2002). The similarity-attraction relationship revisited: Divergence between the affective and behavioral facets of attraction. European Journal of Social Psychology, 32, 485-500.

Missildine, W., Feldstein, G., Punzalan, J., & Parsons, J. (2005). S/he loves me, s/he loves me not: Questioning heterosexist assumptions of gender differences for romantic and sexually motivated behaviors. Sexual Addiction & Compulsivity, 12, 65-74.

Reis, H., Collins, W., & Bersheid, E. (2000). The relationship context of human behavior and development. Psychological Bulletin, 126 (6), 844-872.

Rodrigues, D., & Garcia-Marques, T. (2006). Como medir a atração sentida num primeiro encontro? Construção do Índice de Atração Inicial (IAI). In C. Machado, L. Almeida, M. Guisande, M. Gonçalves & V. Ramalho (Eds.), Actas da XI conferência internacional de avaliação psicológica: Formas e contextos (pp. 1027-1036). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. Journal of Personality and Social Psychology, 16 (2), 265-273.

Sadalla, E., Kenrick, D., & Vershure, B. (1987). Dominance and heterosexual attraction. Journal of Personality and Social Psychology, 52 (4), 730-738.

Schmitt, D., & Buss, D. (1996). Strategic self-promotion and competitor derogation: Sex and context effects on the perceived effectiveness of mate attraction tactics. Journal of Personality and Social Psychology, 70 (6), 1185-1204.

Schmitt, D., Shakelford, T., & Buss, D. (2001). Are men really more "oriented" toward short-term mating than women?. Psychology, Evolution & Gender, 3, 211-239.

Simpson, J., Gangestad, S., & Lerma, M. (1990). Perception of physical attractiveness: Mechanisms involved in the maintenance of romantic relationships. Journal of Personality and Social Psychology, 59 (6), 1192-1201.

Sprecher, S., Sullivan, Q., & Hatfield, E. (1994). Mate selection preferences: Gender differences examined in a national sample. Journal of Personality and Social Psychology, 66 (6), 1074-1080.

Steck, L., Levitan, D., McLane, D., & Kelley, H. (1982). Care, need, and conceptions of love. Journal of Personality and Social Psychology, 43 (3), 481-491.

Sternberg, R. (1986). A triangular theory of love. Psychological Review, 93 (2), 119-135.

Sternberg, R. (1987). Liking versus loving: A comparative evaluation of theories. Psychological Bulletin, 102 (3), 331-345.

Sternberg, R. (1997). Construct validation of a triangular love scale. European Journal of Social Psychology, 27, 313-335.

Verkuyten, M., & Masson, K. (1996). Culture and gender differences in the perception of friendship by adolescents. International Journal of Psychology, 31 (5), 207-217.

Zarbatany, L., Conley, R., & Pepper, S. (1990). Personality and gender differences in friendship needs and experiences in preadolescence and young adulthood. International Journal of Behavioral Development, 28 (4), 299-310.

## Anexo B: Itens utilizados na primeira aplicação

1. Gosto de ti.
2. Gosto de sair contigo.
3. Gosto de te beijar.
4. Considero-te agradável.
5. Considero-te desagradável.
6. Considero-te boa pessoa.
7. Considero-te má pessoa.
8. Acho-te feio(a).
9. Acho-te belo(a).
10. Acho-te horrível.
11. Acho-te simpático(a).
12. Considero-te cruel.
13. Considero-te altruísta
14. Considero-te uma pessoa fria.
15. Considero-te uma pessoa calorosa.
16. Possuis conhecimento de eventos correntes.
17. Tens sentido de moral.
18. Considero-te ajustado(a).
19. Desejo-te.
20. Dominas os meus pensamentos.
21. Dá-me prazer olhar para ti, ou apenas observar-te.
22. Penso em ti quando não estou contigo.
23. Existem coisas que só faço contigo.
24. Tenho sentimentos por ti que não poderia ter por outros(as).
25. Sentir-me-ia traído(a) ou magoado(a) se tivesses com outros(as), o mesmo relacionamento que tens comigo.
26. Temos o nosso próprio modo de fazer as coisas.
27. Somos sexualmente íntimos.
28. Considero-te sexualmente atraente.

29. Sinto prazer ao ser tocado(a) por ti, ou ao tocar-te.
30. Considero-te atraente.
31. Gostaria de te convidar para um encontro.
32. Gosto de trabalhar contigo.
33. Acho que tens estatuto.
34. Acho que tens sentido de humor.
35. Considero-te talentoso(a).
36. Considero-te capaz.
37. Considero-te dotado(a).
38. Acho que és habilidoso(a).
39. Acho-te competente.
40. Considero-te uma pessoa negativa.
41. Considero-te uma pessoa positiva.
42. Considero-te uma pessoa amigável.
43. Considero-te distante.
44. Considero-te próximo(a).
45. Acho que as nossas personalidades são semelhantes.
46. Acho que as nossas crenças e atitudes são semelhantes.
47. Gostava de ter as características que tu tens que te fazem desejado(a).
48. Correspondes ao meu "eu ideal".
49. Acho que gostas de mim.
50. Acho-te fisicamente atraente.
51. Acho-te popular e apreciado(a) por outros.
52. Considero-te egocêntrico(a) e presunçoso(a).
53. É interessante falar contigo.
54. A tua inteligência é semelhante à minha.
55. Dou-me bem contigo.
56. Gostaria de te conhecer melhor.
57. Sinto-me atraído(a) romanticamente por ti.
58. Sinto-me atraído(a) intelectualmente por ti.
59. Considero-te uma pessoa feliz.
60. Considero-te honesto(a).
61. Gosto de manter uma relação contigo.

62. Gosto que me convides para sair.
63. Acho-te interessante.
64. Acho-te entediante.
65. Considero-te popular.
66. Acho-te convencido(a).
67. Considero-te bem sucedido(a).
68. Considero-te desonesto(a).
69. Considero-te sincero(a).
70. Gosto de passar tempo contigo.
71. Gosto de trabalhar contigo em projectos de interesse mútuo.
72. Gosto de falar contigo em festas.
73. Tenho prazer em discutir tópicos controversos contigo.
74. És um bom(boa) amigo(a).
75. És o tipo de pessoa que eu gostaria de conhecer melhor.
76. Gosto da tua companhia.
77. Estou ansioso(a) por te conhecer.
78. Gosto de passar o meu tempo livre contigo.
79. Acho-te fútil.
80. Acho-te irritante.
81. Considero-te generoso(a).
82. Considero-te de confiança.
83. Considero-te atencioso(a).
84. Acho que és sexualmente estimulante.
85. Acho que és compreensivo(a).
86. Considero-te espirituoso(a).
87. Acho-te excitante.
88. Acho-te sensual.
89. Damo-nos bem.
90. Temos uma relação calorosa e confortável.
91. Temos uma excelente comunicação.
92. Desejo fortemente promover o teu bem-estar.
93. Temos uma relação de compreensão mútua.
94. Dás-me bastante apoio emocional.

95. Sei que posso contar contigo em momentos difíceis.
96. Dou bastante valor à tua presença na minha vida.
97. Estou disposto(a) a partilhar tudo contigo.
98. Dou-te bastante apoio emocional.
99. Não imagino outra pessoa que me possa fazer tão feliz como tu.
100. Não existe nada mais importante para mim do que a nossa relação.
101. A nossa relação é muito romântica.
102. Não consigo imaginar a minha vida sem ti.
103. Adoro-te.
104. Dou por mim a pensar em ti várias vezes ao dia.
105. Apenas o facto de te ver é emocionante para mim.
106. Eu idealizo-te.
107. Existe algo de mágico na nossa relação.
108. A nossa relação é muito activa.
109. Gosto especialmente de te dar presentes.
110. Irei sentir-me sempre responsável por ti.
111. Espero que o meu amor por ti dure para o resto da vida.
112. Não consigo imaginar-me a terminar a nossa relação.
113. Vejo a nossa relação como algo permanente.
114. Vou ficar ao teu lado, mesmo nos momentos mais difíceis.
115. Vejo o meu compromisso contigo como uma questão de princípio.
116. Estou certo(a) do meu compromisso contigo.
117. Decidi que te amo.
118. Estou decidido(a) a manter a nossa relação.
119. Vejo a nossa relação, em parte, como uma decisão bem ponderada.
120. Não deixaria que nada se intrometesse no meu compromisso contigo.
121. Estou confiante na estabilidade da nossa relação.
122. Quando te sentes triste o meu principal objectivo é animar-te.
123. Sinto que posso confiar em ti para praticamente tudo.
124. É fácil para mim ignorar os teus defeitos.
125. Faria quase tudo por ti.
126. Se nunca pudesse estar contigo, sentir-me -ia muito infeliz.
127. Quando me sinto só, o meu primeiro pensamento é procurar-te.

128. Uma das minhas principais preocupações é o teu bem-estar.
129. Perdoar-te-ia praticamente tudo.
130. Quando estamos juntos, passo grande parte do tempo apenas a olhar para ti.
131. A confiança que depositas em mim deixa-me muito feliz.
132. Seria difícil para mim viver sem ti.
133. Quando estamos juntos, estamos quase sempre em sintonia.
134. Penso que és excepcionalmente equilibrado(a).
135. Recomendar-te-ia fortemente para um emprego de responsabilidade.
136. És uma pessoa excepcionalmente madura.
137. Confio no teu discernimento.
138. A maior parte das pessoas tem uma opinião muito positiva a teu respeito, mesmo após um breve encontro.
139. Somos muito semelhantes.
140. Votaria em ti se existisse alguma eleição de grupo.
141. És uma pessoa que rapidamente conquista respeito.
142. És uma pessoa extremamente inteligente.
143. É muito fácil gostar de ti.
144. És o tipo de pessoa com quem eu gosto de estar.
145. É muito fácil para ti seres alvo de admiração.
146. Sentimo-nos mutuamente atraídos assim que nos conhecemos.
147. Existe uma grande química entre nós.
148. Quando fazemos amor, é muito intenso e gratificante.
149. Sinto que fomos feitos um para o outro.
150. Envolvemo-nos fisicamente muito depressa.
151. Envolvemo-nos emocionalmente muito depressa.
152. Entendemo-nos muito bem.
153. Correspondes ao meu "eu ideal" de beleza física.
154. Desde que estamos envolvidos, as minhas emoções assemelham-se a uma montanha russa.
155. Ficaria profundamente desesperado(a) se me deixasses.
156. Por vezes o meu corpo treme de excitação quando te vejo.
157. Tenho prazer em estudar os movimentos e os ângulos do teu corpo.

158. Por vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos.  
Penso obsessivamente em ti.
159. Sinto-me feliz quando estou a fazer alguma coisa para te fazer feliz.
160. Prefiro estar contigo do que com qualquer outra pessoa.
161. Ficaria com ciúmes se pensasse que te estavas a apaixonar por outra pessoa.
162. Mais ninguém te conseguiria amar como eu.
163. Anseio saber tudo sobre ti.
164. Quero-te. Fisicamente, emocionalmente, mentalmente.
165. Amar-te-ei para sempre.
166. "Derreto-me" quando olho profundamente para os teus olhos.
167. Tenho um apetite infinito pelo teu afecto.
168. És o(a) parceiro(a) perfeito(a) para mim.
169. És a pessoa que me consegue fazer mais feliz.
170. Sinto o meu corpo responder quando me tocas.
171. Sinto-me carinhoso(a) em relação a ti.
172. Parece que estás sempre na minha cabeça.
173. Se estivéssemos separados durante muito tempo sentir-me-ia intensamente só.
174. Por vezes sinto dificuldade em concentrar-me no trabalho porque não consigo parar de pensar em ti.
175. Quero que me conheças. Os meus pensamentos, medos e esperanças.
176. Saber que te preocupas comigo faz-me sentir completo(a).
177. Procuro fervorosamente sinais que indiquem o teu desejo por mim.
178. Se estivesses a passar por momentos difíceis, poria de lado os meus assuntos pessoais para te ajudar.
179. Na tua presença anseio tocar e ser tocado(a).
180. Uma existência sem ti seria escura e triste.
181. Sinto-me extremamente atraído(a) por ti.
182. Fico extremamente deprimido(a) quando as coisas não correm bem na nossa relação.
183. És óptimo(a) a resolver problemas que possam surgir.
184. Juntos conseguiríamos terminar todas as tarefas a que nos

propuséssemos

185. Tenho confiança na tua capacidade para executar tarefas.
186. Quando te atribuem uma tarefa és sempre muito dedicado(a).
187. Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo.
188. És exímio(a) desempenhar tarefas.
189. És uma mais-valia em qualquer situação laboral.
190. Recomendar-te-ia como colega de trabalho.
191. Posso contar contigo para desempenhar correctamente qualquer tarefa.
192. Levas o teu trabalho a sério.
193. És um(a) colega de trabalho de confiança.
194. Acho que poderias ser meu(minha) amigo(a).
195. Gostaria de ter uma conversa amigável contigo.
196. De certeza que te irias integrar no meu grupo de amigos.
197. É agradável estar contigo.
198. És sociável comigo.
199. Gosto de passar tempo a socializar contigo.
200. Poderiamo-nos tornar bons amigos.
201. É fácil relacionarmo-nos contigo.
202. Acho-te bonito(a).
203. Tens uma aparência sensual.
204. Gosto bastante do teu aspecto.
205. Tens uma aparência apelativa.
206. Tens uma cara atractiva.
207. És bem-parecido(a).
208. Sinto que te conheço pessoalmente.
209. Cativas-me.
210. A minha vida não seria completa se não te conhecesse.
211. Por vezes desejava ser mais parecido(a) contigo.
212. Acho que te vestes de forma apumada.
213. As roupas que vestes favorecem-te imenso.
214. Gosto muito de estudar contigo.
215. Pareces-me muito rápido a trabalhar.
216. Se unirmos esforços penso que conseguiríamos gerar novas ideias.

217. É divertido trabalhar contigo.
218. Sinto vontade de chamar a tua atenção.
219. Sinto-me atrevido(a) na tua presença.
220. Sinto-me intenso(a) ao pé de ti.
221. Tenho vontade de interagir contigo.
222. Sinto reciprocidade de sentimentos.
223. Tenho vontade de te agradar.
224. Sinto borboletas no estômago quando penso em ti.
225. Estou interessado(a) em ti.
226. Fico com o coração acelerado quando penso em ti.
227. Sinto carinho por ti.
228. Tenho vontade de trocar sorrisos contigo.
229. Tenho vontade de estar contigo.
230. Sinto um click quando estou contigo.
231. Sinto vivacidade por estar contigo.
232. Sinto vontade de sentir quando estou contigo.
233. Tenho vontade de rir quando estou contigo.
234. Sinto um fascínio em relação a ti.
235. Tenho curiosidade em relação a ti.
236. Sinto-me alegre quando estou contigo.
237. Tenho vontade de olhar para ti.
238. Sinto empatia em relação a ti.
239. Tenho vontade de passar tempo contigo.
240. Sinto algo estranho em relação a ti.
241. Sinto algo inexplicável por ti.
242. Sinto que existe química entre nós.
243. Sinto-me atraído(a) fisicamente por ti.
244. Tenho pensamentos relacionados contigo.
245. Tenho vontade de te conhecer.
246. Sinto-me corar na tua presença.

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: F

M

Obrigada pela sua participação!

## Anexo C: Folha de respostas utilizada na primeira aplicação

Este tipo de frase eu teria vontade de dizer (vinham-me à cabeça, mesmo que não dissesse) a uma pessoa pela qual sentisse...

Indique o número de cada item dentro da figura correspondente à sua opinião. Pode colocar um item em mais do que uma caixa.

AMOR	ADMIRAZÃO	PAIXÃO	IRACUNDA	OUTROS

## Anexo D: Itens utilizados na segunda aplicação

- 1 Gosto de ti.
- 2 Gosto de sair contigo.
- 3 Gosto de te beijar.
- 4 Considero-te agradável.
- 5 Considero-te desagradável.
- 6 Considero-te boa pessoa.
- 7 Acho-te feio(a).
- 8 Acho-te belo(a).
- 9 Acho-te simpático(a).
- 10 Considero-te altruísta
- 11 Considero-te uma pessoa calorosa.
- 12 Possuis conhecimento de eventos correntes.
- 13 Tens sentido de moral.
- 14 Considero-te ajustado(a).
- 15 Desejo-te.
- 16 Dominas os meus pensamentos.
- 17 Dá-me prazer olhar para ti, ou apenas observar-te.
- 18 Penso em ti quando não estou contigo.
- 19 Existem coisas que só faço contigo.
- 20 Tenho sentimentos por ti que não poderia ter por outros(as).
- 21 Sentir-me-ia traído ou magoado se tivesses com outros(as), o mesmo relacionamento que tens comigo.
- 22 Temos o nosso próprio modo de fazer as coisas.
- 23 Somos sexualmente íntimos.
- 24 Considero-te sexualmente atraente.
- 25 Sinto prazer ao ser tocado(a) por ti, ou ao tocar-te.
- 26 Considero-te atraente.
- 27 Gostaria de te convidar para um encontro.
- 28 Gosto de trabalhar contigo.
- 29 Acho que tens estatuto.

- 30 Acho que tens sentido de humor.
- 31 Considero-te talentoso(a).
- 32 Considero-te capaz.
- 33 Considero-te dotado(a).
- 34 Acho que és habilidoso(a).
- 35 Acho-te competente.
- 36 Considero-te uma pessoa positiva.
- 37 Considero-te uma pessoa amigável.
- 38 Considero-te distante.
- 39 Considero-te próximo(a).
- 40 Acho que as nossas personalidades são semelhantes.
- 41 Acho que as nossas crenças e atitudes são semelhantes.
- 42 Gostava de ter as características que tu tens que te fazem desejado(a).
- 43 Correspondes ao meu "eu ideal".
- 44 Acho que gostas de mim.
- 45 Acho-te fisicamente atraente.
- 46 Acho-te popular e apreciado(a) por outros.
- 47 É interessante falar contigo.
- 48 A tua inteligência é semelhante à minha.
- 49 Dou-me bem contigo.
- 50 Gostaria de te conhecer melhor.
- 51 Sinto-me atraído(a) romanticamente por ti.
- 52 Sinto-me atraído(a) intelectualmente por ti.
- 53 Considero-te uma pessoa feliz.
- 54 Considero-te honesto(a).
- 55 Gosto de manter uma relação contigo.
- 56 Gosto que me convides para sair.
- 57 Acho-te interessante.
- 58 Considero-te popular.
- 59 Acho-te convencido(a).
- 60 Considero-te bem sucedido(a).
- 61 Considero-te sincero(a).
- 62 Gosto de passar tempo contigo.

- 63 Gosto de trabalhar contigo em projectos de interesse mútuo.
- 64 Gosto de falar contigo em festas.
- 65 Tenho prazer em discutir tópicos controversos contigo.
- 66 És um bom(boa) amigo(a).
- 67 És o tipo de pessoa que eu gostaria de conhecer melhor.
- 68 Gosto da tua companhia.
- 69 Estou ansioso(a) por te conhecer.
- 70 Gosto de passar o meu tempo livre contigo.
- 71 Considero-te generoso(a).
- 72 Considero-te de confiança.
- 73 Considero-te atencioso(a).
- 74 Acho que és sexualmente estimulante.
- 75 Acho que és compreensivo(a).
- 76 Considero-te espirituoso(a).
- 77 Acho-te excitante.
- 78 Acho-te sensual.
- 79 Damo-nos bem.
- 80 Temos uma relação calorosa e confortável.
- 81 Temos uma excelente comunicação.
- 82 Desejo fortemente promover o teu bem-estar.
- 83 Temos uma relação de compreensão mútua.
- 84 Dás-me bastante apoio emocional.
- 85 Sei que posso contar contigo em momentos difíceis.
- 86 Dou bastante valor à tua presença na minha vida.
- 87 Estou disposto(a) a partilhar tudo contigo.
- 88 Dou-te bastante apoio emocional.
- 89 Não imagino outra pessoa que me possa fazer tão feliz como tu.
- 90 Não existe nada mais importante para mim do que a nossa relação.
- 91 A nossa relação é muito romântica.
- 92 Não consigo imaginar a minha vida sem ti.
- 93 Adoro-te.
- 94 Dou por mim a pensar em ti várias vezes ao dia.
- 95 Apenas o facto de te ver é emocionante para mim.

- 96 Eu idealizo-te.
- 97 Existe algo de mágico na nossa relação.
- 98 A nossa relação é muito activa.
- 99 Gosto especialmente de te dar presentes.
- 100 Irei sentir-me sempre responsável por ti.
- 101 Espero que o meu amor por ti dure para o resto da vida.
- 102 Não consigo imaginar-me a terminar a nossa relação.
- 103 Vejo a nossa relação como algo permanente.
- 104 Vou ficar ao teu lado, mesmo nos momentos mais difíceis.
- 105 Vejo o meu compromisso contigo como uma questão de princípio.
- 106 Estou certo(a) do meu compromisso contigo.
- 107 Decidi que te amo.
- 108 Estou decidido(a) a manter a nossa relação.
- 109 Vejo a nossa relação, em parte, como uma decisão bem ponderada.
- 110 Não deixaria que nada se intrometesse no meu compromisso contigo.
- 111 Estou confiante na estabilidade da nossa relação.
- 112 Quando te sentes triste o meu principal objectivo é animar-te.
- 113 Sinto que posso confiar em ti para praticamente tudo.
- 114 É fácil para mim ignorar os teus defeitos.
- 115 Faria quase tudo por ti.
- 116 Se nunca pudesse estar contigo, sentir-me -ia muito infeliz.
- 117 Quando me sinto só, o meu primeiro pensamento é procurar-te.
- 118 Uma das minhas principais preocupações é o teu bem-estar.
- 119 Perdoar-te-ia praticamente tudo.
- 120 Quando estamos juntos, passo grande parte do tempo apenas a olhar para ti.
- 121 A confiança que depositas em mim deixa-me muito feliz.
- 122 Seria difícil para mim viver sem ti.
- 123 Quando estamos juntos, estamos quase sempre em sintonia.
- 124 Penso que és excepcionalmente equilibrado(a).
- 125 Recomendar-te-ia fortemente para um emprego de responsabilidade.
- 126 És uma pessoa excepcionalmente madura.
- 127 Confio no teu discernimento.
- 128 A maior parte das pessoas tem uma opinião muito positiva a teu respeito, mesmo após

- um breve encontro.
- 129 Somos muito semelhantes.
- 130 Votaria em ti se existisse alguma eleição de grupo.
- 131 És uma pessoa que rapidamente conquista respeito.
- 132 És uma pessoa extremamente inteligente.
- 133 É muito fácil gostar de ti.
- 134 És o tipo de pessoa com quem eu gosto de estar.
- 135 É muito fácil para ti seres alvo de admiração.
- 136 Sentimo-nos mutuamente atraídos assim que nos conhecemos.
- 137 Existe uma grande química entre nós.
- 138 Quando fazemos amor, é muito intenso e gratificante.
- 139 Sinto que fomos feitos um para o outro.
- 140 Envolvemo-nos fisicamente muito depressa.
- 141 Envolvemo-nos emocionalmente muito depressa.
- 142 Entendemo-nos muito bem.
- 143 Correspondes ao meu "eu ideal" de beleza física.
- 144 Desde que estamos envolvidos, as minhas emoções assemelham-se a uma montanha russa.
- 145 Ficaria profundamente desesperado(a) se me deixasses.
- 146 Por vezes o meu corpo treme de excitação quando te vejo.
- 147 Tenho prazer em estudar os movimentos e os ângulos do teu corpo.
- 148 Por vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos. Penso obsessivamente em ti.
- 149 Sinto-me feliz quando estou a fazer alguma coisa para te fazer feliz.
- 150 Prefiro estar contigo do que com qualquer outra pessoa.
- 151 Ficaria com ciúmes se pensasse que te estavas a apaixonar por outra pessoa.
- 152 Mais ninguém te conseguiria amar como eu.
- 153 Anseio saber tudo sobre ti.
- 154 Quero-te. Fisicamente, emocionalmente, mentalmente.
- 155 Amar-te-ei para sempre.
- 156 "Derreto-me" quando olho profundamente para os teus olhos.
- 157 Tenho um apetite infinito pelo teu afecto.
- 158 És o(a) parceiro(a) perfeito(a) para mim.

- 159 És a pessoa que me consegue fazer mais feliz.
- 160 Sinto o meu corpo responder quando me tocas.
- 161 Sinto-me carinhoso(a) em relação a ti.
- 162 Parece que estás sempre na minha cabeça.
- 163 Se estivéssemos separados durante muito tempo sentir-me-ia intensamente só.
- 164 Por vezes sinto dificuldade em concentrar-me no trabalho porque não consigo parar de pensar em ti.
- 165 Quero que me conheças. Os meus pensamentos, medos e esperanças.
- 166 Saber que te preocupas comigo faz-me sentir completo(a).
- 167 Procuro fervorosamente sinais que indiquem o teu desejo por mim.
- 168 Se estivesses a passar por momentos difíceis, poria de lado os meus assuntos pessoais para te ajudar.
- 169 Na tua presença anseio tocar e ser tocado(a).
- 170 Uma existência sem ti seria escura e triste.
- 171 Sinto-me extremamente atraído(a) por ti.
- 172 Fico extremamente deprimido(a) quando as coisas não correm bem na nossa relação.
- 173 És óptimo(a) a resolver problemas que possam surgir.
- 174 Juntos conseguiríamos terminar todas as tarefas a que nos propuséssemos
- 175 Tenho confiança na tua capacidade para executar tarefas.
- 176 Quando te atribuem uma tarefa és sempre muito dedicado(a).
- 177 Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo.
- 178 És exímio(a) a desempenhar tarefas.
- 179 És uma mais-valia em qualquer situação laboral.
- 180 Recomendar-te-ia como colega de trabalho.
- 181 Posso contar contigo para desempenhar correctamente qualquer tarefa.
- 182 Levas o teu trabalho a sério.
- 183 És um(a) colega de trabalho de confiança.
- 184 Acho que poderias ser meu(minha) amigo(a).
- 185 Gostaria de ter uma conversa amigável contigo.
- 186 De certeza que te irias integrar no meu grupo de amigos.
- 187 É agradável estar contigo.
- 188 És sociável comigo.
- 189 Gosto de passar tempo a socializar contigo.

- 190 Poderíamos-nos tornar bons amigos.
- 191 É fácil relacionarmo-nos contigo.
- 192 Acho-te bonito(a).
- 193 Tens uma aparência sensual.
- 194 Gosto bastante do teu aspecto.
- 195 Tens uma aparência apelativa.
- 196 Tens uma cara atractiva.
- 197 És bem-parecido(a).
- 198 Sinto que te conheço pessoalmente.
- 199 Cativas-me.
- 200 A minha vida não seria completa se não te conhecesse.
- 201 Por vezes desejava ser mais parecido(a) contigo.
- 202 Tens uma imagem cuidada.
- 203 As roupas que vestes favorecem-te imenso.
- 204 Gosto muito de estudar contigo.
- 205 Pareces-me muito rápido(a) a trabalhar.
- 206 Se unirmos esforços penso que conseguiríamos gerar novas ideias.
- 207 É divertido trabalhar contigo.
- 208 Sinto vontade de chamar a tua atenção.
- 209 Sinto-me atrevido(a) na tua presença.
- 210 Sinto-me intenso(a) ao pé de ti.
- 211 Tenho vontade de interagir contigo.
- 212 Sinto reciprocidade de sentimentos.
- 213 Tenho vontade de te agradecer.
- 214 Sinto borboletas no estômago quando penso em ti.
- 215 Estou interessado(a) em ti.
- 216 Fico com o coração acelerado quando penso em ti.
- 217 Sinto carinho por ti.
- 218 Tenho vontade de trocar sorrisos contigo.
- 219 Tenho vontade de estar contigo.
- 220 Sinto um click quando estou contigo.
- 221 Sinto vivacidade por estar contigo.
- 222 Sinto vontade de sentir quando estou contigo.

- 223 Tenho vontade de rir quando estou contigo.
- 224 Sinto um fascínio em relação a ti.
- 225 Tenho curiosidade em relação a ti.
- 226 Sinto-me alegre quando estou contigo.
- 227 Tenho vontade de olhar para ti.
- 228 Sinto empatia em relação a ti.
- 229 Tenho vontade de passar tempo contigo.
- 230 Sinto algo estranho em relação a ti.
- 231 Sinto algo inexplicável por ti.
- 232 Sinto que existe química entre nós.
- 233 Sinto-me atraído(a) fisicamente por ti.
- 234 Tenho pensamentos relacionados contigo.
- 235 Tenho vontade de te conhecer.
- 236 Sinto-me corar na tua presença.

Idade:

Género sexual:

Obrigada pela sua participação!

## Anexo E: Grupos formados pelos dois sexos e itens a eles associados

Tabela E1

Grupo Amor/Amizade/Paixão/Atracção

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Acho-te fisicamente atraente.	Acho-te belo(a).
	Gosto de passar tempo contigo.
	Gosto especialmente de te dar presentes.
	Sinto-me feliz quando estou a fazer alguma coisa para te fazer feliz.

Tabela E2

Grupo Amor/Amizade/Paixão

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Adoro-te.	Existem coisas que só faço contigo.
Sinto-me alegre quando estou contigo.	Desejo fortemente promover o teu bem-estar.
	Sei que posso contar contigo em momentos difíceis.
	Dou bastante valor à tua presença na minha vida.
	Dou-te bastante apoio emocional.
	Não existe nada mais importante para mim do que a nossa relação.
	Adoro-te.
	Faria quase tudo por ti.
	Quando me sinto só, o meu primeiro pensamento é procurar-te.
	Uma das minhas principais preocupações é o teu bem-estar.
	Perdoar-te-ia praticamente tudo.
	A confiança que depositas em mim deixa-me muito feliz.

Tabela E3

Grupo Amor/Amizade/Atracção

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Acho-te belo.	Gosto de ti.
Gosto que me convides para sair.	Acho que as nossas personalidades são semelhantes.
Gosto da tua companhia.	Gosto da tua companhia.
É agradável estar contigo.	Gosto de passar o meu tempo livre contigo.
É fácil relacionarmo-nos contigo.	É agradável estar contigo.
	Tenho vontade de estar contigo.
	Sinto vontade de sentir quando estou contigo.

Tabela E4

## Grupo Amor/Paixão/Atracção

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Desejo-te.	Gosto de te beijar.
Sinto prazer ao ser tocado por ti, ou ao tocar-te.	Desejo-te.
Quando estamos juntos, passo grande parte do tempo apenas a olhar para ti.	Dominas os meus pensamentos.
Sinto o meu corpo responder quando me tocas.	Penso em ti quando não estou contigo.
Sinto que existe química entre nós.	Considero-te sexualmente atraente.
	Sinto prazer ao ser tocado por ti, ou ao tocar-te.
	Considero-te atraente.
	Acho que és sexualmente estimulante.
	Dou por mim a pensar em ti várias vezes ao dia.
	Apenas o facto de te ver é emocionante para mim.
	Quando estamos juntos, passo grande parte do tempo apenas a olhar para ti.
	Sentimo-nos mutuamente atraídos assim que nos conhecemos.
	Existe uma grande química entre nós.
	Quando fazemos amor, é muito intenso e gratificante.
	Sinto que fomos feitos um para o outro.
	Envolvemo-nos emocionalmente muito depressa.
	Entendemo-nos muito bem.
	Desde que estamos envolvidos, as minhas emoções assemelham-se a uma montanha russa.
	Ficaria profundamente desesperado(a) se me deixasses.
	Por vezes o meu corpo treme de excitação quando te vejo.
	Tenho prazer em estudar os movimentos e os ângulos do teu corpo.
	Por vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos. Penso obsessivamente em ti.
	Prefiro estar contigo do que com qualquer outra pessoa.
	Quero-te. Fisicamente, emocionalmente, mentalmente.
	"Derreto-me" quando olho profundamente para os teus olhos.
	Tenho um apetite infinito pelo teu afecto.
	Sinto o meu corpo responder quando me tocas.
	Parece que estás sempre na minha cabeça.
	Por vezes sinto dificuldade em concentrar-me no trabalho porque não consigo parar de pensar em ti.
	Sinto-me extremamente atraído(a) por ti.
	Sinto-me atrevido(a) na tua presença.
	Sinto borboletas no estômago quando penso em ti.
	Fico com o coração acelerado quando penso em ti.
	Sinto um click quando estou contigo.
	Tenho vontade de passar tempo contigo.
	Sinto algo inexplicável por ti.
	Tenho pensamentos relacionados contigo.

Tabela E5

Grupo Amor/Amizade/Outros tipos de relações

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Acho que as nossas crenças e atitudes são semelhantes.	Considero-te distante.
Gosto de manter uma relação contigo.	

Tabela E6

Grupo Amor/Atracção/Outros tipos de relações

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Os juízes deste sexo não elaboraram este grupo de itens	Correspondes ao meu "eu ideal" de beleza física.

Tabela E7

Grupo Amizade/Atracção/ Outros tipos de relações

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Os juízes deste sexo não elaboraram este grupo de itens	Considero-te boa pessoa.
	Tens uma imagem cuidada

Tabela E8

Grupo Amor/Paixão

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Gosto de te beijar.	Dá-me prazer olhar para ti, ou apenas observar-te.
Penso em ti quando não estou contigo.	Tenho sentimentos por ti que não poderia ter por outros(as).
Somos sexualmente íntimos.	Sentir-me-ia traído ou magoado se tivesses com outros(as), o mesmo relacionamento que tens comigo.
Considero-te sexualmente atraente.	Somos sexualmente íntimos.
Dou por mim a pensar em ti várias vezes ao dia.	Gosto de manter uma relação contigo.
Apenas o facto de te ver é emocionante para mim.	Temos uma excelente comunicação.
A nossa relação é muito activa.	Dás-me bastante apoio emocional.
És o tipo de pessoa com quem eu gosto de estar.	Estou disposto(a) a partilhar tudo contigo.
É muito fácil para ti seres alvo de admiração.	Não imagino outra pessoa que me possa fazer tão feliz como tu.
Quando fazemos amor, é muito intenso e gratificante.	A nossa relação é muito romântica.
Tenho prazer em estudar os movimentos e os ângulos do teu corpo.	Não consigo imaginar a minha vida sem ti.
Prefiro estar contigo do que com qualquer outra pessoa.	Existe algo de mágico na nossa relação.
Ficaria com ciúmes se pensasse que te estavas a apaixonar por outra pessoa.	A nossa relação é muito activa.
Quero-te. Fisicamente, emocionalmente, mentalmente.	Irei sentir-me sempre responsável por ti.
"Derreto-me" quando olho profundamente para os teus olhos.	Espero que o meu amor por ti dure para o resto da vida.
Parece que estás sempre na minha cabeça.	Não consigo imaginar-me a terminar a nossa relação.

Tabela E8 (continuação)

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Na tua presença anseio tocar e ser tocado(a).	Vejo a nossa relação como algo permanente.
Sinto reciprocidade de sentimentos.	Vou ficar ao teu lado, mesmo nos momentos mais difíceis.
Tenho vontade de te agradar.	Estou certo(a) do meu compromisso contigo.
Fico com o coração acelerado quando penso em ti.	Decidi que te amo.
Tenho vontade de estar contigo.	Estou decidido(a) a manter a nossa relação.
Sinto vivacidade por estar contigo.	Não deixaria que nada se intrometesse no meu compromisso contigo.
Sinto vontade de sentir quando estou contigo.	Estou confiante na estabilidade da nossa relação.
Tenho vontade de passar tempo contigo.	É fácil para mim ignorar os teus defeitos.
Tenho pensamentos relacionados contigo.	Se nunca pudesse estar contigo, sentir-me -ia muito infeliz.
Sinto-me corar na tua presença.	Seria difícil para mim viver sem ti.
	Quando estamos juntos, estamos quase sempre em sintonia.
	Envolvemo-nos fisicamente muito depressa.
	Ficaria com ciúmes se pensasse que te estavas a apaixonar por outra pessoa.
	Mais ninguém te conseguiria amar como eu.
	Amar-te-ei para sempre.
	És o parceiro perfeito para mim.
	És a pessoa que me consegue fazer mais feliz.
	Se estivéssemos separados durante muito tempo sentir-me-ia intensamente só.
	Saber que te preocupas comigo faz-me sentir completo(a).
	Na tua presença anseio tocar e ser tocado(a).
	Tenho vontade de te agradar.
	Sinto um fascínio em relação a ti.

Tabela E9

Grupo Amor/Atração

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Dá-me prazer olhar para ti, ou apenas observar-te.	Sinto-me atraído (romanticamente) por ti.
Tenho vontade de olhar para ti.	Sinto-me atraído (intelectualmente) por ti.
	Gosto que me convides para sair.
	Eu idealizo-te.
	Procuro fervorosamente sinais que indiquem o teu desejo por mim.
	Tenho vontade de olhar para ti.

Tabela E10

## Grupo Amor/Amizade

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Existem coisas que só faço contigo.	Temos o nosso próprio modo de fazer as coisas.
Temos o nosso próprio modo de fazer as coisas.	Acho que tens sentido de humor.
Acho que tens sentido de humor.	Considero-te próximo(a).
Considero-te talentoso(a).	Considero-te bem sucedido(a).
Considero-te próximo(a).	Considero-te sincero(a).
Acho que as nossas personalidades são semelhantes.	Considero-te de confiança.
Dou-me bem contigo.	Considero-te atencioso(a).
Considero-te uma pessoa feliz.	Acho que és compreensivo(a).
Considero-te sincero(a).	Temos uma relação de compreensão mútua.
Gosto de passar tempo contigo.	Quando te sentes triste o meu principal objectivo é animar-te.
És um bom(boa) amigo(a).	Sinto que posso confiar em ti para praticamente tudo.
Gosto de passar o meu tempo livre contigo.	Somos muito semelhantes.
Considero-te de confiança.	És o tipo de pessoa com quem eu gosto de estar.
Considero-te atencioso(a).	Sinto-me carinhoso(a) em relação a ti.
Acho que és compreensivo(a).	Se estivesses a passar por momentos difíceis, poria de lado os meus assuntos pessoais para te ajudar.
Damo-nos bem.	De certeza que te irias integrar no meu grupo de amigos.
Temos uma excelente comunicação.	Acho-te bonito(a).
Temos uma relação de compreensão mútua.	Cativas-me.
Dás-me bastante apoio emocional.	A minha vida não seria completa se não te conhecesse.
Sei que posso contar contigo em momentos difíceis.	Sinto reciprocidade de sentimentos.
Dou bastante valor à tua presença na minha vida.	Sinto carinho por ti.
Dou-te bastante apoio emocional.	Sinto vivacidade por estar contigo.
Gosto especialmente de te dar presentes.	Tenho vontade de rir quando estou contigo.
Irei sentir-me sempre responsável por ti.	Sinto-me alegre quando estou contigo.
Vou ficar ao teu lado, mesmo nos momentos mais difíceis.	
Vejo o meu compromisso contigo como uma questão de princípio.	
Quando te sentes triste o meu principal objectivo é animar-te.	
Sinto que posso confiar em ti para praticamente tudo.	
Uma das minhas principais preocupações é o teu bem-estar.	
A confiança que depositas em mim deixa-me muito feliz.	
Quando estamos juntos, estamos quase sempre em sintonia.	
Confio no teu discernimento.	
Somos muito semelhantes.	
És uma pessoa extremamente inteligente.	
É muito fácil gostar de ti.	
Entendemo-nos muito bem.	
Se estivesses a passar por momentos difíceis, poria de lado os meus assuntos pessoais para te ajudar.	
És óptimo a resolver problemas que possam surgir.	
Cativas-me.	
Tenho vontade de rir quando estou contigo.	

Tabela E11

Grupos Amor/ Outros tipos de relações

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Considero-te distante.	Os juízes deste sexo não elaboraram este grupo de itens

Tabela E12

Grupo Amizade/Atracção

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Gosto de sair contigo.	Gosto de sair contigo.
Gostaria de te conhecer melhor.	Dou-me bem contigo.
Acho-te interessante.	Gostaria de te conhecer melhor.
Gosto de falar contigo em festas.	Gosto de falar contigo em festas.
Gosto de passar tempo a socializar contigo.	És o tipo de pessoa que eu gostaria de conhecer melhor.
Sinto empatia em relação a ti.	És uma pessoa extremamente inteligente.
	É muito fácil gostar de ti.
	Gosto bastante do teu aspecto.
	Tens uma aparência apelativa.
	Tens uma cara atractiva.
	És bem-parecido(a).
	As roupas que vestes favorecem-te imenso.
	Tenho vontade de interagir contigo.
	Tenho curiosidade em relação a ti.

Tabela E13

Grupo Amizade/ Outros tipos de relações

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Acho-te feio(a).	Considero-te desagradável.
Possuis conhecimento de eventos correntes.	Acho-te simpático.
Tens sentido de moral.	Considero-te altruísta
Considero-te ajustado.	Possuis conhecimento de eventos correntes.
Acho que tens estatuto.	Tens sentido de moral.
Acho que és habilidoso(a).	Considero-te ajustado.
Considero-te uma pessoa positiva.	Gosto de trabalhar contigo.
Considero-te uma pessoa amigável.	Acho que és habilidoso(a).
É interessante falar contigo.	Considero-te popular.
Considero-te bem sucedido(a).	Acho-te convencido(a).
Tenho prazer em discutir tópicos controversos contigo.	Gosto de trabalhar contigo em projectos de interesse mútuo.
Recomendar-te-ia fortemente para um emprego de responsabilidade.	Recomendar-te-ia fortemente para um emprego de responsabilidade.
Recomendar-te-ia como colega de trabalho.	És uma pessoa excepcionalmente madura.
És bem-parecido(a).	Confio no teu discernimento.
Gosto muito de estudar contigo.	Votaria em ti se existisse alguma eleição de grupo.

Tabela E13 (continuação)

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
É divertido trabalhar contigo.	És uma pessoa que rapidamente conquista respeito.
	És ótimo a resolver problemas que possam surgir.
	Juntos conseguiríamos terminar todas as tarefas a que nos propuséssemos
	Gosto muito de estudar contigo.
	É divertido trabalhar contigo.
	Sinto empatia em relação a ti.

Tabela E14

Grupo Amizade/Paixão

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Considero-te uma pessoa calorosa.	Penso que és excepcionalmente equilibrado(a).

Tabela E15

Grupo Paixão/Atração

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Gostaria de te convidar para um encontro.	Acho-te fisicamente atraente.
Acho que és sexualmente estimulante.	Acho-te interessante.
Acho-te excitante.	Sinto vontade de chamar a tua atenção.
Acho-te sensual.	Sinto-me intenso(a) ao pé de ti.
Existe uma grande química entre nós.	Sinto que existe química entre nós.
Envolvemo-nos fisicamente muito depressa.	
Procuro fervorosamente sinais que indiquem o teu desejo por mim.	
Sinto vontade de chamar a tua atenção.	
Estou interessado(a) em ti.	
Tenho vontade de trocar sorrisos contigo.	
Sinto um fascínio em relação a ti.	
Sinto-me atraída (fisicamente) por ti.	

Tabela E16

Grupo Atração/ Outros tipos de relações

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Considero-te popular.	Os juízes deste sexo não elaboraram este grupo de itens

Tabela E17

## Grupo Outros tipos de relações

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Considero-te desagradável.	Acho-te feio.
Acho-te competente.	Acho que tens estatuto.
Acho-te popular e apreciado por outros.	Acho-te competente.
A tua inteligência é semelhante à minha.	A tua inteligência é semelhante à minha.
Sinto-me atraído (intelectualmente) por ti.	Tenho confiança na tua capacidade para executar tarefas.
Acho-te convencido(a).	Quando te atribuem uma tarefa és sempre muito dedicado.
Gosto de trabalhar contigo em projectos de interesse mútuo.	Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo.
Penso que és excepcionalmente equilibrado(a).	És exímio a desempenhar tarefas.
Quando te atribuem uma tarefa és sempre muito dedicado.	És uma mais-valia em qualquer situação laboral.
Gostaria de desempenhar uma tarefa contigo.	Recomendar-te-ia como colega de trabalho.
És exímio a desempenhar tarefas.	Posso contar contigo para desempenhar correctamente qualquer tarefa.
És uma mais-valia em qualquer situação laboral.	Levas o teu trabalho a sério.
Posso contar contigo para desempenhar correctamente qualquer tarefa.	És um colega de trabalho de confiança.
Levas o teu trabalho a sério.	Pareces-me muito rápido a trabalhar.
És um colega de trabalho de confiança.	Se unirmos esforços penso que conseguiríamos gerar novas ideias.
Acho-te bonito(a).	
Tens uma aparência sensual.	
Gosto bastante do teu aspecto.	
Tens uma aparência apelativa.	
Tens uma cara atractiva.	
Sinto que te conheço pessoalmente.	
Pareces-me muito rápido a trabalhar.	
Se unirmos esforços penso que conseguiríamos gerar novas ideias.	

Tabela E18

## Grupo itens não consensuais entre juízes

<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
Gostava de ter as características que tu tens que te fazem desejado(a).	Acho que gostas de mim.
Tenho vontade de interagir contigo.	